

Magazine mensal ilustrado

LIVRARIA FERREIRA, Editora

Redacção e administração

Praca dos Restauradores, 30 — LISBOA

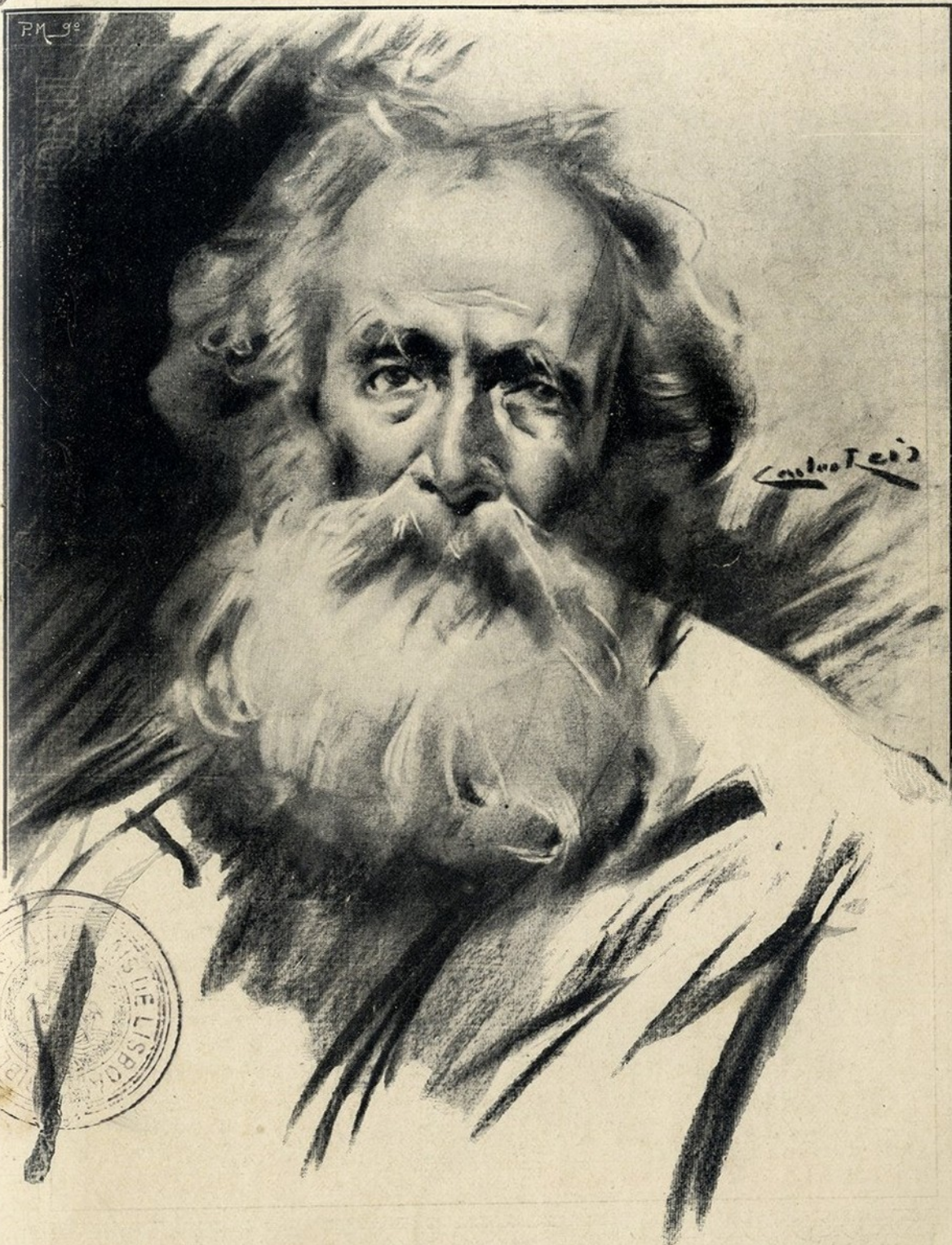
Telephone 805

SERÕES

N.º 63 — Setembro 1910

Assignatura	Semestre..	1\$200
	Anno	2\$200
Numero avulso		200

Composto e impresso
na Typ. do Anuario Commercial



EMPRESA INDUSTRIAL PORTUGUEZA



A MAIOR E MAIS IMPORTANTE FABRICA PORTUGUEZA DE METALLURGIA

Construção de pontes,
vigamentos e estruturas metallicas
fundição de aço ferro e outros metaes

CALDEIRAS E MACHINAS A VAPOR
MOTORES A GAZ POBRE

CONSTRUÇÕES MECANICAS CIVIS E NAVAIS

Alfaias e machinas agricolas

Ascensores e monta cargas electricos
SYSTEMA PRIVILEGIADO

Importação de todo o genero
de machinas

Materias primas e manufacturadas
para as industrias

ESCRITORIO E OFFICINAS

115, RUA LUIZ DE CAMÕES, A SANTO AMARO

TELEPHONE
N.º 256 — BELEM

Telegrammas

Santamaro
LISBOA

Deposito d'Exposição Permanente
AVENIDA DE D. CARLOS
E
RUA VASCO DA GAMA
LISBOA



MARCA REGISTADA

A. Soares

A ILUSTRADORA L. DO CARMOZ LISBOA

Summario

<u>MAGAZINE</u>	PAG.
A FONTINHA Poesia original de RIBERA y ROVIRA, escripta em catalão, e traduzida em francez por MADAME IDA SELLERIER e em portuguez por AFFONSO LOPES VIEIRA (<i>Frontispicio</i>)	163
DE INHAMBAÑE A LISBOA (5 <i>illustrações</i>) por THOMAZ DE ALMEIDA GARRETT	163
A VELHA PONTE (<i>Versos</i>) de AUGUSTE ANGELLIER, traducção de J. DE OLIVEIRA SIMÕES	170
MALFADADA (2 <i>vinhetas</i>) por COSTA MACEDO	171
AS ZEBRAS (2 <i>illustrações</i> e 1 <i>vinheta</i>) por J. BETHENCOURT FERREIRA	178
MULHER (<i>Versos</i>) por MIRANDA SANTOS	183
A CARTA ROUBADA (2 <i>illustrações</i> e 1 <i>vinheta</i>)	184
AS ORCHIDEAS (3 <i>illustrações</i> e 1 <i>vinheta</i>) por ALVARO COELHO	189
PERSONAGENS CLASSICAS (9 <i>illustrações</i> e 1 <i>vinheta</i>) compilado por EDUARDO DE NORONHA	193
O TENTO VERMELHO (2 <i>illustrações</i> e 1 <i>vinheta</i>) versão do inglez por MANUEL DE MACEDO	204
LE SOLEIL AUX CHAMPS ET A LA VILLE (<i>Versos</i>) por THOMAZ D'EÇA LEAL	210
ALJUBARROTA (3 <i>illustrações</i> e 2 <i>vinhetas</i>) por ANTONIO GUIMARÃES	212
A INDUSTRIA DO LIVRO EM PORTUGAL (7 <i>illustrações</i> e 2 <i>vinhetas</i>) por RICARDO DE SOUZA	217
O CASAMENTO NOS DIVERSOS POVOS E PERANTE A HISTORIA (6 <i>illustrações</i>) por CARNEIRO DE MOURA	223
CAVE AMORE (<i>Versos</i>) trad. de CLAUDINO POPELIN, por J. REGALLA	230
BIBLIOGRAPHIA	231
ECCOS E REFLEXOS (11 <i>illustrações</i>)	232
 <u>A MUSICA DOS SERÕES</u>	
CÔRO DE JUDAS MACHABEU , de G. F. HANDEL	2 pag.

A Quebradura curada

Vê V. este pedreiro fechando a abertura nesta parede?



E' essa a fôrma porque eu curo a quebradura. Enchendo a abertura com material novo e mais forte.

Uma quebradura e simplesmente uma abertura numa parede, a parede de musculo que protege os intêstinos e outros órgãos internos. E' quasi tão facil curar uma ferida ou rotura neste musculo como em um braço ou mão.

Comtudo esta rotura não é talvez maior que a cabeça de um dedo.

Mas e sufficientemente grande para deixar que os intestinos passem através. E' claro que isto não pôde cicatrizar sem que a natureza seja auxiliada.

E é isso precisamente o que o meu methodo faz. Permite-lhe a V. reter a protusão dentro da parede no seu mesmo sitio.

Depois dou a V. um Desenvolvente Lymphol para applicar sobre a abertura da quebradura. Este penetra através da pelle até aos bordos da abertura e remove o anel calloso que se tem formado ao redor da rotura.

Então começa o processo de cicatrização. A natureza livre já do instestino saído e do anel calloso da abertura, e estimulada pela acção do Lymphol deita uma porção de lymphá e a abertura é outra vez occupada com novo musculo.

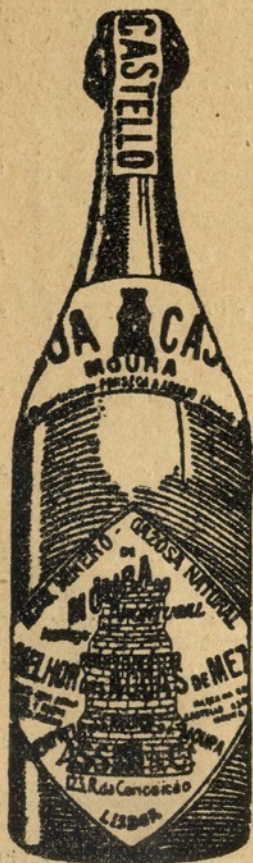
Não é isto simples? Não é isto razoavel? Tenho provado os seus meritos em milhares de casos. Proval-o-hei a qualquer herniado que me envie o seu nome.

Escreva-me V. indicando o numero a que corresponde o seu caso e eu lhe enviarei pelo correio uma amostra gratuita do meu Desenvolvente Lymphol e um livro lindamente illustrado ácerca da Natureza e Cura da Quebradura. Não me envie V. dinheiro. Só o seu nome e endereço.

Wm. S. RICE, R. S. Ltd.,

(ESPECIALISTAS)

(G. P. O. Box n.º 5) (Depot.º S. 351), 8 & 9, STONECUTTER ST.,
LONDRES, E. C., INGLATERRA



AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

— DE —

— MOURA —

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, whisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.º

LISBOA

Expediente

Aos nossos assignantes dos “**Serões**” que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, lembramos que começamos a fazer o envió pelo correio dos respectivos recibos de cobrança, rogando a fineza de não demorarem a resposta, não só para nos evitarem despezas maiores com nova remessa de recibos a cobrar, como tambem para não soffrerem interrupção na remessa do nosso magazine “**Serões**”.

Accresce que os chefes das estações dos correios a quem remettemos recibos para cobrança de assignaturas, os não reteem o tempo legal, de fórma, que os assignantes residentes em logares affastados dos locaes das estações, não teem, muitas vezes, occasião de liquidar os seus recibos, o que nos prejudica pelas repetidas remessas e augmento do expediente.

A administração.

Grande Planta de Lisboa

DELINEADA POR

Caldeira Pires

Em 4 folhas, a côres, impressa em optimo papel; escala 1:5000, acompanhada de uma outra na escala 25:000 que abrange toda a area de Lisboa, dividida por bairros e estes por freguezias. Croquis do districto de Lisboa, divididos por concelhos.

Roteiro e fita indicadora para prompta busca de qualquer rua, travessa ou logar que se pretenda conhecer de momento.

Planta de grande utilidade e alcance para

Secretarias, escriptorios, escolas, quartéis, policia, etc., etc.

Ligeira noticia da capital, e todas as suas diferentes divisões administrativas.

Preço em folhas, 3\$000 réis

Colladas em panno, envernizada, com reguas de madeira **5\$000 réis**

PROPRIEDADE E DEPOSITO GERAL

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132 a 138

CORTAR COM UMA TESOURA SOBRE O PONTEADO

Brinde mensal a todos os leitores dos SERÕES

Brinde dos SERÕES
BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer compra feita pelo portador na

LIVRARIA FERREIRA
Rua Aurea, 132

durante o mez de setembro 1910.

Brinde dos SERÕES
BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer encomenda feita pelo portador no atelier de gravura de

PIRES MARINHO & C.^A
Praça dos Restauradores, 27

durante o mez de setembro 1910.

Brinde dos SERÕES
BONUS com o desconto de 50 por 100 em qualquer logar nos espectaculos realísados ás terças feiras, ou dia seguinte passado aquelle seja festivo, no salão

MUSIC-HALL
PRAÇA DOS RESTAURADORES

durante o mez de setembro 1910.

Brinde dos SERÕES
BONUS para o desconto de 10 por 100 sobre os preços estabelecidos no Consultorio Dental de

Tugmann
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

durante o mez de setembro 1910.

Brinde dos SERÕES
BONUS para aquisição de um exemplar do

ANUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

com o desconto de 10 por 100 durante o mez de setembro 1910.

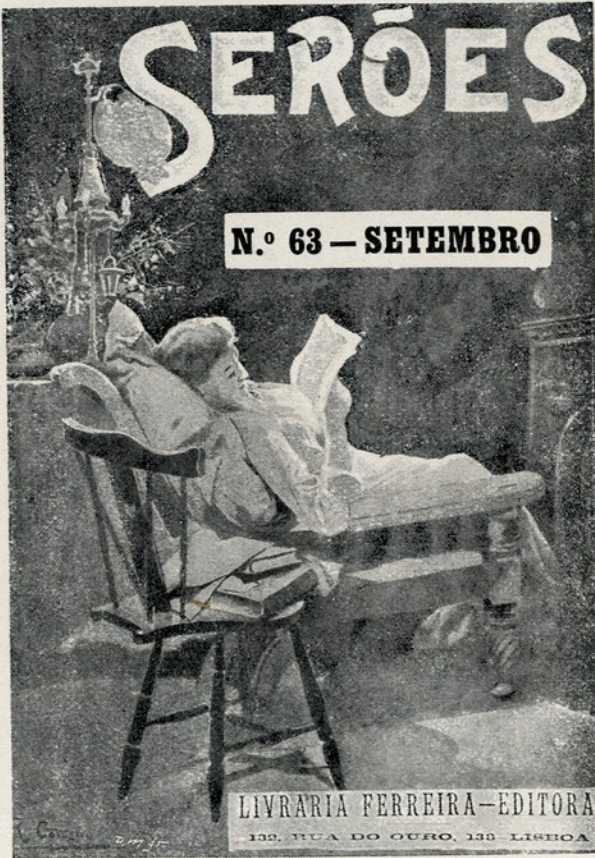
Brinde dos SERÕES
BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer compra feita pelo portador, em instrumentos de precisão na

CASA MIRAMON
46, Praça D. Pedro, 48

durante o mez de setembro 1910.

SERÕES

N.º 63 — SETEMBRO



LIVRARIA FERREIRA—EDITORIA
132, RUA DO OURO, 132 LISBOA

La Fontaine

Au fond du grand pré en fleur
coulait la claire fontaine,
et son murmure charmeur
semblait un chant qui s'égrène.

Elle était loin du village,
mais chacun voulait un jour
faire un doux pèlerinage
à la fontaine d'Amour.

Là, pour engager serment,
filles et garçons gaîment
allaient sur ses bords connus;
mais bientôt ils oublièrent...
La source ils abandonnèrent...
et elle ne coula plus.

Trad. de Jda Sellerier.

A Fontinha

As fundo do Prado em flor,
uma fontinha brotava
e a água pura cantava
com amoroso rumor.

Inda que longe ficava
lá do campo em redor,
o povo, que lhe chamava
fonte d'Amor.

Rapazes e raparigas,
os seus amores juraram
n'aquellas águas amigas;
mas, dès que foram desleaes,
a fonte que abandonaram
não correu mais.

Trad. de Affonso Lopes-Vieira.

El Fontinyó

Al fons d'aquella prada
brollava un fontinyó
d'una aigua regalada,
d'un so enamorado.

Malgrat y essé allunyada,
era una processó:
tenia nomenada
la font de l'Amadó.

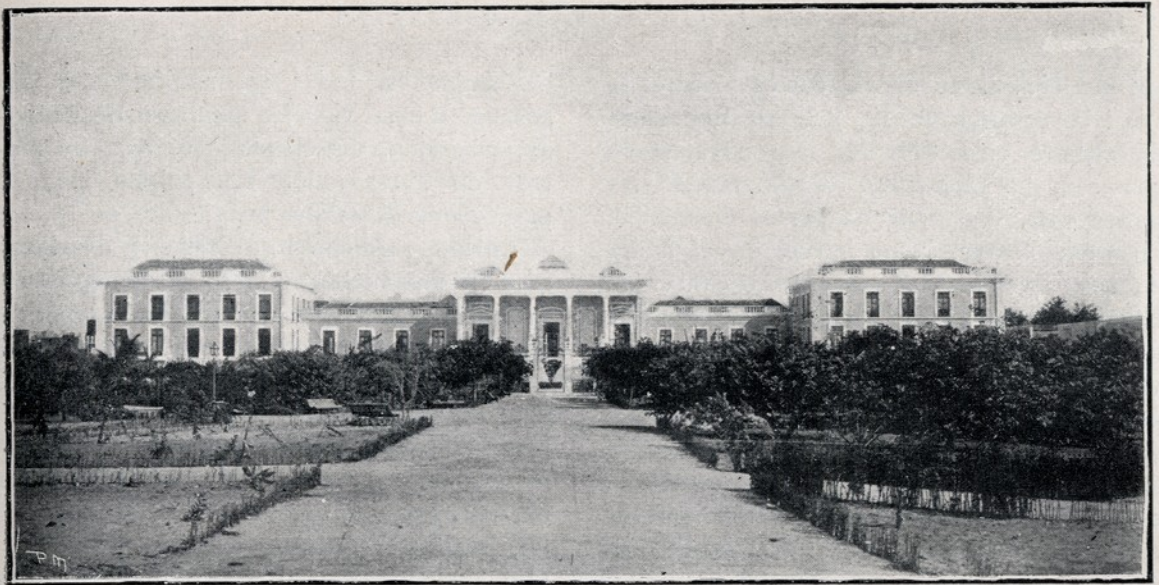
Donzelis, pentis donzelles,
hi anaven a parelles
y'a feyen juraments:

mas, des que hi juraren
y el fontinyó oblidaren...
no regalima gens.

Ribera y Rovira.

A FONTINHA

Poesia original de Ribera y Rovira, escripta em catalão, e traduzida em francez por Madame Jda Sellerier e em portuguez por Affonso Lopes-Vieira



HOSPITAL DE MÓÇAMBIQUE

De Inhambane a Lisboa

(Continuação)

III

NO EGYPTO



Não chegamos a desembarcar em Suez, demorando-nos apenas o tempo necessario para deixar sahir do canal o rebocador que ao longo d'elle nos devia levar até Port-Said. Trez ou quatro horas depois puzemo-nos em marcha, e uma noite e um dia navegámos entre duas muralhas de pedra, só interrompidas pelos lagos.

A vista do canal pouco tinha de interessante. De quando em quando, um vapor encostado a uma reintrancia na muralha, a dar-nos caminho livre. Os projectores, fixados á prôa do nosso navio, lançavam sobre as aguas uma chuva de prata. D'um lado e d'outro, as areias do Egypto, requeimadas do sol, a confundir-se com o ceu.

Estamos já perto de Port-Said, cidade cosmopolita, de madeira e zinco, onde tantas virtudes e tantos vicios tambem vão todos os dias aportar, na lucta, na febre incommensuravel do oiro e da gloria. Encontra-se ali gente de todos os paizes, e até alguma que nunca teve patria. Ao lado d'um inglez, montado n'um burro tão pequeno que o cavalleiro quasi toca com os pés no chão, um arabe de rosto bronzeado, um grego de face patibular, um italiano com os seus trages caracteristicos, entoando uma canção da sua terra.

Eram cerca de duas horas da madrugada quando desembarcámos. A cidade, de tão illuminada com luz electrica, parecia batida de sol. Lojas com tudo quanto a Allemanha fabrica, desde os tapetes da . . . Persia,

até ás cimitarras cravejadas de pedraria, véus bordados a prata, tecidos riquissimos de seda e oiro, tudo ali se vende, e tudo compram por alto preço os milhares de viajantes que, de todas as partes do mundo, ali veem passar. N'um barco, uns italianos de rostos esfomeados, tocavam e cantavam. N'uma carruagem de aluguer, puchada por dois bons cavallos, um nababo passeava, a entreter as horas até á partida do paquete que o devia levar á Europa, que vinha deslumbrar com as pedrarias e oiro das lendas da India. A um canto, agachada, o rosto esqualido onde ainda se podiam vêr restos de passada belleza, uma mulher já velha apesar de não ter mais de 25 annos, uma primavera!, pedia esmola, em phrase sentida, procurando despertar a compaixão de quem passasse por aquella ruina, rebutalho que, quem sabe?, pisavam aos pés aquelles mesmos que, meia duzia d'annos atraz, se extasiavam deante do seu corpo escul-

ptural, d'um marmore rosado que palpitava, que era vida e que era amor. Como teria ella ido parar ali? Não sei. Mas de baixo d'aquelles farrapos, quantas loucuras e que horrivel drama se não adivinhava?!

Fomos para o hotel passar o resto da noite. De manhã, depois d'um passeio pelas ruas da cidade, meia duzia de compras disparatadas, e um almoço mais detestavel ainda do que a comida de bordo, tomamos o caminho de ferro que nos ia levar ao Cairo. Deante dos nossos olhos fugia o terreno. Era o Egypto, essa terra que dominada, escarnecida, pisada aos pés tanta vez, consegue ainda, atravez de milhares de annos, viver, e pelos seus monumentos, pelos seus tumulos, pelos obeliscos aqui e além esparsos, recordar, bem nitido, o que foram as velhas civilisações, as artes, os costumes, as religiões, os deuses, as festas,

os banquetes, todas as manifestações, em summa, d'uma vida ha muito seculo acabada, mas que, desenhada a escopro ou pintada de tintas indeleveis, palpita ainda e parece que dia a dia mais!

Ao longo do canal até Ismaelia, desviava-se d'ali o caminho de ferro, bordando agora o Calish, canal de Ismaelia, até ao Cairo. Ahi chegamos de noite, e foi tão grande a impressão que aquelle dia em mim fez que, ou fosse superintensidade de vida ou fosse febre que de Inhambane trazia ainda, não pude fazer mais do que, guiado por um «drogman» qualquer, dirigir-me ao hotel, pedir um quarto e dormir. Era já dia alto quando acordei. Defronte da minha janella estendia-se a praça de Esbequieh,



MOÇAMBIQUE — PONTE, PALACIO DE S. PAULO E ALFANDEGA

circundada de parques, com o jardim onde foi morto Kleber a recordar a campanha heroica de Napoleão. Um sol que, sem incommodar, aquecia, inundava de luz aquella vista admiravel, bungalows elegantes, casas

muito brancas de moucharabiés cerrados, uma ou outra palmeira mais alta, balouçando á aragem a sua cupula verde.

Cheias de gente, as ruas offereciam um magnifico espectáculo. No Mousky, de ruas largas e direitas, cruzava-se uma multidão de variegada nacionalidade, desde a ingleza classicamente esgrouviada do Cook, ao subdito do Celeste Imperio passeiando em terras d'Africa o seu rabicho, as suas sandalias reviradas de palha amarella com bordados a seda. Cafés e casinos de camaréras abriam de par em par as suas portas a todos os vicios e a todos os desejos. No bazar acotovelava-se uma multidão que berrava, cantava e dançava, fazendo um barulho ensurdecador, pondo deante dos olhos uma mescla de mil côres variadas.

Do outro lado do rio fica o velho Cairo. Ruas estreitas, sinuosas e porcas, gente

que se amontôa como sardinha em pilha, burros cruzando em todas as direcções, aqui e além um camelo, pondo uma nodoa amarello escuro no branco dos albornós dos arabes ou na tunica escura dos cophtas e judeus, e, de quando em quando, dominando todo este barulho, o grito de «affasta» de um negro conduzindo á arreata um burro montado por uma mulher de que o «habbarah», ainda que de tafeta ligeiro, não deixa vêr as feições, apenas permittindo a uns olhos ardentes, muito negros, muito grandes, lançarem por entre elle e o «borghot» um raio de fogo que encanta, que endoidece como um mysterio.

Ao lado d'este bolicio, ruas silenciosas como tumulos, bordadas de casas de que as grades dos moucharabiés não deixam vêr o interior, só se sabendo que n'ellas ha vida pelas notas desgarradas de qualquer canção, que de quando em quando cortam aquelle silencio. Sahimos d'uma d'ellas para desembocar



JUNTO A GRANDE PYRAMIDE

n'uma outra cheia de animação e vida. Homens passavam em caravana, os camelos carregados das mercadorias que do deserto tinham vindo buscar á cidade. A um canto da rua um santão prégava uma doutrina qualquer, e mais adiante um arabe feiticeiro brincava com uma enorme serpente que em volta do pescoço se lhe enroscava, fazendo o espanto d'um grupo de raparigas e garotos que, extasiados, o olhavam.

N'este passeio pela cidade se passou o primeiro dia. E á noite, depois do jantar n'um *cabaret* do Mousky, em trajes proprios, anichados n'uns sophás fôfos e bons, nas mãos uma taça minuscula cheia do mais delicioso café que até hoje me tem sido dado provar, um narguilé de comprido tubo ao canto da bocca, graves, orientaes, assistimos a uma adoravel dança, qualquer coisa de visão das «Mil e uma noites», esse livro de

que ali se folheia a cada hora uma pagina, tão viva, tão forte na sensação que faz experimentar, que, uma vez vista, nunca mais em verdade se póde esquecer.

De calotes doiradas sahindo do «tarbouch» que lhes cobria a cabeça, as «gawasies» dançavam ao som dos tambores que com os dedos scintilantes de aneis iam ao mesmo tempo tocando. Com o bater no chão dos calcanhares, em compassos agora rapidos e loucos para d'ahi a pouco se tornarem vagarosos e dolentes, as manilhas dos braços e das pernas punham na musica uma nota metallica. Entre a veste e a cintura, o corpo nu de que um veu de mousseline deixa vêr o rosado mate, ia desenhando curvas que eram epopeias, d'uma voluptuosidade que a

não podia haver maior nem mais impressionante. A' volta, sentadas, as «almehs» cantavam. Era um murmurio longinquo, como o de um rio correndo sereno no seu leito de areia fina. Mais depressa agora os tambores soavam,

e mais alto se elevava o canto, mais apresado o movimento das ancas das dançarinas. E ia subindo, e ia-se tornando mais rapido, até que no fim já não era uma dança, era uma orgia. Aquelles corpos endoideciam, aquellas gargantas tinham notas que eram um grito de loucos desejos. Sentia-se na athmosphera um cheiro de carne que pedia carne.

E isto não parava, e isto augmentava ainda, como o som de uma corda prestes a partir.

E partiu... E, de toda essa noite, só nos ficou como que uma recordação longinqua, muito velha, poeirenta de milhares d'annos, d'uma epocha ha muito passada, mas que tinhamos vivido, que deante dos nossos olhos, nitida e forte, se tinha desenrolado.

No chão, de fatigadas, as «gawasies» tinham-se deitado. E do seu cabello esparso

pelos hombros palpitantes, quentes, saham os reflexos doirados de dezenas de pequenas moedas com que estavam enfeitados.

Outra vez a musica ia começar, mas agora n'um compasso differente, uma melodia quasi selvagem, com paragens bruscas, notas agudas a que se seguiam sons metallicos de manilhas, semelhando um ranger de dentes. E, no meio do circulo formado pelas «almehs», uma figura soberba de nubia appareceu, o corpo só coberto d'um finissimo collar de perolas em roda da cintura, uma nudez que, de tão esculptural, era casta como a de um bronze. O que foi esse quarto d'hora, não sei, não posso descrevel-o. Foi um seculo e foi um instante. Foi a ventura suprema e um doloroso anceo.

N'aquella fronte pura, de traços finos, d'uma correcção sem macula, os olhos brilhavam, firmes, quasi duros, emquanto dos «crotalia» que nas mãos trazia saham sons bruscos, como que quebrados a meio da sua vibração. O corpo tinha contracções de animal ferido. E iam sendo cada vez menos intensas, cada vez menores, os olhos, tão negros ha instantes, adoçando-se, perdendo depois a côr, até parecerem duas gottas d'agua limpida, crystalina, o olhar d'um morto, vendo longe, muito além, uma ventura pela derradeira vez sonhada, pela vez primeira vívida e palpavel.

O ventre então contorcia-se como se fôra de aneis de cobra. E as perolas, muito diaphanas, d'uma palidez de luar, punham reflexos de prata n'aquelle corpo em que a linha curva tinha tido a sua maior, mais pura, mais deliciosa apothese.

Erguera acima da cabeça os braços nus, e dos «crotalia» sahia um som apagado, languido, muito doce, como um soluço de mulher apoz um combate d'amor. Uma luz mais viva inundou a sala, e então, destacando-se no branco do fundo, a figura da nubia firmou-se como um marmore, frio e rigidido, mas fazendo tremer e fazendo palpitlar. Depois, um segundo de trevas, e desapareceu no mesmo ambiente de sonho em que entrara, tão forte e delicada ao mesmo tempo, que a gente tinha medo de lhe tocar, de partir aquelle corpo divinal, se ao nosso peito se estreitasse em tão apertado abraço que o coração parasse e a vida se nos fosse...

Foi esta a minha segunda noite do Cairo, terra d'encanto e de mysterio, terra de sonho e d'amor.

Na manhã seguinte, depois d'uma noite absolutamente perdida, tamanha era a excitação da scena da vespera, que de tão formidavelmente intensa quasi me custava a crêr tivesse sido uma realidade, levantei-me cedo para o classico passeio ás pyramides de Giseh. Acompanhado do meu drogman, um typo original, mixto de oriental e arabe, indolente e astuto, ladrão e obsequiador, lá fui estrada fóra, montado n'um burro de passo tão apressado que quasi me custava a vêr a paisagem em redor, campos cultivados, larga planicie toda verdura, onde homens de «kamiss» branco, o cajado na mão, apascentavam rebanhos de carneiros. Lá mais longe, por um estreito carreiro, duas arabes caminhavam, levando á cabeça amphoras de purissima fórmula antiga.

Ao longo do Nilo corria a linha ferrea, sombreada de gigantescas arvores, reflectindo-se nas aguas. Tufos de palmeiras, aqui e além esparsos, balouçavam ao vento fresco da manhã as suas compridas folhas. N'um pequeno ribeiro, uma mulher, linda como um sonho, banhava uma creança de olhos negros, muito vivos, emquanto uma outra, deitada sobre a relva, cantava uma canção dolente, a recordar-lhe a mocidade, os campos onde brincara na sua infancia, os montes, muito longe, perdidos no azul, que tinham sido o seu primeiro horisonte. E enquadrando esta scena d'um seculo ha muito ido já, o deserto, nu, arido, sem fim, e um ceu d'uma côr de saphira purissima, que os raios do sol que nascia começavam a doirar. Pela planice cultivada caminhamos até ao deserto, em cujo limiar as pyramides se levantam. Afastada pelo meu drogman a chusma de cicerones que de todos os lados surgiram, a quererem tudo mostrar, tudo dizer e tudo vender, desde pequenas estatuetas que juravam por Allah terem sido encontradas no tumulo de Cheops, até a um bocado de tecido da kamiss de Cleopatra (!), comecei a subida dos 482 pés que d'altura tem a maior das pyramides, operação para mim bem difficil, confesso. Por varias vezes parei, e só ao cabo de muitos esforços, depois d'um gatinhar de que sahi com as mãos e calças esfarrapadas, cheguei ao cimo da pyramide, d'onde a vista é tudo quanto de

mais surpreendente a imaginação humana possa architectar. D'um lado, as areias do deserto, mysteriosas, infundindo pavor. Do outro, um taboleiro immenso de verdura sobre que parecem assentar as cupulas das mesquitas do Cairo, e em que surgem aqui e além pontas de obeliscos, pedras calcinadas pelo sol de annos sem conto, mas tendo ainda alma, mas palpitando sempre.

Serpeando por entre a verdura, corre o Nilo, o rio que dá vida, prestes n'essa epocha a inundar os campos, dando-lhes alento, tornando-os ricos e fecundos. E á lembrança veio-me então a velha cerimonia da festa da inundação, em que ao Nilo era sacrificada a mais linda rapariga, a noiva que a gratidão d'um povo ás aguas offerecia. Se isto foi uma realidade ou simplesmente uma lenda creada pela imaginação popular, não sei. Mas nas margens pareceu-me que fios de cabellos loiros punham ainda aqui e além, na areia, reflexos doirados...

Percorremos o interior da grande pyramide, pelo corredor que leva á camara do rei, onde vi um sarcophago magnificamente trabalhado, cuja tampa, deitada criminosamente para um canto, attestava quanta barbaridade em nome da civilisação se tem praticado; desci á camara da rainha, a uma outra ainda por baixo d'esta, vi as camaras mais pequenas que contornam a camara do rei, visitei tudo, vi tudo, e para mim mesmo pensei quanta vaidade, quanta crueza ou então que sublimidade de pensamento não foram necessarias n'um homem, para, friamente, sem uma hesitação, sem um remorso na consciencia, sacrificar gente que tinha affectos, que tinha familia, que era miseravel mas que era gente, que vivia e tinha dentro do peito um coração, para assim a sacrificar á satisfação da sua phantasia, á vaidade incommensuravel de, debaixo d'uma maravilha de granito, abrigar um corpo re-

sequido, hirto, sem um movimento, sem uma pulsação!

Depois, tendo almoçado á sombra da grande pyramide, fomos visitar a segunda, quasi da mesma altura, mas, não sei porque, sem a mesma imponencia que commove. A camara, cavada em rocha, apresenta ainda nas paredes restos de hieroglyphos que o tempo corroeu, como um justiceiro implacavel.

Por fóra, o revestimento de marmore polido prohibe a subida a todos menos aos cicerones que n'ella realisam milagres de equilibrio e destreza.

Mas de todas as pyramides, que são muitas, espalhadas pela planice como um rebanho que as duas maiores guardam apascentando, aquella que mais me impressionou foi a terceira. Não sei a razão, mas tem qualquer coisa que seduz como uma mulher. Tem só a terça parte da altura das outras e parece mais alta ainda, de tão delicada e ao mesmo tempo forte, sem a ru-



UMA ALDEIA ARABE, PERTO DAS PYRAMIDES

deza que impõe mas com a graça que encanta.

A' sombra d'ella adormeci e em sonho me pareceu vêr o Nilo, correndo serenamente no seu leito d'areia fina; junto á margem, uma rapariga de olhos verdes como o mar e como elle revoltos, banhava o seu corpo esculptural, marmore soberbo que o sol doirava. E as aguas paravam n'um extase, e a cada caricia estremeciam n'um infinito prazer. No peito, um colar de coraes d'um encarnado vivo, mais vivos faziam parecer dois outros, firmes e erectos. Tinha movimentos de tigre e o espreguiçar dolente d'uma gazella. Os braços erguiam-se, fazendo pala deante dos olhos, para que o sol lhes não batesse demasiado forte. No ventre tercio, as aguas, em gottas, vinham brincar. E, boiando em redor, uns cabellos de sonho pareciam uma corrente no rio vinda desaguar, em catadupa lusente

como oiro. Acabara-se o banho. Caminhara para a margem, e o corpo divinal parecia agora uma estatua sobre o verde do terreno. E nú, soberbo, qualquer coisa de grande, poderoso e forte, mas tão franzino e delicado, voltava-se direito para o sol, como n'um desafio de luz e de calor. Começara a vestir-se. Sobre a khamiss de finissimo tecido branco, uma outra azul. Puzera o borghot, por onde passava, fino como um raio de sol luzindo n'uma espada, o seu olhar glauco. Por cima, o habbarah de tafetá muito leve fluctuava ao vento. Nos pés, as sandalias bordadas a oiro quasi se não viam de tão pequeninas que eram. E os seus dedos finos compunham tranças delicadas.

Levantou-se, deu dois passos e parou junto d'umas pedras que uma arvore sombreava. Recostada, via o rio correr cantando e enigmaticamente sorria, a lembrar, quem sabe?, qualquer sonho d'amor. Os pés, que as aguas quasi vinham beijar, brincavam-lhe distrahidamente. E uma das sandalias cahiu, e o rio levou-a, cantando mais forte, mais alegre, como n'um hymno de victoria.

A's mãos do rei Mycerinno foi cair o sapatinho branco e oiro, e logo no peito o coração lhe bateu mais apressado, n'uma paixão ardente por aquella mulher. E casaram.

E á sombra d'essa pyramide dormiu durante seculos o rei, até que a civilização o levou para uma prosaica vitrine do museu de Londres! Aquella pyramide! Ah, que se ella falasse, o que poderia dizer! Diz a lenda que a rainha Nitocris a mandou construir, pedindo a cada um dos seus amantes uma pedra. Diz isto e eu creio-o. Crei-o, e não sei que mais me commova, se a compaixão pelo marido, se a inveja de ter este homem possuido essa maravilha de amor, epopeia formidavel de desejos, doidice suprema, suprema ventura.

A' sombra da pyramide adormeci, e era tarde, quasi noite já, quando acordei. Jantamos, eu e o drogman, e, aproveitando a pouca luz que ainda havia, fiz com gesso, que tivera o cuidado de levar, a moldagem d'alguns dos hyeroglyphos, que queria guardar como uma recordação do meu delicioso sonho. Guardei-os. Tive um trabalhão doido para os empacotar, embrulhados n'umas ceroulas de malha para que se não partissem, trazidos com toda a cautela para o hotel, e do Egypto até

Lisboa quasi sempre na minha mão os passei por toda a parte. Ha dias, procurei decifralos. Mas quando julgava que por elles viria a saber qualquer coisa mais da vida d'essa mulher que eu amava atravez de quarenta e tantos seculos; quando acalentava a esperança de conhecer das suas occupações, do seu viver intimo, dos seus gostos, de tudo quanto a interessava, quanto prendia a sua atenção; quando cria que com isso poderia reconstituir a sua vida, fazel-a palpitar outra vez, ver-lhe o sorriso e sentir-lhe as caricias; vel-a orando n'um extase, olhal-a, passando uma a uma as perolas do seu colar, collocar-lh'o gentilmente no pescoço esguio, descobrindo-lhe levemente o seio palpitante de amor; quando esperava que assim, vivendo da sua vida, eu poderia cingil-a n'um abraço ardente, deliciosa loucura, delicioso sonho, quando assim pensava, e de aneio o coração me batia tão forte dentro do peito que o comprimia com receio de morrer, morrendo ia tambem ao lér nos moldes que com tanta canceira e tamanho carinho de tão longe trouxera — n'um d'elles, «Mary Cooley» e no outro, advinham? «Commendador Joaquim Fernandes, 28-5-96»!!!

Oh excommungada raça, oh maldita gente! N'essas maravilhas de seculos, de que cada pedra representa uma lagrima de gente que ao seu peso ajoelhou para nunca mais se erguer; de homens que soffreram, que hora a hora gemeram sob o peso da carga ou sob o vergão duro do azorrague, abafando a dôr, recalcando dentro do peito a saudade da sua patria, tão longe deixada e que nunca mais tornariam a vêr; n'um d'esses monumentos de vaidade, mais de vaidade sublime, a cuja phantasia e acção nem sequer o tempo, que tudo destroe e tudo acaba, pôz limite; e, maior crime ainda!, n'aquella delicada pyramide de que cada palmo foi um abraço ardente, cada grão de pedra um sonho d'amante, olhos nos olhos, dois corpos palpitando unisonos, labios unidos n'um beijo quente; n'essa delicada lembrança da suprema arte, escrevêr uma Mary qualquer, velha com certeza, de oculos sobre uns olhos que as palpebras flacidas mal deixavam abrir, os sapatões enormes de pregos aguçados, pizando, que herezia!, o mesmo chão que a sandalia dourada, que o Nilo amorosamente roubara, mal tocava ao de leve; um monstro, de corpo defor-

mado n'um espartilho barato, na cabeça um chapéu de palha, ridiculo, disforme, comprado n'um armazem em liquidação, e que d'ali passaria, ia jural-o, para qualquer asquerosa frequentadora das espeluncas de White Chapel; ou então, um sr. Fernandes qualquer, velho sentenciado, de largo cadastro na policia, a quem certamente as estorções aos pretos tinham dado farto recheio e a commenda da Conceição, pobre Senhora que tantos illustres cidadãos tem posto á força sob a sua protecção, escreverem ali aquella velha bar-maid, promovida por engano a senhora de qualidade, e este commendador, promovido pelos seus merecimentos a bandido endinheirado, os seus anonymos nomes, é de morrer de desgosto, de se sentir a gente com pena de existir n'um seculo de... civilisação e de luz.

Oh gentio lá do centro de Africa! Vocês que conservam com carinho, com estremoso cuidado, até os proprios animaes em que julgam estar a vida ou a alma dos seus avós; que deante das suas imagens se prostram reverentes, e não consentem nunca a ninguem, seja quem fôr, que com mão sacrilega n'elles toque; que se deixam até devorar por elles, e com isso se sentem felizes porque julgam que assim mais d'elles se aproximam, vocês que assim fazem, com que magoador mas justo escarneo se ririam d'esta gente que vos chama «selvagens», e que nem sequer a um monumento de pedra que á sua sombra bemfazeja deixa descansar, respeita, sem se lembrar que n'essa mole está a alma de passadas civilisações, de passadas gentes que foram grandes, que deram leis ao mundo, e que ao mundo dia a dia vão dando ainda novas lições da sublimidade do seu pensamento, da grandiosidade do seu proceder, da sua arte que seculos sobre seculos não conseguiram nem conseguirão nunca derruir!



APASCENTANDO UM REBANHO

Para não ser obrigado a fazer novamente as 25 milhas que do Cairo me separavam, resolvi dormir ali, o que fiz na primeira das pyramides. E no dia seguinte, ainda com luar, tendo admirado mais uma vez aquelle panorama soberbo, fui vêr a Esphinge, deitada sobre a areia, o corpo meio mergulhado n'ella, guarda immovel d'aquelle vasto cemiterio, parecendo tudo ouvir, com o seu olhar gelado tudo vêr. Está mutilada, mas tem vida sempre; passaram-lhe por cima os seculos, as aguas, os ventos mortiferos do deserto, e ella continua sempre alerta, sentinella que o somno não ataca, que o frio ou o calor não faz nunca desertar.

Tinha qualquer coisa que infundia respeito aquella noite d'um luar purissimo, alumando os tumulos brancos como a neve, semelhando um vasto acampamento, dormindo tranquillo sob o céu cravejado de estrellas, de que nem uma só nuvem vinha empanar o brilho. Muito ao longe, a casaria do Cairo

destacava-se no horisonte. Perto das pyramides, n'uma aldeia arabe que um affluente do Nilo vinha beijar, tudo dormia no maior silencio, a casaria a reflectir-se nas aguas que corriam docemente para o mar. As palmeiras ondulavam lentas á brisa da manhã que vinha a romper. Uma immensa paz pairava por sobre aquella terra. E a Esphinge continuava velando, tudo ouvindo, tudo vendo com o seu olhar fixo que fascina.

Vinha rompendo a manhã e o scenario então foi uma verdadeira apothose de luz e vida. As pyramides, batidas de sol, tinham reflexos côr de rosa, parecendo que nos veios d'aquellas pedras girava sangue. Irradiavam luz, e esta ia-se diffundindo, alumando a pouco e pouco a paisagem toda, luzindo além n'um tumulo, arrancando faiscas á areia do deserto, em nevoa ainda lá para longe, caminho da solidão e da morte. Sahindo das casas de tectos planos, fórmado

cisterna, os arabes dirigiam-se á mesquita. E, lá do cimo da torre, um padre, voltado para a cidade santa, pedia a Allah protecção para aquella gente.

Em cantos monotonos, sempre os mesmos, mas que apesar d'isso tinham encanto, se demoraram uma meia hora.

Mulheres, de tunica azul, o rosto velado, iam agora á fonte encher as suas amphoras. E um a um, sahindo apressados dos curraes, os carneiros lá iam, guiados por pastores, para as margens verdes do rio.

E o Nilo, espreguiçando-se, estremecia dolente ás caricias da aragem da manhã.

(*Continúa.*)

THOMAZ DE ALMEIDA GARRETT.



A velha ponte

(De Auguste Angellier)

Na velha ponte verde-escura
Falavam manso, a meia voz,
Dois namorados, com doçura;
Eramos nós!

Elle dizia, meigo e terno,
O amor que tinha o peito seu,
Fiel, apaixonado, eterno.
Esse era eu!

Ella escutava n'um enleio
Que punha o coração a nú;
Timido arfava o branco seio.
Essa eras tu!

Na velha ponte, a mesma d'antes
Dois namorados falam, sós,
Jurando amar-se bem, constantes.
Não somos nós!...



Malfadada

A João Luzo



AMILLA, a sempre varejada da fortuna, — aquella que fôra expulsa da quinta onde servia, sabem? — conseguiu esconder, depois da amargura mais dolorosa da sua vida, a frangalhia do seu traje e a morbidez do seu corpo em uma casinhola a curta distancia da villa. Caminhase, primeiro por um caleção de campo plaino, depois por um carreiro d'encosta suave, e, passantes segundos, está-se lá. Pobre morada, mas lindo sitio! A porta abre-se para o sol pela dilatação de uma explanada symetrica do verdor dos tojos e laivosa do ouro diluido da resêda, do carmezim da queiró, da purpura do panasco, e detalha abruptamente a povoação: o casario a escorrer, pinturesco na sua heterogeneidade, pelas abas do morro; os quinteiros apertados em quadrilateros de fortim; os jardins desvelando apotheeses de côres; os pomares aprumando esveltezas de tons, tenuidades de recortes umbrosos. O postigo, á esquerda, esse mira para uma penedia que se debruça, feito onda cyclopica, sobre um algar e para o velludo nocturno, rythmico, infindo, de um pinhal.

E aqui atravessa agora, a pobre de Christo, um periodo de felicidade como nunca teve, nem sonhara ter, deante de tantos reveses passados. O filho floresce, — o filho, essa sua nova alma germinada ha pouco tempo da sua carne peccadora todavia indefesa; o passado vae-se-lhe esbatendo do coração, — nem mesmo o resaibo das tormentas maximas o faz já vibrar como dantes; e já não tem fome nem outras necessidades de primeira mão.

Mas que sacrificios não offertou ella ao

deus doloroso dos infortunados para alcançar essa tranquillidade!

Apparecera naquelle burgo a tropeçar de canção, a cair de lazeira, a verter lagrimas sobre o filho que levava ao peito. As primeiras pessoas que a viram e lhe falaram, compadecidas, — quasi a chorarem com ella, a recolheram e alimentaram o melhor que puderam. Depois, dias depois, quando a acharam um tudo-nada refeita, levaram-na para aquelle tecto

Mas passou nelle muita miseria nos primeiros tempos. Chegou a não ter um pedaço de pão, um farrapo para gasalhar o innocente. E então isso da secura do seu leite... ai que dôr!... O que lhe valeu foi apparecerem por lá a retouçar pela beira da porta (até parecia milagre) umas cabras muito mansas, de turgidas tetas maternas. Foi-as ordenhando, ordenhando quanto podia, e assim, louvado o Senhor, salvou o filho. De contrario, elle morreria. Ora oiçamna nesta afflicção, ao falar para o anjo, e certifiquem-se:

— Esta boquinha bem pucha nos meus seios... como pucha!... mas nada de sair o precizo, nada de sairem senão umas gottas mirradas... que mais me parecem de fel... que bem se me afiguram a morte do desgraçadinho!...

Porém isso passou, como a ultima golfada dos seus martyrios; e, retemperada, afoita, consegue tambem trabalho. E como era bom trabalhar! Era esta a mais bella sorte que os destinos podiam talhar á gente pobre e san: trabalhar, em uma fabrica, ao hymno estrepitoso, jucundo, do rojar das lançadeiras, trabalhar, nos eirados, pelos capitosos

luares estivaes e ao desfiar de descantes de amor e graça, trabalhar, nos campos, pelas horas ouradas do outono, pelo tempo marmoreo do inverno, trabalhar emfim até recolher ao teu seio. ó terra.

Mas vejamos o passado de Camilla: o passado que se lhe vae esbatendo da alma como uma commiserção do fado que sempre lhe fôra tam damninho.

Tivera pae e mãe por largos tempos. Irmãos, nunca os tivera. O pae, esse não podia ter sido mais desgraçado. Quanto ceitil lhe fosse ás mãos, quanto diluía, nevrotico, delirante, em vinho e cigarros. Emborrahava-se quasi diariamente. Recolhia a deshoras, sempre que cerrava a ultima tasca, que se apagava a ultima candeia pelas alfurjas das rascoeiras. E era longinqua a vez em que, antes de se enfiar na cama, não praguejava, esmurrando os trastes, não ralhava á mulher, maldizendo a hora em que casara; e só adormecia quando os pastores, com os rebanhos ondulosos, passavam, cantarolando, para o pascigo já alastrado de luz — se não fosse até o sol chegar a accender as esmeraldas das baixadas humidas. Dahi o elle erguer-se, para almoçar, ás horas da merenda. Naquelle instante, então, é que a mulher as escutava: se não lhe dêsse o que lhe appetecesse — presigo, vinho... e ella aonde os tinha? — ia tudo raso, havia brutalidades de modo a se lhe esboroarem todos os desvelos, toda a sua heroica indulgencia de esposa-martyr.

— Tu o que fazes, ó bruxa? Se o não ganhas tens essa rapariga!

E virando-se para esta, o alarve:

— Ouves, ó pequena? E' trazer-me dinheiro, muito dinheiro! Senão... espatifo-te, mato-te, lêsma!

E esta, tremula, envergonhada do que lançara o pae, condoida da triste vida d'elle, lá tinha de partir, quer fosse a offerer-se á scintillação vulcanica de julho, quer a entanguir-se com os velos de neve de dezembro. Batia ao portal alto e laminado do primeiro «riquinho». O que teria? Talvez uma voz alliviadora, um braço a estender um canto de bróa. Talvez uns dedos a verterem uma moeda, um taleigo a despejar umas malgas de feijão. O que seria!... Isto, as mais das vezes: uns pèrros d'olhar fuzilante, dentes arreganhados e investidas ferozes.

Emtanto nunca desacoroçoava, ia logo bater a outro, a mais outro portal. Até que, pelas Avè-Marias, por essas piedosas Avè-Marias de céos d'amathista e de almas constrictas, lá conseguia levar qualquer cousa — cousa de nada, de fazer esbravejar mais o pae, de lhe dar aos olhos vermelhidão de brazas, de o concitar a excessos ineditos.

Tinha este viver, quando de chofre lhe morre elle. Oh! e de que módo! Sob pauladas, entre facadas, em uma escarapela d'alcool. Foi de noite, muito tarde. Assim mesmo acordaram a mãe para lh'o dizerem. E a mãe, mal tapando o corpo, correu impetuosamente, o cabelo ao vento, — um vento de cavar barrocas, — o casaco desapertado, a saia a cair e a estorvar-lhe o caminhar, ou porque se enfunava para a dianteira, ou porque se arremessava para traz, em esbatemento vigoroso. bronzeo.

Ella, a sua filha, tinha que ficar em casa para a guardar, para guardar os cacarécos. Mas não pôde. E' que a afflicção pela desgraça do pae era desesperadora, forçava-a a ir em remoinho instinctivo. E alcançando a mãe, refreou o passo, o alento — para palmilhar depois como uma sylphide... Ai! podia ser ouvida! Chut! Porém, se aquella de subito estugava a marcha, ella a estugava; e se gemia, ella gemia.

Finalmente, pararam ambas ao defronte de um novello de gente, onde referviam maldições em uma vozearia rouquejante como ondas batendo em cavernas: Nisto desfez-se o novello, bruxoleou uma candeia; porque apparecia a viuva, e o vendeiro das Carvalhas assomara á porta. «O' borrachos! onde está o meu homem? O' assassinos! que fizestes delle?» E alguns daquelle circulo de bandarras e sanguinosos iam-se approximando, encolorisados e resolvendo a descer os páos sobre a viuva, que tão desassissadamente os interrogava. — quando surdem perto o regedor e os cabos. Toda a corja corre, desaparece; e o vendeiro indica-lhe, entre umas ortigas, o seu homem. E ella então, correndo para o seu lado:

— José! José! sou eu, Conceição, a tua mulher, quem te chama! Os malditos já se foram. Levanta-te que são horas d'ires p'ra casa. Tenho-te lá um caldinho muito bom. Avia-te, José!

Mas elle nem um suspiro podia offerer, em resposta, á desconnexação da mulher

porque já estava sem vida havia bons minutos.

Camilla, redondamente esquecida da ordem da mãe, da ordem de guardar a casa, também se acérca, desvairada, do pae e, chamando-lhe paesinho, beija-o, diz-lhe que aquillo não é nada . . .

A sua mãe pouco mais durou. E essa — que desvario, santo Deus! — matou-se com petroleo, como fazem as doidas de amor. Camilla havia saído para pedir. Pela visinhança pesava uma mansuetude de casaes sem viv'alma. Untou as vestes, a cara, e com um graveto que arrancou á lareira, inflammou-se. Scena d'estarrecer.—Ella corria por todo o casebre, para deante e para traz, a alumia-lo com um clarão violento. E ria, em um descosido d'ensandecida, e gritava, feita bacchante no frenesi do galope, e praguejava, como heresiarca, contra a carne que se revoloteava em chios frementes, que se contorcia de dôr, — que não aguentava langorosamente, ou com sorrisos, feita salamandra, á chamma purificadora. Porfim rezava alto, em encommendação da alma ao Creador, e já soffria beatificamente, quando os visinhos abateram, a machadadas, a porta para acudir, para salvarem do fogo Camilla e a mãe e dão com aquelle brazido. circunscripto sobre o piso terroso, a expirar em um monte inanimado e em umas serpentes fugidias que se haviam transmutado para os caibros esfumados, para o telhado cobreado.

Quem valerá agora á orphan? Ella propria: mas sem ser pedinte, como fôra para os paes, amealhando-lhes um pão que nunca lhes déra a felicidade. Será malteza; e corre para a primeira terra em busca de trabalho.

Ao caminhar encontra, enleando o seu fado em uma trova ditosa, um almocreve, olhar sereno e acolhedor, corpo, da fortidão do teixo, a ondear na corrente perfumada de boninas, uma cabeça de barbaro tistana.

— Salve-o Deus, senhor!

— Santas tardes, cachopa. Perdôa, aonde vaes de longada tam só?

— Nem sei. Como sou uma desgraçada!... ai! se soubesse o quanto sou desgraçada!...

— Sim. Já vejo, és uma infeliz. Mas p'ra que sitios te diriges?

— Como sou uma desgraçada, vou por aqui fóra, ao deus dará, vou p'ra todas as terras, como malteza; ora a trabalhar por um caldo, ora por uma enxerga, ora por um saiote, e hoje em Sobradello, amanhã em Rossas, depois mais arriba . . .

— Não te agonies . . . O teu nome?

— Camilla.

— Não te agonies, Camilla. P'ra viveres não será preciso tanto. Ouve, eu te arran-jarei em Sobradello, o primeiro logar que vamos encontrar, e p'ra sempre. Sou de lá. Tenho lá os meus amigos, gente d'haveres e prestativa.

— Se me fizer essa esmola, como lh'a agradecerei, rico bemfeitor! . . .

Pouco mais andam, e, ao virarem uma corcova da cordilheira que ascende, formidavel, para a Cabreira, vêem casas d'aquella villoria. Até chegarem, o recoveiro pensou e descobriu a quinta em que podia ir falar para empregar a pequena.— A de Soutello, d'extensos trigaes e expessos olivedos, de fartas vindimas e numeroso gado. E como tinha gente! Um mundo: gente que nem em romarias. Ora vejam: quando era das sachadas, ou das arrincadas, a corda dos trabalhadores não findava, abrangia o campo de lés a lés e dava conta d'elle em tempo de duas tonadilhas. Sempre ha gente muita rica! . . .

Porém o dono, o sr. Agostinho, — um sybarita d'untos bamboleantes e de uma infir-midade de ascidia, — tem, para muitos, um defeito: gosta loucamente de mulheres, seduz virgens, arrepanha casadas e, como aveza muita massa, para fazer prevaricar os Poderes e emmudecer os necessitados, não lhe succede nada. Ora, Camilla é nova, gracial como uma levandisca enamorada. E que olhos os seus: parecem fundidos na aurifulgencia dos sóes. E que bôca: calida, um cravo sanguineo a entreabrir harmoniosamente.

O almocreve andava sempre por fóra, pela recovagem, não sabia do proceder do sr. Agostinho. Então, lá foi parar-lhe, com a miragem d'ir praticar um bem, debaixo da sua boa fé de caminheiro que só alimenta a alma e os sentidos com as simplezas silvestres. Elle disse-lhe que levasse logo a pequena — que a levasse desde que ella era, como dizia, uma moça prendada, louçan e mimosa, a lembrar que poisara do céo.

Quando ao outro dia Camilla chegou, o sr. Agostinho estava no quinteiro á sua espera. Com um modo carrancudo, d'alto senhor, informou-a de que, por ser um tanto fraca — queria dizer, não ter o vigor preciso para a lide da enxada, da rabiça, iria para um logar de serviços leves da casa. Que não lh'o agradecesse porque, n'esses amanhos, ainda lhe dava maior canceira . . .

Ella, porém, não podia deixar de agradecer-lhe; e agradecendo na sua fórma rustica — mudamente, com toda a alma, ali ficou, commovida, acanhada, a ouvir a canção ridente de que lhe havia chegado emfim uma aurora bemfeseja, uma aurora cujos primeiros alvares lhe abafariam todos os escuros que acabava de atravessar.

O sr. Agostinho — homem de grande pratica — deduziu logo, ao vê-la n'aquelle enlevo, que ella era uma castidade estreme, uma castidade em percepção e corpo; e que por isso lhe seria delicioso o prendê-la e dilacerar mais aquelle hymen. E' conveniente, emtanto, mostrar agora a sua catadura de patrão e determinar:

— Vae lá para dentro, procura a senhora e diz-lhe que te dê serviço. A sr.^a Antonia é quem toma conta do governo da casa . . . E' preciso obedeceres-lhe!

Ha abundancia, alegria, tudo, n'aquella quinta. Camilla nunca tivera abundancia, nunca tivera alegria. Mezes ávante, pois, é outra. Outra completamente: é mais carregada a sepia dos seus cabellos; tem o rosto escarolado do terror da miseria; alteou-se-lhe a turgescencia dos seios; accendeu-se um novo brilho nos seus olhos; e já se lhe quebram, na bôca de rosa, risadas suggestivas gorgeantes.

Por estas alturas, ella ouve o primeiro paleio do amo. Até então que de zelos este lhe não dedicou! Elle havia presigo todos os dias: vinho do melhor; gulozeimas de vez em quando; roupa de aquecer — tudo.

Naturalmente a nuvem d'invejas, de picuinhas e malquerença acastellou-se de roldão sobre a cabeça d'aquella especie de favorita.

Mas o sr. Agostinho explicou á sr.^a Antonia, para que ella se convencesse e convencesse os mais, (que tinha muita pena, oh! se tinha! da orphã, por ser tão fraca, tão delgada; que se não houvesse cuidados, certo entisicaria). De resto, sempre severo

para ella, não lhe dava confiança como á sr.^a Antonia, e só lhe dirigia a palavra para a mandar.

Portanto aquelle tratamento desusado que lhe dava não significava engodo, mas caridade. Caridade . . . pois sim — torciam, perversa, scepticamente todos. — Só quem o não conhecesse é que podia engulir a pilula. Emfim, não havia outro remedio, tinham de calar-se.

Camilla, porém, acreditava no sr. Agostinho. Acreditava cegamente. — Quando elle lhe arremette o primeiro bote, nada teme, ouve-o com sorrisos ingenuos, com devoção, pensa até, tal o seu descuido, que está a ordenar-lhe algum serviço.

— Que diz o senhor? Alguma cousa p'ra já, quer?

E espargiu tal candidez pelo semblante, tocou as palavras de tal serenidade, que elle não pôde avançar, como queria, n'esse dia. Aguardou-se então para um outro e para quando ella tivesse d'ir, de manhan, á horta, lá abaixo, atraz de um olival. Essa occasião chegou logo e elle, occulto entre troncos, esperou-a desde cedo, com nevrose, e sempre de ouvido áleria para que não deixasse de lhe soar todo o crystal da cantiga matutina da linda serva. E afinal não cantara n'essa manhan, apparecera a estalar as couves sem ruido, sem lhe ouvir, á ida sequer os passos. Mas o que queria lá estava.

— Bons dias, Camilla! grita-lhe, approximando-se subitamente. — Então hoje não cantas? Olha que o cantar faz bem, faz esquecer . . . — E, cada vez mais perto, quasi a sorver-lhe o halito, circumvaga o olhar por todos os lados, conclue em um beijo: — Faz esquecer as tristezas!

Camilla temeu d'esta vez o sr. Agostinho; estremeceu, como se a tocasse um mau vento, ao elle lhe apparecer tão subitamente e áquella hora; horrorisou-se, fugiu, ao sentir o contacto d'aquelles beijos roxos de volupia, ao vêr conspurcada a sua pelle virgem, ao lhe segredar a innocencia que aquelle beijo lhe faria brotar no corpo uma rosaça de macula eterna. Agora o patrão, de assalto, entesou-se, quiz, intimou:

— Já para aqui, sua tola, sua ingrata! E' assim que paga o bem que eu lhe fiz?! Não se lembra em que condições veio para minha casa? Era uma faminta, um andrajo, um mólho de pelles, uma mosca morta. E hoje,

hoje, não é gente?! Pois então é obedecer!

E a serva lá parou, lá veiu, encolhida, aninhada, — ora pedindo perdão, ora desculpa: «Perdôe... Desculpe por quem é, meu senhor!», para ao pé do amo e ahi lhe offerece, a vibrar de submissão, a face, o corpo immaculado.

Camilla, depois do holocausto da sua mais açucenal mocidade, está para ser mãe. O sr. Agostinho já está quasi esquecido d'ella. E quando lhe annunciam o nascimento do seu filho — isto é, do filho da sua creada Camilla, recebe a noticia com esta sécca:

— Ora, ora! Que tenho eu com isso? Por acaso sou o pae?

Se o era!... Mas, claro, ninguem de casa se arrojava a dizê-lo, salvo á puridade, de intimo para intimo. Ao contrario, e então se divulgassem o facto por fóra?... adeus bom passadío, adeus fartura d'aquella quinta! seriam todos expulsos de lá, todos! E por isso... bôca calada como até aqui, tudo mysterio com o que pairasse sobre aquelles dominios e dissesse respeito ao seu senhor absoluto.

Camilla poucos dias esteve de cama. Quando se ergueu, aos cambaleios, galvanizada de fraqueza, foi logo direita ao postigo para gosar um pouco da claridade tonificante da manhan. Já tinha tantas saudades da luz!... Emtanto, o goso foi de minutos. Porque não tardou a notar, no jardim, palmilhando em uma beatitude de sensualão, o sr. Agostinho e, d'ahi, a medir toda a sua desgraça, a vêr que era desgraçada como nunca o havia sido...

Porfim, mal se lhe haviam ainda desfeito os vincos das lagrimas, chega a Beatriz. A Beatriz é parceira, a parceira que mais invejara os bellos tratos que ella tivera e sobre os quaes bordara as mais bizarras flôres da maldade. Era porque a sua época de preferida estava, ao tempo, virtualmente eclipsada — e quem podia querer uma ruina? — e porque, mesmo quando a atravessara com fulgurancias, nunca chegara a ter os mimos de Camilla.

— Ora viva, Camillinha! Então, melhor, estás melhor, não é assim? E o menino... ferinho, sim? Deus o fade p'ra bom, p'ra teu arrimo. Não, que tu bem precisas, filha!

— Se preciso!... Não tenho ninguem por mim no mundo.

Contrapõe a Beatriz:

— Ah! isso mais devagar. Ninguem, é modo de dizer.—E hesitando capciosamente: Não tens... o patrão? O sr. Agostinho, que diacho, é bom por ti. Amostrou-o um rôr de vezes, a quando chegastes, e muito tempo depois.

— Esse não é mais. E se o foi... Ai! quem não sabe com que fim elle me fez tanta cousa!... Como eu fui cega!...

E a infortunada cahiu, soluçando, sobre o enxergão.

Depois serenou, limpou os olhos, e, como que virada para uma vaga consoladora e resarciva:

— Se ao menos, quando eu morrer... porque eu não aturo muito — elle perfilhar o rapaz!...

Vae a outra e faz-se de sonsa:

— Que rapaz, menina!? Então este teu filho é... do sr. Agostinho?! Crédo! Tu não estás bôa da cabeça! Agora, pobre de ti, tens razão: é da fraqueza. E'.

E foi sahindo, a benzer-se:

— Cruzes! cruzes! A rapariga não está bôa, ensandeceu!

— Que dizes, ó Beatriz? pergunta-lhe o patrão que a vê sair com tanto espalhafato, espalhafato que avoluma ao ella o enxergar. — Parece que viste o demonio!

— Se lhe parece, senhor! — E lá vae a serpe envenenar. — Ai! se lhe parece que não tenho o direito de me benzer!... Avalie, a Camilla... que hoje não é senão um estafermo como eu, acaba de me dizer que... ai, Jesus, que doidice! que vossemecê é pae do fedelho que ella teve agora — agora, porque com certeza já teve muitos — e que quer que o perfilhe já, já!

— Isso que dizes é exacto, ó mulher?

— Na minha salvação! (E batia rijamente no peito raso). Inda eu morra n'este instante se o não fôr!

No dia seguinte, de madrugada — uma madrugada escura como antros — Camilla é sobresaltada com uns empurrões, umas punhadas d'hercules na porta do seu pardieiro.

— Lá vou! Quem bate?

— Abra! Abra depressa!

E abrindo, apparecem-lhe, de impeto, dois machacazes disfarçados. Ella treme com toda a sua timidez feminil, e assalta-a a freima de um novo martyrio.

— Avie-se! Arranje os trapos que tem de girar!

— Mas porque? Para onde? E como poderei eu andar?! E quem me leva o innocentino?! Pelo amor de Deus... deixem-me! Olhem que só me levantei hontem! Olhem que me matam, mais ao meu filho!...

E a mater estorcia-se, implorava; empuchava delicadamente as vesteas dos dois a rogar-lhes que tivessem coração...

Mas elles não o tinham e não gostavam de lamurias. Era aviar-se! Ao contrario iria á força e, para maior castigo, sem o fedelho!

Deante d'isto, ella, transfigurada em força, dá um salto, relampagueia um olhar de louca e, cingindo o recém-nado ao peito, diz, em um aprumo de comediante:

— Vamos, meus senhores!

Fóra, a dois passos da herdade, havia uma azinhaga, só asperidades, que avançava até um pragal retirado da villa. — Os malsins do sr. Agostinho Soutello, munidos de luzetas, carregaram por lá a mãe e o filho.

A caminhada, até abrir o dia, foi um supplicio para a pobre. Ao começo, n'aquella vereda, foi com as silvas a morderem-lhe as carnes, os cerquinhos a rasgarem-lhe as vestes. Adeante, na estrada velha, com as agulhoadas do saibro e a dentuça do cascalho. Mais além, foi com o estiramento a pique de certas lombadas. Por ultimo, com os vagidos lancinantes do innocente.

Mas o dia desabrochou em uma flôr d'ouro e penetrou e aqueceu Camilla; e na sua alma irradiou logo a esperanza de que não augmentariam, desde esse momento, as torturas d'aquella viagem.

Subiam um monte — a entestar pela corda cimeira, com um *stractus intermino*, a amedrontar, pelos lados, com uma penedia cerrada — quando os dois a agarram, a varejam e lhe dizem, em tom terrificante tal a paisagem:

— Agora, mulher, que estamos bem longe das terras do seu antigo bemfeitor, vamos deixá-la e dizer-lhe que está cumprida a nossa missão. A missão de a arredarmos de lá e de lhe impormos que nunca! percebeu? que nunca mais se atreva a tocar no nome do sr. Agostinho Soutello. Este nome é sagrado, tudo o que lhe diz respeito é sagrado!

E virando costas, os dois lá se fôram, a descoser gargalhadas lapurdias.

— «Que felicidade... Lá vão... Lá vão elles!» E toca a rir, a sapatear infantilmente. Estava livre dos farçantes, livre, embora em um sitio medonho. E fizera-se-lhe uma luz no cerebro e ella desvendara a causa da sua expulsão. Fôra esta: uma intriga. A Beatriz — estava mesmo a vê-la — vomitara-a hontem, ao sair de sua casa, e o sr. Agostinho, que a ouvira com todo o empenho, mandou logo escorraçá-la, escorraçar a serva Camilla... Era isso... Emfim, via-se livre! livre dos farçantes, livre do monstro chamado Agostinho Soutello!

Sob este prazer, foi assentar-se em um lagedo. Estava bem fatigada! Já tinha alguma fome. O filho, coitadinho, dormia. Valia-lhe ao menos isso. Cingiu-lhe bem a manta ao corpo, beijou-lhe o alabastro do rosto e foi deitá-lo, risonha, em uma enxergasita que improvisara com gilbardeiras e fetos sêccos. A seguir foi procurar um fructo, qualquer cousa para enganar o estomago, e descobriu uma touceira de pútegas. Sorveu-as soffregamente, lembrando a unção de uma israelita do Exodo a sorver o maná. Descançou mais algum tempo, o filho já acordado, e mettu-se á estrada a olhar sempre para traz com terror. Não, que os assalariados do sr. Agostinho podiam voltar...

E andou, — teve de vencer ainda bastantes lombas, de passar muitos vallados, de desesperar-se, de descreer da benignidade divina, — até entrar na terra onde está hoje: onde está ganhando a vida em um tear que uma excellente velha tecelã lhe cedera a troco de umas magras coróas.

Santa gente a d'esta terra. Elle mais caritativa não havia!... Logo que certas senhoras souberam da sua desgraça e que ella queria ardentemente trabalhar, para se sustentar a si e ao filho, empenharam-se com o gerente da fabrica, lá a arrumaram a praticar debuxo e, por fim, como vissem que era um córte na alma o ella apartar-se todos os dias, de manhãzinha á noite, d'aquellé innocente, affiançaram-na e conseguiram da fabrica materia em bruto para ella tecer em casa.

Lá tira então, diariamente, os seus quatrocentos réis e lá vive aquella vida de felicidade, de amor para o filho, de gratidão

para este bom povo cujas acções lhe parece serem de uma limpidez d'hostia e de um desinteresse edenico. Só deseja de futuro uns dias mais para crear o filho, para o fazer um verdadeiro homem. Depois, não se importará de morrer.

E o seu filho, a sua vida, por entre as luminosidades de quietude e d'aquellas paredes, vae crescendo, chilreante e são, e encantando-a a ella, e encantando toda a gente.

Mas um dia a pobre mãe tem um grande desgosto: ouve dizer que o menino é o retrato do sr. Agostinho. Oh! e ella que se não lembrava mais d'essa cara!... Foi um mal que se lhe descicatrizou no peito. Seria mesmo parecido?

—A cara chapada! affirmara-lh'o um morador de Sobradello, que a visitara ao passar por aquelles sitios.

Tempos a seguir tem uma agitação. Ouve, de pessoa bem ao par, que breve arrancará para os seus lados, de passagem para terras impervias, uma enorme tribu de ciganos. Aquillo é que era uma horda devastadora: pilhava animaes, milho... creanças — nada lhe escapava!

Vem o dia de ir á fabrica receber a feria. E sempre estava precisada! Mas... e os ciganos, os ciganos?...

Mal ella se lembrava d'elles, se lhe atristava o rosto, se lhe esbrasiavam as pupillas, clamando resoluta por fim: «Não vou!»! ao passo que chocava os batentes do tear, como para delir a idéa que lhe pesava: Tréco, tarréco, tréco! Porém urgia caminhar, não havia outro remedio. Ademais isso de os ciganos apparecerem por lá parecia historia. Pois, não se falava n'essa cafila havia tanto tempo, e nada d'ella passar?! E depois, tambem, a fabrica ficava perto, podia ir em um pulo e encontrar ainda o filho a dormir.

—Que isto de o acordar era um grande peccado, ai, era um grande peccado acordá-lo, pobresinho!

E assim concertou e assim fez. Ao voltar notou, porém, de longe a porta escancarada. Quem a abriria? Sobresaltada, o coração a soffocá-la, correu em uma cegueira vertiginosa e quando entrou no tugurio, e procurou na cama, e esquadrinhou pelos cantos, e virou trastes, e revolveu roupas, e agitou trapos — não viu o filho! Lembrou-se do rodilhão dos zingaros, veio cá para fóra e, gritando com todas as suas forças de allucinada, soltou esconjuros, fez reboar lamentos, para todo o povoado se mover, para todos lhe acudirem.

O povo acudiu em tropel, em troços resfolegantes, e em poucos minutos coalhou ao derredor d'ella, a indagar, a compadecer-se. Mas a desgraçada só sabia pedir, a enroscar-se de dôr, a arrepear-se de desespero:

—Ai! acompanhem-me, acompanhem-me!... Vamos atraz dos excommungados!...

Commiserandos gypsios. Vós, como não possuíis, ao que parece, um unico vaso de sangue escorreito, quer dizer — limpo da execração que vos ferreteou no fado perpetuamente nomade e soffredor a vossa empestada Sindhi, tendes de gemer até com as culpas de um sr. Agostinho Soutello.

Quem roubou o filho da Camilla, bem o sabeis, não foi nenhum de vós, nenhum de vós, ó ardentes stoicos hindús, jámais passou por aquelles lindos sitios; quem o roubou foi esse senhor Agostinho. E fê-lo porque, sabedor de que elle se parecia comsigo, quiz ter o capricho de o vêr ao seu lado na sua abastada herdade. Mas o melhor foi o motivo, o motivo que o levou á pratica de tão simplicissimo feito, e que a seguir explicou á sr.^a Antonia, para ella por sua vez o explicar aos mais: a mãe, a miseravel mãe não tinha pão para sustentar a creança!

—De sorte que — acrescentavam os da quinta convictamente — até fóra uma obra de caridade o acto do sr. Agostinho!...

COSTA MACEDO.





As zebras



NIMAL feio! Animal bonito!!

Esta designação de feio e de bonito tem muito de relativo, principalmente entre os animaes.

Alguns, que a maioria das pessoas teem como horrendos, apresentam contudo aos olhos do naturalista e do amator apreciaveis sinaes de belleza. E' uma questão de modos de ver e um facto psychologico que se não acha bem explicado. O que é bello para um negro da Africa Central ou para um indigena da papuasia, será detestavel para qualquer de nós e *vice-versa*.

Diz-se popularmente: feio como burro! e apesar disso esses formosos animaes que são as zebras teem mais de um ponto de similhaça com aquelle.

A zebra é mais elegante e esbelta; a listragem original da sua pelle sobre fundo claro confere-lhe um certo pinturesco, que daria a idea de fazer della um animal heraldico, ou melhor, uma especie ornamental e de luxo, aproveitando o decorativo da sua zebrura.

Seria com efeito um animal nobre se o domesticassem e o sujeitassem ao apuramento de raça como o cavallo; será ainda um animal util se, deixando de o considerarem caça, o reduzirem a prestar os serviços de que elle é capaz, como montada e tiro.

Teem efectivamente a fama de ariscas e indomaveis as zebras, o que, se tem um certo fundamento, não é contudo um mal irremediavel, por isso que, em época recente, a habilidade e a paciencia do homem conseguiram triumphar da natural selvageria e esquivança destes animaes.

A sua belleza e graciosidade, dada esta condição de domesticidade, impõe-os á sympathy de quem saiba ver nelles alguma cousa mais do que um alvo para caçadores ou um alimento para disputar.

Já o egregio Buffon aconselhava a que se tentasse a domesticação da zebra e Daubenton dizia que ella se podia domar como o onagro ou o cavallo selvagem, para obter um animal de carga mais forte que o burro e mais bello que o cavallo, mesmo sem ricos arnezes.

A rebeldia da zebra, exageros á parte, não é uma simples invenção de romancista ou conto fabuloso de aventureiros em viagens sertanejas. Tem o seu fundo de verdade na observação de exploradores conscienciosos e até em factos historicos.

Em 1761 procuraram domar duas zebras da *ménagerie* de Versailles para as montarem, mas era necessaria muita precaução, porque escouceavam ao minimo toque das orelhas. O mesmo auctor diz que foram vistos quatro individuos desta especie em Lisboa, atrelados ao coche real (!). Ora isto não é verdade.

As zebras nunca andaram atreladas aos coches reaes portuguezes, nem era facil conseguil-o, em presença da rudeza nativa destes equidios. Tentar sómente sujeital-as ao carro seria uma especie de temeridade muito mal sucedida, se não usassem antes de uma tactica educativa, sem a qual nada se pode obter dellas.

Alguma cousa de verdadeiro ha contudo no espirito daquella ousada afirmativa. E' o que refere o venerando publicista Vilhena Barbosa, na sua memoria sobre a historia das colecções e estudos de zoologia em

Portugal (1). Refere este escritor que El-rei D. Pedro III estabelecera na quinta real de Queluz um viveiro de aves exóticas e jaulas com feras dos sertões de Africa Occidental, no pavimento terreo de um dos corpos do palacio. Tambem ahi se conservaram por algum tempo umas zebras vindas do Congo para a rainha D. Maria I. Julgando-se que poderiam ser domesticadas e ensinadas a puxar por um carro descoberto, em que costumavam passear nas ruas da quinta os jovens principes D. Antonio e D. Maria Tereza, netos daquella soberana, mandaram-se fazer no Arsenal do Exercito sellas e arreios de marroquim verde, com profusão de ferragens douradas. Foram porém baldados todos os esforços. As endiabradas zebras nem consentiam que se lhes pozessem os arreios.

No entanto a historia das zebras em Portugal no seculo XVIII tem-se repetido, provavelmente deturpada, mas não facilmente sustentavel com documentos fidedignos, como o que acabamos de citar.

Buffon refere-se ás atrelagens de zebras que os holandezes faziam para o Stathouder, mas Cuvier e Geoffroy Saint-Hilaire (2) desmentem o asserto, assim como o que se refere ás da rainha de Portugal, cuja significação se depreende do que foi publicado pelo historiographo portuguez.

Esta contradita não quer dizer que não haja zebras mansas e bem educadas.

A este respeito escreve Selous (3) que o seu natural não é muito circumspecto. Nos sitios em que ella (a zebra) não tem sido muito inquietada vem trotar perto das caravanas. Os novos deixam-se domesticar muito bem e rapidamente. Este auctor não crê que a zebra seja o animal manhoso que geralmente se supõe. Diz elle ter conhecido muitas que eram doces e algumas meio domesticadas, que durante um certo tempo foram empregadas no serviço das diligencias no Transvaal e que não tinham aspecto feroz. Viu-as juntarem-se a animaes domesticos.

Considerou-se por muito tempo a zebra como insusceptivel de domesticidade, em consequencia da sua excessiva selvageria. Contudo os viajantes repararam que os negros cavalgavam os *hippotigres*.

O dr. Paul Ruchard, membro de uma expedição allemã, foi um dos primeiros que escreveu ácerca da possibilidade da zebra ser utilizada como montada e como animal de carga. Houve uma época em que ninguem se occupou do assunto, ou pareceu tal. Na actualidade tanto os inglezes como os alemães e os belgas tratam sériamente do aproveitamento deste animal. Já os alemães o empregam como montada, na sua colonia d'Africa oriental. A exemplo destes, o governo do Congo belga decretou medidas de preservação da zebra, que virá a prestar os seus relevantes serviços aos colonos.

A sua andadura é rapida, por isso mais propria que o camelo para a viagem e mesmo para o transporte de mercadorias e bagagens.

A domesticação da zebra é longa e difficil no entanto. Um official belga, o capitão Nys, foi encarregado desta missão especial, no Congo.

A zebra é ciosa da sua liberdade; tirada do seu meio habitual, d'entre os seus companheiros, parece redobrar de ferocidade; torna-se mais esquiva, mais difficil de ser aproximada pelo homem, deixa de comer, morre de nostalgia, emfim!

Apanhada em pequena é mais passivel de amansamento e de ensino.

Uma vez presos os adultos indomaveis dão mostras de uma maldade extrema, atiram-se contra as tabuas da sua prisão, de modo a ferirem-se gravemente e a terem de ser abatidos.

O capitão Nys conseguiu porem 65 zebras amansadas, sem morderem nem darem coices. Dahi ao ensino pouco vae. Na Africa oriental allemã, onde o Conde de Goetzen, governador da colonia, tomou a iniciativa desta experiencia, segundo uma noticia publicada por P. Walle, diligenciou-se empregar a zebra em exercicio militar. A tentativa, que a principio pareceu infrutifera, lentamente permittiu encontrar maneira de alcançar um exito satisfatorio.

(1) V. Barbosa, *Apontamentos para a historia das colleções e dos estudos zoológicos em Portugal*, Lisboa, Sociedade do Jardim Zoologico, 1885.

(2) *Histoire Naturelle des mammifères*, par Geoffroy Saint-Hilaire et Cuvier, III, Paris, 1824.

(3) Selous, in. *Les animaux vivants du monde*.

Começaram por reunir os animaes em rebanhos de 200 cabeças, em grandes prados; entre os animaes escolheram alguns dos mais tranquillos e prenderam-n'os em estrebarias, separados uns dos outros, dando-lhes por companheiros os burros que lhes dão exemplo de quietação e de brandura. Quando elles se tornam socegados, tratam de os ajaezar e de os habituar aos cuidados... domesticos.

Fazem-n'os sair aos pares com os burros e obrigam-n'os a andar.

O seu ponto fraco está nas orelhas! Quem o diria! Puxando-lhe as orelhas o animal cessa de resistir. Nem sempre assim, porque o chicote não deixa de ser instrumento de ensino para essas alimarias de uma indole excepcional.

As primeiras experiencias de cavallaria e de tiro deram excelentes resultados.

E' realmente curioso um grupo de officiaes montados nesta especie de cavallos listados, verdadeiros hippotigres, como os denominavam os antigos. Observa-se este aspecto de uma grande originalidade em uma gravura que acompanha a noticia destes factos publicados ha pouco pela *Vulgarisation scientifique* e que por dificuldades technicas não é possível reproduzir.

A ferocidade humana, sempre mais para temer que a dos irracionaes, tem desenvolvido a possível actividade para perseguir e levar as zebras até aos limites da sua extincção, pelo simples prazer de abater caça. O reconhecimento da utilidade de semelhantes especies operou de ha tempo para cá

um reviramento e hoje os governos de diferentes nações coloniaes tomam medidas de protecção, para impedir o massacre e a desapareição dessas preciosas especies. E' o proprio viajante Vasse, caçador emerito, que diz no seu livro *Trois années de chasse au Mozambique* (1) que a zebra é um animal tão maravilhoso e pronto a prestar tão grandes serviços em um paiz onde os animaes de tiro morrem, que elle deplora que até aqui só tenham tentado domestical-o a bala, enquanto no Transvaal os mail-coachs levam zebras atreladas.

Alem das qualidades de rapidez de an-



JARDIM ZOOLOGICO — ZEBRA DE BURCHELL (VARIIDADE DE CHAPMAN)

dadura, de resistencia no caminhar e da especial firmeza que mostram nos atalhos pedregosos e nos invios dedalos da montanha, as zebras possuem uma excepcional imunidade contra as picadas temiveis da mosca tzé-tzé, o flagello da Africa Oriental e austral, o qual destroe desapiedadamente todo o gado cavallar.

Por isso se procura obter da zebra, por uma artificiosa domesticação e um paciente ensino, o que se deverá exigir do cavallo ou das muares. Tem-se tratado de crear

(1) Guillaume Vasse, *Trois années de chasse au Mozambique*, Paris, Hachette, 1909.

mestiços que reforcem aquellas qualidades preciosas, d'onde os variados cruzamentos que produzem os *zebroides* ou *zebrulas*.

O professor Ewart apprehendeu ha poucos annos a interessante experiencia do castiçamento entre zebras e cavallos, creando animaes vigorosos e resistentes para os arduos trabalhos nos climas quentes e ainda susceptiveis de arrostar o inverno nos montes da Escocia (1).

Os resultados alcançados por este e outros experimentadores, principalmente na Africa oriental inglesa (Uganda) são dos mais animadores. Tambem na provincia de Angola o explorador portuguez e distincto, medico da armada, dr. Pereira do Nascimento fez uma experiencia deste genero com notavel exito.

A appropriação da zebra ou dos zebroides aos diferentes trabalhos, particularmente aos exercicios militares, constitue um problema de zoologia aplicada, que muito interessa as nações colonisadoras e cuja solução todas devem auxiliar.

Hippotigris chamaram os antigos a estes equidios, d'onde se deprehende que os romanos tiveram conhecimento da zebra. A historia efectivamente refere que um certo perfeito de Roma no anno 202 enviou centuriões á ilha da Erythrea (Mar vermelho) para buscar os *cavallos do sol*, que eram *semilhantes aos tigres*. Ora as zebras chegavam até á Abyssinia e o commercio que então se fazia tornava possivel pôl-as ao alcance dos romanos. Um outro historiador, Dion Cassius, diz que o imperador Caracalla fez aparecer no circo, no anno de Roma 661, um elephante, um rhinoceronte, um tigre e um *Hippotigre*, assim denominado pela similhaça com o cavallo e com o tigre (2). Estas referencias, a serem verdadeiras, mostram que estes animaes se dilatavam por uma area muito mais extensa do que hoje, em que tendem a rarear.

Uma das suas especies extinguiu-se de todo: a *Cuaga* (*Equus quagga Gml.*), assim chamada em razão da voz que fazia ouvir.

Era outr'ora muito abundante na Colonia do Cabo (seculo xvi). Formava manadas numerosas, que foram afugentadas e destruidas pelos colonos. Abundante ainda no seculo xviii, traziam-na á Europa como curiosidade. Em 1800 um tal Scheriff Parkins passeava em Hyde Park num phaeton atrelado a duas cuagas. Os ultimos sobreviventes teriam sido exterminados no meado do seculo passado (Trouessart).

Outra especie que se extinguiu foi a zebra de Burchell. Muitos tomam por zebra de Burchell a de Chapman (*E. chapmani Layard*), actualmente mais conhecida, porém a primeira distingue-se desta pela ausencia de zebruras nos membros. Habitava o Orange e a Griqualandia occidental, trazida por Burchell. Depois da abertura do canal de Suez, segundo afirma o citado naturalista francês, foi substituida pela zebra de Chapman, importada de Zanzibar e de outros pontos da Africa oriental. Nos diversos museus de historia natural, á excepção dos da Peninsula, existem exemplares, em geral muito antigos e deformados, como mostram os numerosos documentos publicados por Ridgeway nos *Proceedings* da Sociedade Zoologica de Londres, em outubro de 1909. Os mais modernos são o do Jardim Zoologico de Berlim, vivo ainda em 1894, e o que se acha no Museu de Paris e pertenceu provavelmente ao casal que vivia em 1825 no Jardim das Plantas e a que se refere Trouessart (1).

Recentemente possui o Museu Bocage uma pelle bem conservada de zebra da variedade *granti*, da Africa oriental portuguesa.

As especies consideradas hoje pelos naturalistas são a zebra de montanha (*Equus Zebra*), a zebra de Grévy (*E. grevyi*) e a de Chapman (*E. Chapmani*), esta ultima considerada como uma variedade ou sub-especie do *Equus burchelli*, cujas modalidades de côr e desenho originaram as variedades que formam o grupo burchelliano em que esta especie se resolve. Entre a zebra de montanha e a de Burchell parece haver um intimo parentesco. O professor Ewart mostra essa transição representada pela variedade de Crawshay encontrada na Nyassalandia. A principal caracteristica do agru-

(1) *Les animaux vivants du monde.*

(2) In Geoffroy Saint Hilaire & Cuvier, *loc. cit.*

(1) Trouessart, *Bull. Mus. Hist. Nat.*, n.º 7, 1906.

pamento burchelliano é a existencia de largas faxas por todo o corpo, as quaes só apparecem distinctamente na garupa da zebra de montanha. Na variedade de Grévy as faxas são estreitas e muito proximas, enquanto na de Chapman são mais largas e distantes umas das outras, formando labirintos. Mas todas estas distincções, fundadas unicamente nas disposições incertas do desenho e nos matizes subtis da coloração, escapam de certo aos menos versados no estudo dos animaes e, mesmo para os naturalistas, dão origem a divergencias de opinião, que fazem vacilar essas características.

Contudo a variação da zebra é um facto; simplesmente a dificuldade reside em achar o verdadeiro parentesco das especies e variedades formadas á custa da divisão e sub-divisão do genero.

A sua distribuição geographica é diversa e este facto é sem duvida muito importante para a identificação dessas variedades e para explicar a sua origem.

A zebra de montanha é oriunda da colonia do Cabo; a de Grévy, da Somalilandia, geralmente da Africa oriental inglesa; a de Chapman encontra-se no Transvaal, enquanto a de Crawshay habita na Nyassalandia e a variedade de Grant na Africa equatorial.

As divergencias dos seus caracteres provam que a zebra varia de uma para outra localidade e mostram a inconsistencia da maioria das especies erectas á custa destas variedades locais.

Conforme as observações e estudos feitos por Ridgeway, parece provavel que o ponto de irradiação destas diferentes variedades, saídas de um tronco commum, que seria provavelmente a zebra de Grévy, se en-

contra perto do Lago Baringo, proximo do Lago Victoria, na Africa equatorial, onde se estabelece naturalmente o ponto de contacto entre esta especie e as diferentes formas representativas do *E. burchelli*, constituindo o grupo ou familia burchelliana.

Seja como fôr, o que tem sido observado e experimentado á cerca destes curiosos e interessantissimos animaes permite-nos chegar ás seguintes conclusões:

Que a zebra, longe de ser o animal irreductivel que se tem feito acreditar, é um animal domesticavel e portanto ella não deve ser tratada como qualquer especie



JARDIM ZOOLOGICO — ZEBRA DE BURCHELL (VARIEDADE DE CHAPMAN)

feroz ou selvagem, a que se promove a caça livre, sujeitando-o á acção destruidora que esta manifestamente exerce nos animaes de maior porte e de mais difficil reprodução.

Que, pelas experiencias a que tem sido submettida, a zebra é um animal util, aproveitavel para determinados serviços, principalmente como animal de carga ou de tiro. nas regiões quentes do globo, onde pode substituir com vantagem reconhecida o cavallo, que sucumbe facilmente nessas paragens, em virtude de doenças parasitarias a que a zebra resiste.

Que se torna muito interessante e util o cruzamento com outras especies e a criação de mestiços (*zebrulas* ou *zebroides*), que

conservam e ampliam as qualidades das zebras.

Que ella é aclimavel em regiões extremas, onde se pode tirar partido de um animal ao mesmo tempo vistoso, de boa estampa e de predicados que o tornam muito aceitavel.

Nestes tempos de expansão e actividade colonial, a criação das zebras e a sua domesticação constitue um notavel progresso,

que se pode considerar mesmo uma importante conquista, a qual, ao lado de identico trabalho com os elephantes, ha de desempenhar um papel de effeito na civilização africana, facilitando o esforço e auxiliando impagavelmente o homem nas grandes luctações de que o vasto continente negro é constantemente teatro, para a extração e commercio das suas insondaveis riquezas.

(Photographias de Eduardo Costa.)

J. BETHENCOURT FERREIRA.

Naturalista do Museu Bocage (Escola Polytechnica)



Mulher

D'antes, uma alegria transparente
 Como a esperança clara e vaporosa,
 Via-se sempre inquieta e caprichosa
 No teu rosto, suave, de innocente.

Agora, pensativa e já doente,
 Sofres n'uma tristeza luminosa,
 Como o sol na agonia côr de rosa
 Entre as nuvens sombrias do poente.

... Os sorrisos de luz e de bondade,
 As caricias profundas da saudade
 Na expressão meiga d'esse teu olhar,

Dizem que o teu aneioso coração
 Chora luctando e tem luctado em vão
 Como a ave presa sem poder voar!

Miranda Santos.



A carta roubada

*Nil sapientiae odiosius acumine
nimio.*

SENECA.

EM Paris, ao cahir da noite, depois de um dia sombrio e tempestuoso do outomno de 18... gosava o duplo prazer da meditação e de um cachimbo de escuma, em companhia do meu amigo C. Augusto Dupin, na sua pequena bibliotheca que ao mesmo tempo lhe servia de gabinete de trabalho, no terceiro andar, da rua Dunot, n.º 33, no Faubourg Saint-Germain. Estavamos, havia mais de uma hora, mergulhados no mais profundo silencio, e a quem por acaso nos tivesse observado, pareceríamos, um e outro, inteira e unicamente attentos a seguir as espiraes onduladas do fumo que enchia a atmosphaera do aposento. O meu espirito occupava-se a ruminar certos pontos da conversa que tivemos pouco antes, quando a porta se abriu dando passagem ao nosso antigo conhecido G., Prefeito da policia.

Acolhemol-o cordealmente, porque esse homem tinha o seu lado divertido, apesar de a certos respeitos ser um tanto desprezível, e, de resto, havia bastantes annos que o não viamos. Como estavamos ás escuras, Dupin foi accender um candieiro; mas tornou a sentar-se, sem nada ter feito, quando G. disse que nos vinha consultar, ou, antes, pedir a opinião do meu amigo, ácerca d'um negocio que dizia respeito ás suas funções de Prefeito e que lhe tinha causado serios embaraços.

— Se é um caso que exige reflexão, disse Dupin, no momento em que ia accender o candieiro, teremos toda a vantagem em o apreciar na escuridão.

— Ainda uma das suas idéas extravagantes, observou o Prefeito, que tinha a mania de qualificar de extravagancia tudo o que excedia o alcance da sua intelligencia.

— E' verdade, respondeu Dupin, offerecendo um cachimbo ao visitante e chegando-lhe um confortavel fauteuil.

— E então, em que consiste a difficuldade? perguntei eu. Não se trata de algum assassinio, assim espero.

— Oh! não. Nada d'isso. O caso é muito simples, e sem duvida sahiriamos d'elle satisfatoriamente; mas pensei que não desagradaria a Dupin conhecê-lo detalhadamente, de tal modo me pareceu extravagante.

— Simples e extravagante, observou Dupin.

— Sim, e todavia não é extravagante que eu devia dizer. Mas tem-nos singularmente embaraçado, pois, por mais simples que seja, não deixa de nos conservar em cheque.

— E' talvez a propria simplicidade que o induz em erro.

— Ah! está uma cousa que não faz sentido! respondeu o Prefeito rindo.

— O mysterio é talvez claro demais...

— Oh! céos! Ouviu-se já semelhante idéa!

— Mas, no fim de contas, perguntei, de que se trata?

— Vou-lhe expôr o caso em poucas palavras, respondeu o Prefeito, mas, antes de começar, permittam que lhes diga que é um caso que exige o mais absoluto segredo e

que me arriscaria a perder a posição que actualmente occupo, se se descobrisse que o communiquei a alguém.

— Comece.

— Lá vae Fui pessoalmente avisado que havia sido roubado dos aposentos reaes um papel da maxima importancia. O individuo que d'elle se apoderou, é conhecido, indubitavelmente conhecido, porque foi visto em flagrante. Sabe-se tambem que o conserva ainda em seu poder.

— E como se sabe isso?

— Deduz-se de um modo que não admite duvidas, da propria natureza do documento e da não-oposição de certos effeitos que não deixariam de se produzir immediatamente se o ladrão se despossasse d'elle.

— Seja um pouco mais explicito.

— Posso ir até lhes dizer que esse papel assegura ao seu possuidor uma certa força de intimidação em determinado lugar onde esse tal poder tem uma importancia enorme.

— Não comprehendo lá muito bem, observou Dupin.

— Realmente? Pois bem! A revelação d'esse documento a um terceiro individuo, que eu não nomearei, levantaria suspeitas na honra de uma pessoa da mais alta condição, e este facto dá ao portador um incommodo ascendente sobre esta ultima, cuja honra e socego estão assim comprometidos.

— Mas esse ascendente só é possivel se o ladrão se sabe conhecido da sua victima. Que poude ousar...

— O ladrão, disse G..., é o ministro D..., que não recua deante de uma empreza digna ou indigna d'um galanteador. A maneira como foi effectuado o roubo revela tanta dextreza como audacia. O documento de que se trata — uma carta, para nada lhes occultar — foi recebido pela victima quando esta se encontrava sósinha no regio *boudoir*. Foi interrompida na leitura pela chegada inesperada do alto personagem a quem ella especialmente tinha de dissimular essa carta. Tentou á pressa, mas em vão, mettel-a n'uma gaveta, e foi obrigada a deixal-a aberta, como estava, em cima de uma meza. Foi então que o ministro D... chegou. Immediatamente o seu olhar de lynce descobre o papel, reconhece a letra, nota a perturbação da pessoa a quem era destinada e penetra-lhe o segredo. Trata do expediente de alguns negocios, depois tira

da algibeira uma carta que offerecia alguma semelhança com a outra, abre-a, finge lel-a e atira-a para junto da primeira. Depois de uma conversa de um quarto d'hora ácerca de negocios publicos, despede-se, e leva de cima da meza a carta a que não tinha direito algum. Nada escapou á destinataria, mas esta, bem entendido, não ousou chamar a atenção sobre o facto, em consequencia da presença do terceiro personagem. O ministro sahiu, deixando sobre a meza a sua propria carta que não tinha importancia alguma.

— O ladrão sabe-se, portanto, conhecido da victima.

— Sim, respondeu o Prefeito, e o poder de intimidação, assim conquistado, tem sido utilizado ha alguns mezes, sob o ponto de vista politico, com uma feição muito perigosa. A victima do roubo está cada dia mais convencida da necessidade imperiosa de, a todo o custo, rehver a sua carta. Mas isso, bem entendido, não se póde fazer ás claras. No fim de contas, levada pelo desespero, encarregou-me do assumpto.

— Não era provavel, disse Dupin no meio de uma verdadeira nuvem de fumo, escolher ou mesmo imaginar um agente mais sagaz.

— Lisongeia-me, retorquiu o Prefeito; mas não é de todo impossivel que seja essa a opinião que fizeram de mim.

— E' manifesto, como judiciosamente fez observar, que a carta ainda está em poder do ministro, pois que é a posse e não o uso d'ella que confere ao detentor o seu ascendente. A utilização da carta anniquilaria o poder de que se trata.

— E' exacto, disse G..., e é depois de ter essa convicção que me puz em campo. O meu primeiro cuidado foi proceder a uma completa busca em casa do ministro, e o difficil era operar sem que elle soubesse. Antes de tudo, tive o cuidado de me salvaguardar contra o perigo de o deixar suspeitar das nossas intenções.

— Essa especie de pesquisas põem em relevo a sua competencia. Em muitas occasiões a policia já tem effectuado outras semelhantes.

— Oh! certamente! e foi isso o que me fazia ter boas esperanças. Os habitos do ministro davam-me tambem grande vantagem. Frequentemente está fóra de casa, toda a noite. Os creados não são numero-

sos e dormem longe dos quartos do patrão. São napolitanos, o que quer dizer que não é preciso muito para os embriagar. Tenho chaves, bem sabem, que me permite abrir qualquer porta em Paris. Durante três mezes não houve uma noite que não tivesse passado, pelo menos uma grande parte, a farejar a casa. A minha honra estava em jogo, e — posso bem confiar-lhes este segredo — no fim de contas, havia uma valiosa recompensa. Não abandonei as minhas buscas sem me ter absolutamente convencido que o ladrão ainda era mais esperto do que eu. Tenho a certeza de ter revolvido todos os cantos e recantos em que poderia estar dissimulado um papel.

— Mas não é possível, insinuei, que a carta, ainda que esteja na posse do ministro — não ha duvida n'este ponto, — tenha sido escondida fóra de casa?

— Isso não póde

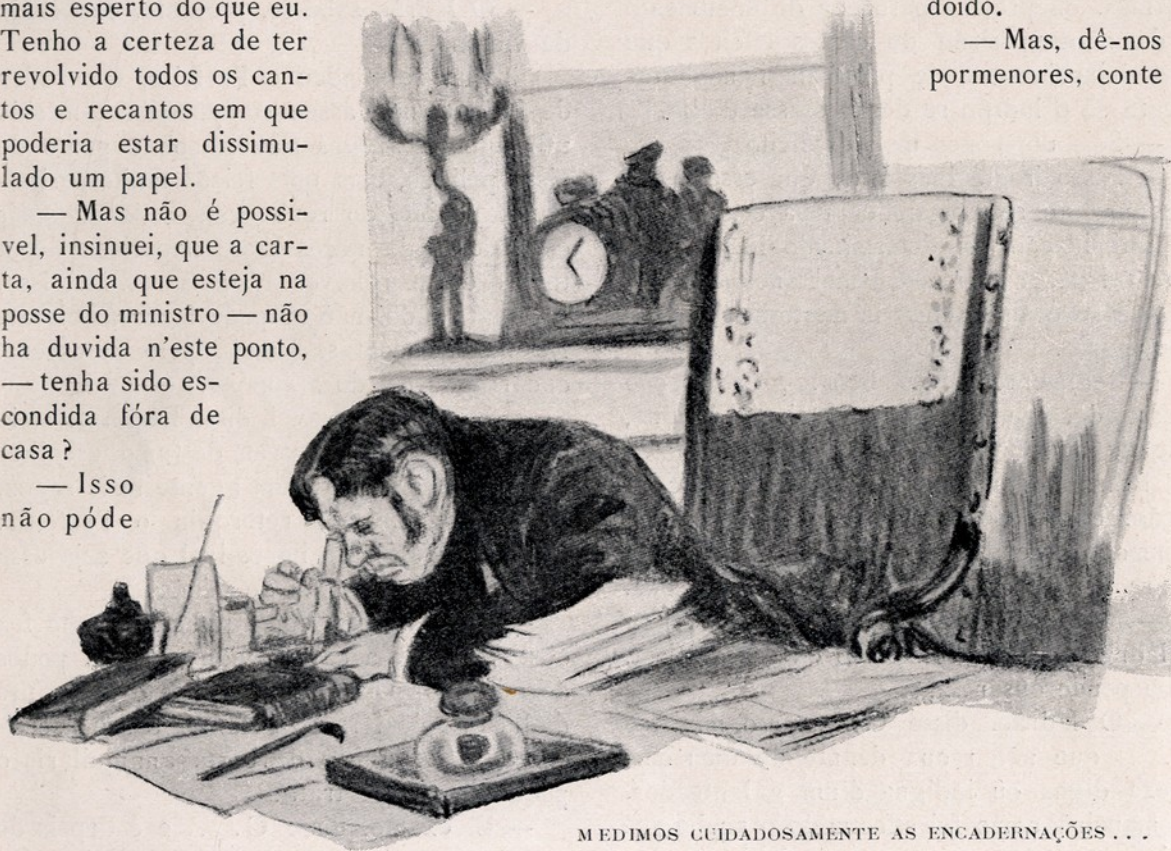
comsigo, é uma hypothese que devemos rejeitar.

— Isso não resta duvida, explicou o Prefeito. Já duas vezes foi assaltado por falsos gatunos e conscienciosamente revistado na minha presença.

— Teria podido evitar esse cuidado. D... não é, julgo, absolutamente doido, e por consequencia não deixou de prever os laços que lhe seriam armados.

— Não é *absolutamente* doido, disse G..., mas é um poeta, o que, a meu vêr, não está muito longe de um doido.

— Mas, dê-nos os pormenores, conte as



MEDIMOS CUIDADOSAMENTE AS ENCADERNAÇÕES . . .

ser, observa Dupin. O estado actual, a situação particular dos negocios na côrte e o caracter especial d'esta intriga, em que D... se encontra mettido, fazem da immediata efficacia da carta, isto é, da faculdade de a produzir em tempo util, um ponto cuja importancia equivale quasi ao beneficio da sua posse.

— A faculdade de a produzir? perguntei surpreso.

— Ou, se prefere, de a aniquilar, respondeu Dupin.

— Tem razão, observei, o papel está certamente em casa. O ministro trazelo-

particularidades do seu inquerito.

— O facto é que procurámos por toda a parte. Desde muito tempo que tenho pratica d'estes negocios. Examinei a habitação, casa por casa, consagrando as noites de uma semana para cada aposento. Abrimos todas as gavetas imaginaveis, e, não ignoram por certo, que para um agente de policia que conhece o seu mister, não ha gaveta secreta. Era preciso ser novato para deixar escapar uma gaveta secreta em pesquisas d'esta natureza. A cousa é simples. Ha um certo numero de volumes e de superficies mensuraveis em cada casa. Para este effeito,

usamos umas reguas muito precisas. Não nos escaparia a quinquagesima parte d'uma linha. Depois dos aposentos passámos ás cadeiras. Sondámos os estofos com essas agulhas finas e compridas que me teem visto empregar. Tirámos todas as partes superiores das mezas...

— Para quê?

— Muitas vezes a parte superior d'uma meza, ou d'um movel analogo, é tirada pela pessoa que deseja occultar um objecto. Perfura-se o pé da meza, ou introduz-se esse objecto na cavidade assim praticada e torna-se a collocar a parte superior no seu logar. A parte superior e a inferior das columnas d'um leito podem ser aproveitadas da mesma maneira.

— Mas a cavidade não podia ser revelada ao ouvido por simples percussão?

— De modo algum, se, antes de collocar o objecto, houve a precaução de o envolver em algodão. Além d'isso, n'este caso, era indispensavel proceder sem barulho.

— Mas não pode desmontar todos os moveis do modo que indicou. E' facil enrolar uma carta n'uma espiral delgada approximando-se muito em aspecto e dimensões a uma agulha grossa de fazer meia; e sob esta fórma póde ser introduzida na travessa d'uma cadeira, por exemplo. Não desmanchou, decerto, todas as cadeiras?

— Não, mas fizemos muito melhor, passámos em revista os pés de todas as cadeiras da casa, e as juncturas de todos os moveis com o auxilio de um poderoso microscopio. Se houvesse vestigios de qualquer coisa, não deixaríamos de os descobrir immediatamente. Um simples grão de pó produzido por uma verruma, teria sido tão visivel para nós com uma maçã. A menor anomalia na junção, um insolito intersticio bastariam para nos revelar o que procuravamos.

— Supponho que tenham inspeccionado os espelhos entre o vidro e a madeira e sondado os leitos e os estofos, as cortinas e os tapetes.

— Bem entendido. Depois de termos inspeccionado todo o mobiliario, explorámos o proprio edificio. Dividimos a sua superficie total em partes que numerámos para não omitir nenhuma. Examinámos cada pé quadrado da casa servindo-nos ainda do microscopio.

— Devia ter-lhe custado alguma cousa?

— Certamente, mas a recompensa offerecida valia a pena.

— E tambem viu o chão?

— O chão é todo de mosaico. Deu-nos relativamente pouco trabalho. Examinámos as junções dos ladrilhos. Não tinham sido medidas.

— Naturalmente viu os papeis de D... e os livros da bibliotheca?

— Abrimos todos os massos e não nos contentámos em folhear os livros. Medimos cuidadosamente as encadernações e submettemol-as, cada uma de per si, á inquirição do microscopio. Se recentemente tivessem tocado em alguma, não escaparia esse factó á nossa observação.

— Perscrutaram o soalho por baixo dos tapetes?

— Sem duvida. Levantámos os tapetes e inspeccionámos os soalhos com o microscopio.

— E os papeis das paredes?

— Egualmente.

— Procuraram nos subterraneos?

— Tambem.

— Então a carta não está n'esses logares como pensa, disse eu.

— Receio que não tenha razão. Mas, diga-me Dupin, o que me resta fazer na sua opinião?

— Uma busca completa.

— Não dará resultado algum, respondeu G... Tão verdade como eu respirar, a carta não está na casa.

— Não tenho melhor conselho a dar-lhe. Naturalmente possui uma descripção exacta da carta?

— Oh! sim!

E o prefeito poz-se a dar-me uma idéa muito circumstanciada do documento roubado, e particularmente o seu aspecto exterior. Pouco depois, o homem despediu-se de nós, mais desanimado do que nunca o tínhamos visto.

Um mez depois pouco mais ou menos, fez-nos segunda visita, e encontrou-nos da mesma maneira que da outra vez. Pegou n'um cachimbo, sentou-se e depois de encetar uma conversa sem interesse, perguntei-lhe:

— Então, G..., o que ha de novo a res-

peito da carta roubada? Julgo que acabou por admittir que o seu ministro não é facil de enrolar.

— Que vá para o diabo! disse o Prefeito. Fiz a nova busca que Dupin me aconselhára, mas, como eu previa, perdi o meu tempo.

— Parece-me... realmente, G... que não fez tudo que era possivel.

— Como? De que maneira?

— Ora, podia aconselhar-se na materia. Recorda-se da historia que se conta de Abernethy, o celebre medico inglez?

— Não! Que se enforque o tal Abernethy.

— Mas, observou o prefeito ligeiramente desapontado. Eu estou disposto a acceitar a consulta e a pagal-a. Daria na realidade cincoenta mil francos a quem me auxiliasse n'este negocio.

— N'esse caso, replicou Dupin abrindo uma gaveta e tirando um livrete, só tem que encher o cheque da somma indicada. Quando o tiver assignado entregar-lhe-hei a carta.

Eu fiquei atordoado. O Prefeito parecia absolutamente petrificado. Durante bastantes minutos, ficou immovel e mudo, fitando



EU ESTOU DISPOSTO A ACCEITAR A CONSULTA E A PAGAL-A...

— Certamente, se isso lhe póde ser agradavel. Um bello dia, um personagem muito rico e muito avarento lembrou-se de obter de Abernethy uma consulta gratuita. Para este effeito, no meio de uma sociedade, travou com elle uma conversa das mais banaes e insidiosamente foi-lhe expondo o seu caso como sendo um personagem imaginario.

— Suppondo, disse o avaro, que sejam estes os symptomas, o que lhe teria aconselhado, doutor?

— Aconselhado? respondeu Abernethy... uma consulta; isso não admitte duvida.

o meu amigo com incredulidade, bocca aberta e olhos saltando-lhe das orbitas; depois pareceu voltar a si, pegou n'uma penna e não sem algumas hesitações, encheu e assignou um cheque de cincoenta mil francos que apresentou a Dupin. Este examinou-o ponto por ponto e mettu-o na carteira; em seguida abrindo a sua secretária, tirou uma carta e deu-a ao Prefeito, que a agarrou com uma alegria angustiada, abriu-a com as mãos tremulas, lançou uma vista d'olhos para o contheúdo, e depois enfiando pela porta, safou-se sem mais cerimonia.

(Continúa.)



As orchideas



UEM, num bello dia do mês de abril, percorrer os campos á volta de Lisboa, encontrará, decerto, nos terrenos calcareos, humidos e incultos, uma pequena planta de folhas verdes

com uma flôr avelludada, vermelho escura, manchada de linhas amarello-esverdeadas que parece uma abelha pousada. E' a *herva abelha*, a *Ophrys apifera*, dos botanicos, uma das mais vulgares entre nós das plantas dessa singular familia das orchideas, que parece estar destinada a produzir, em os nossos dias, aquella fascinação que deslumbrou outr'ora os apaixonados amadores das tulipas.

Bem justificado é, em verdade, o poder fascinante que estas curiosissimas plantas exercem nos amadores do mundo vegetal; pois se a natureza se comprazeu em espalhar a variedade nas fórmulas vegetaes, foi em extremo prodiga para com estas.

Encontram-se nos climas mais diversos, desde as regiões polares, até ao equador; desde o nivel do mar, até á altura onde surgem nas montanhas as neves eternas. Vivem em todos os solos, ou mesmo até chegam a dispensá-los; fixando-se a ramos de arvores extendem raizes, que na humidade do ar encontram a agua de que carecem para viver.

As suas flôres teem fórmulas encantadoras e, por vezes, rescendem aromas deliciosos, que, nalgumas, existem tambem nos fructos; bastará lembrar a bem conhecida baunilha (*Vanilla*).

Não ha palavras que descrevam as fórmulas caprichosas de taes plantas; chamar-lhes phantasticas, é pouco: — numa estufa de orchideas achareis plantas com folhas que vos lembrarão palmeiras e cactos, caules que parecerão fios tenuissimos, flôres que direis feitas de cera ou dos mais preciosos tecidos e nellas vereis chapins de fadas, borboletas, orelhas de morcegos, taças que ficariam bem nas mãos de um retrato preraphaelista; as mais variadas côres as tingirão rivalizando em cambiantes com os efeitos da gaze ondeante da danza serpentina, ou com as mais bellas musselinas da casa Liberty de Londres.

E quantas destas maravilhas existem no globo espargidas a largas mãos pela natureza? Não é facil responder, e pôde mesmo talvez afirmar-se que é illimitado o numero das suas variedades, dada a possibilidade de formação de novos hybridos obtidos pelos cruzamentos operados pelo vento e pelos insectos. Conhecem-se já cêrca de 500 generos com mais de 10:000 especies, das quaes o maior numero se encontra na zona torrida. Em Portugal vivem espontaneas, segundo a classificação do sr. José d'Ascensão Guimarães, umas 42 especies.

Facil é comprehender quantas transformações podem ser alcançadas de uma familia tão malleavel, digamos assim, pelas mãos habeis dos jardineiros.

Ha apenas cêrca de meio seculo que começaram as orchideas a attrahir a attenção dos floricultores e nesse curto espaço de tempo ellas conseguiram, principalmente na Inglaterra, enfeitiçar até ás raias da loucura os maniacos das colleccionações.

Hoje, muitas centenas de individuos consagram a existencia a esse genero de cultura, enquanto outros arriscam a propria vida em climas inhospitos em busca de novas especies, conseguindo, por vezes apenas, o passarem á immortalidade, dando o seu nome a uma planta desconhecida. As aventuras destes pioneiros da botanica encheriam paginas inteiras, muitas vezes encerradas de uma fórma tragica, porque as raridades encontram-se hoje só em logares quasi inacessiveis e com difficuldades pasmosas.

Em a Nova Guiné um colleccionador encontrou, ha alguns annos, uma bella orchidea cobrindo um cemiterio dos indigenas e estes opposeram uma energica resistencia a que se lhe tocasse; o pobre colleccionador pensava, já, abandonar o seu magnifico achado, porque nada movia os indigenas a consentirem que a enxada sacrilega revolvesse a terra das sepulturas, quando se lembrou de lhes offerecer, em troca dos ambicionados bolbos, uns balões de vidro de côres, que lhes produziram o mesmo effeito que os barretes vermelhos que o nosso Gama mostrou aos indigenas da Bahia de Santa Helena. Hamelin, o descobridor da rara *Eulophia Elisabethae*, encontrou-a desenvolvendo-se nos topos de arvores de dezenas de metros de altura, que elle proprio teve de abater e cortar depois os ramos a que se fixava a preciosa planta.

O *Cypripedium Fairieanum* que, em 1906,

causou verdadeiro furor na Inglaterra é uma orchidea do Himalaya cuja flôr fôra em tempos trazida para a Europa, sem indicação exacta do habitat. Debalde um horticultor inglez offereceu, por muito tempo, 1:000 libras a quem lhe indicasse o local em que ella se encontrava, porque a região onde ella existe não era accessivel aos europeus. Só quando numerosas forças militares inglesas occuparam o Himalaya oriental, se pôde penetrar nessa região, onde os indios perseguiram os europeus, e achar a bella planta.

Mas não basta ter colhido as orchideas, é preciso transportá-las para países como a Inglaterra e ahi collocá-las num meio artificial que reproduza tanto quanto possivel as condições de solo, clima, e humidade em que ellas se encontravam. Umas são cultivadas em estufas frias, outras em estufas aquecidas de verão e de inverno; as epiphytas, que vivem nos troncos, carecem constantemente de atmospheria humida.

O cultor de orchideas não se

contenta com as que a natureza lhe offerece, procura obter novas variedades. Conseguem-se estas por sementeira, empregando sementes em que se operou artificialmente a fecundação. Esta é facil de realisar em geral, mas o cultor deve esperar longo tempo para poder verificar o resultado dos seus trabalhos. O amadurecimento do fructo, que deve ser tratado com todo o cuidado, só se produz no fim de nove a doze mezes, semeada



CATTELEYA AGLANDII

a planta, são necessários três a quatro meses para que ella attinja as dimensões de

excesso de frio ou calor, de secura ou humidade, matá-la-ha immediatamente. Mais



ESTUFA DE ORCHIDEAS DE MR. CHAMBERLAIN

uma cabeça de alfinete, e quantas dificuldades ha a vencer nisto; o mais ligeiro

ainda, para que a planta venha a florescer e o horticultor veja o resultado final da sua

paciencia e habilidade, se porventura alcançou uma riqueza ou apenas uns exemplares vulgares, é preciso esperar cinco, seis, dez e até doze annos, pois só decorrido este longo tempo, a orchidea dá flôr pela primeira vez.

Na maior parte dos casos, as plantas não offerecem nada de notavel; mas se uma planta nova e com bellas côres, ou novas fórmãs apparece entre ellas, então o cultor encontra a merecida compensação dos seus esforços.

E' uma bella prova disto o succedido com o *Odontoglossum crispum* *Pittianum*, que pertencia á famosa collecção de Pitt, vendida em leilão, nos principios do anno de 1906. Esta planta, cujas flôres são de uma rara belleza, fôra avaliada em 500 libras. O lanço foi rapidamente coberto e o martello do pregoeiro dava as três pancadas, annun-

ciando que a planta estava arrematada por 1:150 guineus, ou sejam cêrca de réis 6:000. Em troca desta linda somma recebia o comprador uma plantazinha que um golpe de ar frio mataria num apice. Existe ainda uma outra variedade muito apreciada da mesma orchidea, o *Odontoglossum crispum* *Cooksoniae*, vendido em 1905, em Bruxellas, por 2:400 réis.

Mas ao lado destas plantas de preço fabuloso, ha outras accessiveis a bolsas mais modestas, e cuja belleza não é inferior á

daquellas; assim, nos bons estabelecimentos de horticultura do Porto se pode adquirir por 2.000 réis a *Cattleya Acklandii*, uma linda orchidea de flôr côr de rosa pallida; a variedade branca que não é tão bella, mas é extremamente rara, vende-se na Inglaterra pelo preço minimo de 157.500 réis.

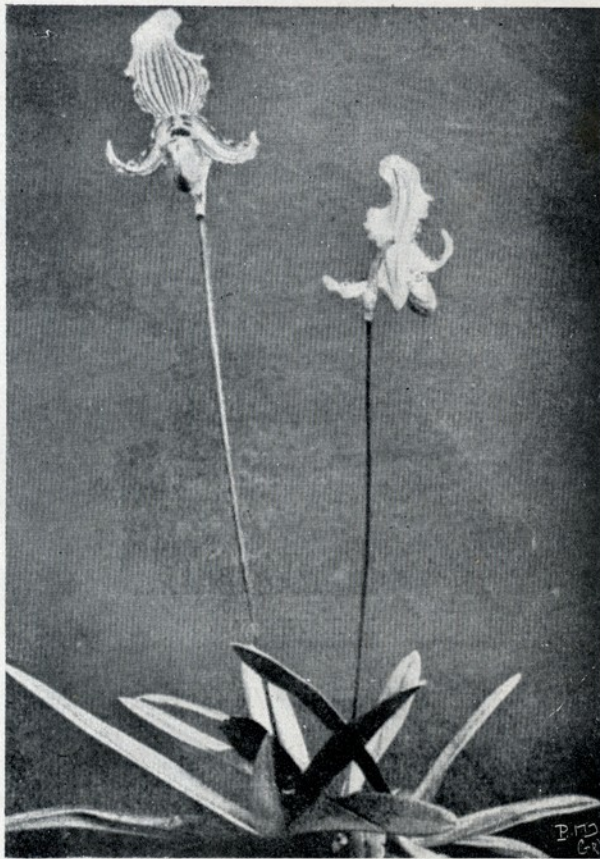
A cultura das orchideas não é, pois, somente apanagio dos ricos, e entre estes mesmos alguns não preferem senão plantas de preço modico, entre elles conta-se o grande amator de orchideas sr. J. Chamberlain, o famoso milionario inglês.

Joseph Chamberlain concorreu de modo notavel para vulgarisar na Inglaterra a cultura das orchideas; a lapella do defensor accerri-mo do proteccionismo é ornada sempre por um raminho de avenca ligado a uma flôr de *Odontoglossum*.

Em Lisboa, só temos conhecimento de um no-

tavel amator de orchideas, o sr. dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, que possui uma collecção preciosa.

Muitas das orchideas são de facil cultura, mesmo em casa, dispensando estufa. Citaremos, entre estas, o *Odontoglossum Rissimajus*, a *Coelogyne cristata*, o *Dendrobium Jamesianum* e o *Cypripedium villosum*. Pena é que os nossos horticultores as não cultivem de preferencia, e as tornem accessiveis, por modico preço, a todos os adoradores da deusa Flora.



CYPRIPEDIUM FAIRIEANUM

PERSONAGENS CLASSICAS

I

A comedia regular italiana

A comedia regular — Bibbiena — Boiardo — Accolti — Ariosto — «Cassaria» — «Nigromante» — Grazzini — «Madradora» — Machiavello — Sannazaro — Caro-Cecchi — Alemanni — Cini — Guarini — A comedia pastoral — «A Aminta» — «Il pastor fido» — Beccari — Giordano Bruno.

A primeira comedia regular, representada na Italia, deve-se ao cardeal Devizio da Bibbiena, amigo de Leão X. Intitula-se *La Calandria*, peça satirica, licenciosa até, mas que pouco deve aos antigos. Em seguida appareceu a *Mandradora*, de Machiavalo, as comedias de Ariosto, algumas das quaes são imitadas de Plauto, as de Aretino, sempre originaes e cheias de graça, de Cecchi, de Larca, de Lodovico Dolce, de Francesco d'Ambra. No seculo xvii, a comedia regular, classica, soffre accentuada declinação. E' a época em que, á imitação das *atellanas*, se produzem na comedia popular, geralmente escripta em differentes dialectos, esses typos que se tornaram immorredouros no theatro.

Bernardo Devizio da Bibbiena, cardeal, nascido em 1470 e fallecido em 1520, era oriundo de uma familia obscura. Partiu para Roma com o cardeal João de Medicis, depois da morte de Alexandre VI, sendo incumbido pelo papa Julio II de differentes negocios importantes. Elevado ao pontificado o cardeal João, com o nome de Leão X, deu a Bibbiena o barrete de cardeal, 1513, enviando-o depois a França como legado. De

regresso a Roma, morreu subitamente em seguida a uma viva discussão que teve com o pontifice que, ao que dizem, o arguia de tecer intrigas no proposito de lhe succeder na tiara. Erudito e letrado, o cardeal Bibbiena, contribuiu muito para que Leão X desenvolvesse o gosto pelas lettras. Imitou de Plauto e de Terencio algumas comedias, sendo uma d'ellas a *Calandria*, representada perante o proprio pontifice. Essa comedia foi tambem representada na côrte de Henrique II.

Matheus Mario, conde Boiardo ou Boiardo, escreveu uma comedia em cinco actos, uma das mais antigas que registra a historia do theatro, mas cujo titulo não chegou até nós. Esse poeta nasceu em Scandiano, ducado de Modena, em 1430 e morreu em Reggio em 1494. Doutor em direito e em philosophia pela universidade de Ferrara, seguiu a carreira das armas e ligou-se aos duques de Ferrara, Borso d'Este e Hercules I, que lhe confiaram varios cargos importantes, principalmente o governo de Reggio, que conservou até á morte, depois de ter sido algum tempo capitão de Modena, 1481. Escreveu o *Orlando innamorato*, epopea em sessenta e nove cantos, que não acabou, e só foi impressa em 1495. O *Orlando furioso*, de Ariosto, é uma continuação d'este poema. Escreveu tambem poesias latinas e italianas.

Bernardo Accolti, denominado o *Unico Aretino*, nasceu em Arezzo em 1465 e finou-se em 1526. Adquiriu no seu tempo grande celebridade e muita gente ia ouvi-lo recitar ou improvisar versos em publico. O cardeal Bembo fez d'elle um grande elogio. Bernardo Accolti possuia muito enge-

nho e imaginação. Foi nomeado por Leão X escriptor e abreviador apostolico. E' auctor de uma comedia, *Virginia*, publicada com as suas poesias em Florença, em 1513.

Lodovico Ariosto nasceu em Reggio em 1474 e finou-se em Ferrara em 1533. Pertencia a uma antiga e nobre familia do ducado de Modena. O vivo impulso dado aos espiritos pelos precursores da Renascença orientou-o muito novo para as letras. Era o momento em que, graças ás investigações e aos felizes achados de Petrarca, Pogge, Marcilio Ticino, esses infatigaveis descobridores de manuscriptos, toda a antiguidade, durante tanto tempo mergulhada nas trevas, surge á luz do dia. Plauto e Terencio acabavam de ser impressos; Ariosto extrahi d'ahi duas comedias italianas: *I Suppositi* e a *Cassaria*. Uma pequena collecção de poesias lyricas, latinas e italianas, chamou tambem para elle a attenção do cardeal d'Este, irmão do duque Hercules II, de Ferrara. D'ahi por deante o moço poeta nunca mais deixou de pertencer ao sequito do cardeal ou de seu irmão. Não era perfeitamente uma sinecura viver na cõrte d'esses pequenos principes, invejosos uns dos outros, disputando entre si os litteratos que podiam dar fama á sua casa, e só pagando com uma hospitalidade bastante larga e alguns presentes a assiduidade contínua dos seus poetas favoritos. Deviam, mais, servir-lhes de secretario ou de embaixador, encarregarem-se de missões delicadas e levá-las a bom termo. Ariosto desempenhou com intelligencia e actividade o seu cargo de gentilhomem da casa do cardeal, acompanhou o seu protector nas suas viagens e embaixadas, estudou por sua conta negocios espinhosos, e teve ainda tempo de escrever em sua casa a maior parte da sua obra prima, *Orlando furioso*. Bojardo e Pacci, tinham-lhe já fornecido, como se disse atraz, um no seu *Orlando innamorato*, outro no seu *Morgante maggiore*, dois modelos d'este genero de poema semi-serio e semi-burlesco, que Ariosto facetou até á perfeição.

Tendo-se zangado com o cardeal, ligou-se ao duque Hercules I, que ha muito tempo

desejava tê-lo. O duque encarregou-o, como seu irmão, de diversas missões diplomaticas, de que se desobrigou com desvello, e mesmo, para utilizar os seus serviços, nomeou-o governador de um districto infestado de quadrilhas de salteadores, com instrucções de os destruir. Não era encargo para um poeta, mas Ariosto demonstrou que possuia igualmente o estofo de um capitão e guerreou com tanta facilidade como escrevia, isto por 1522. Foi em 1514 ou 1515 que Ariosto se desaveio com o cardeal de Este. O seu primeiro cuidado, em casa do duque Hercules, incidiu todo em dar a ultima demão ao seu poema, e em 1516 fez sahir a primeira edição. A fama do auctor estendeu-se quasi immediatamente a toda a Europa. Além d'esta vasta composição, em que Ariosto ostentou todas as riquezas da sua imaginação, escreveu junto do duque de Ferrara um grande numero de pequenos poemas de occasião, estancias, sonetos, satiras, poesias latinas, que foram colligidas nas suas obras completas, e fez representar nas diversões da cõrte, além do *I Suppositi* e a *Cassaria*, comedias escriptas na sua mocidade, duas outras peças theatraes de um valor muito superior a esses primeiros ensaios. São ellas a *Lena* e *O Nigromante*, come-



LODOVICO ARIOSTO

dias em verso, bem como uma quinta, a *Scolastica*, que Ariosto principiara a escrever para o casamento de Renata, filha de Luiz XII, com um principe de Este, e da qual só acabou os tres primeiros actos; os dois restantes foram escriptos por Gabriel de Ariosto, irmão do poeta. As comedias de Ariosto denotam uma graça e uma originalidade de invenção pouco communs.

A *Cassaria* foi representada na cõrte do duque de Ferrara, em 1515. E' uma das primeiras comedias regulares escripta em italiano. O nó da intriga reside no cofre de um velho avaro. O filho, que o sabe cheio de ouro, consegue depois de muitos ardís, apoderar-se d'elle para comprar uma escrava por quem anda apaixonado. O fundo d'esta peça é constituido por velhacadas e maus costumes, animada, por assim dizer, pelo espirito de Plauto. Era o defeito da época. A intriga é pouco complicada, mas viva e bem orientada.

O *Nigromante*, que tem cinco actos, desenvolve a seguinte acção. Um rapaz casado secretamente vê-se impellido pela familia, que ignorava o primeiro consorcio, a um novo enlace. Isto é feito com tal rapidez, que o mancebo, não achando meio de se libertar de tantas instancias, se deixa encadear de novo, o que o converte n'um bigamo a seu pesar. Para fazer annular este segundo casamento, imagina um meio singular: finge-se impotente. Desolação da noiva e de toda a casa. Chama-se um magico de passagem pela cidade, um homem de virtude que, estando em convivio com os espiritos, ha de descobrir um expediente para conjurar o destino do pobre rapaz. O magico não descobre outra coisa senão estender as mãos e receber dobrões. Recebe-os do sogro para que cure o genro e recebe-os d'este para que a enfermidade persista. E' um *imbroglio* completo. O aspecto serio do nigromante, o seu espirito sempre vivo e fertil em expedientes, auxiliado pelas manhas do classico creado imprimem á obra um accentuado cunho jocoso.

Antonio Francisco Grazzini nasceu em Floreça em 1503 e ali morreu em 1583. Contribuiu em 1540 para a fundação da academia florentina dos *Humidos*, onde tomou o cognome de *Il lasca* (cadoz); depois para o da famosa academia de Crusca, 1550. Uma parte das suas obras perdeu-se. Entre as que nos restam, distinguem-se sete comedias: sonetos, *capitoli* satyricos, 1584; e sobretudo uma collecção de novellas espirituosa: *Cene*, á maneira do *Boccacio*.

A comedia *Madragora* de Machiavello, appareceu em 1518. La Fontaine imitou n'um dos seus mais lindos contos esta comedia, uma das primeiras por ordem de data, do theatro moderno.

Um nescio, messer Nicia Calfucci, possui a mulher mais formosa e de mais juizo de Florença, mas não tem filhos d'ella e vive desolado. Callimaco, apaixonado por esta nova Lucrecia, a quem não pôde seduzir, faz acreditar ao descontente esposo, que está de posse da receita de uma poção de mandragora, que torna fecundas as mulheres estereis. A poção, porém, apresenta um inconveniente: as primeiras caricias da mulher que a bebeu são mortaes. Nicia não quer mais ouvir falar em mandragora. Callimaco suggere-lhe um expediente. Tudo se pode

arranjar fazendo com que durma uma noite com sua mulher o primeiro pateta que se preste a isso. O veneno depois de uma vez infundido *in anima vili*, não offerece nenhum perigo. O pobre diabo do marido, depois de muito tergiversar, resolve-se a aceitar o expediente. Callimaco disfarçado em moço de fretes, faz com que Nicia, por acaso, o escolha a elle, mediante a interferencia de dois cumplices. Gallimaco é introduzido no quarto da condescendente dama, ao passo, que durante esse tempo, o marido esfrega as mãos muito satisfeito. Nada mais habilmente construido que essa successão de scenas de um comico perfeito.

Nicoloau Machiavello nasceu em Florença em 1469 e finou-se em 1527. Pertencente a uma antiga familia patricia, mas decadente, Machiavello, filho de um pobre logista, foi educado por um litterato Virgilio Adriano. Em 1498 recebeu a nomeação de chanceler do Conselho de Senhores, e em seguida a de secretario de Estado. Tinha a seu cargo a correspondencia politica, o registro das deliberações do conselho que constituia o poder executivo de Florença, a redacção dos tratados e a maior parte das relações diplomaticas. Neste intervallo aceitou vinte e três missões no estrangeiro, nomeadamente em França, junto de Luiz XII. Empreendera assegurar a independencia dos florentinos, e para o conseguir, tentou crear milicias nacionaes, afim de libertar a sua patria dos *condottieri*. Absorvido até ahi pelos seus trabalhos politicos, só publicara poesias da mocidade e as suas *Legações*. Foi então que o Papa e o imperador, victoriosos da França, alliada de Florença, tornaram a dar posse d'esta cidade aos Medicis, que proscreveram Machiavello, 1512. Deve-se a este exilio a maior parte das obras que immortalizaram o nome de Machiavello. Escreveu, em 1515, a mais celebre de todas, aquella que um erro singular faz chamar *O Principe*, e que elle intitulara: *Opusculo dei principati*, «Opusculo dos governos»; no mesmo anno, muito provavelmente, compoz o seu *Tratado da Arte da Guerra*, Os *Discursos sobre Tito Livio* são de 1516 e as *Historias Floretinas* de 1525.

Machiavello viveu assim em San-Casciano, perto de Florença, até a morte de Lourenço de Medicis. Por esta época Leão X, que já o fizera comprehender na amnistia promul-

gada por ocasião do seu advento, consultou-o sobre divessas reformas a applicar a Florença, e depois encarregou-o de mandar reconstruir as fortificações da cidade, por fim, de organizar o exercito da liga formada contra Carlos V. Mas Machiavello morreu pouco depois, talvez envenenado. Durante trezentos annos, o nome de Machiavello tornou-se synonymo de astucia, de duplicidade, de crueldade fria e calculada. O auctor do *Principe* foi, com mais verosimilhança, um ardente patriota, que gemia sobre a decadencia da Italia e queria tornar a collocá-la na categoria das nações, mesmo que fosse organizando um poderoso despotismo, bastante forte para dominar todas as tyrannias locaes e expulsar os estrangeiros. As suas doutrinas concordavam com o direito publico do tempo. Historiador vigoroso, que reune a erudição, a profundeza e a gravidade ao encanto e ao interesse das narrativas, considera-se Machiavello como um dos maiores escriptores da Italia.

Apesar d'isto o seu nome introduziu-se na linguagem para designar um homem de Estado sem escrupulos.

Jacopo Sannazaro, celebre na composição, para a côrte, em lingua vulgar, de differentes satiras e farças, que faziam mais ou menos claramente allusão aos acontecimentos do dia, nasceu em Napoles, em 1458, e ali morreu em 1530. Amigo de Gioviano Pontano, foi um dos membros principaes da sua academia, onde tomou o nome de *Actius Sincerus*. Tornara-se já afamado graças ao seu romance pastoral *A arcadia*, composto antes de 1481 e impresso em Veneza, contra vontade do auctor, em 1502. Computava-o como artista erudito e, como se disse com justiça, fizera n'elle trabalho de mosaista, introduzindo no seu labor, com mão por vezes um pouco pesada, as reminiscencias das suas leituras, tanto das produções de Petrarca, como das dos auctores antigos: Homero, Theocrito, Virgilio, Ovidio, Nemesiano, etc. Mas o sentimento que anima a obra é sincero: é o amor profundo do poeta por Carmosina Bonifacio. Nas *Egloga piscatoria*, suggeridas pelo mar da Sicilia, encontra-se a inspiração longinqua de Theocrito e sobretudo a de Virgilio, que elle

renovou substituindo por pescadores os eternos pastores.

Em 1501 Sannazaro acompanhou a França, no exilio, o rei Frederico, despojado dos seus estados, e voltou á Italia depois da morte do seu soberano, em 1504. De regresso a Napoles, na bonita vivenda da Margellina, que lhe dera o infeliz Frederico, passou o resto da sua vida no estudo e no trabalho, animado pela ternura de Cassandra Marchese. Foi então que escreveu grande parte dos três livros de elegias e dos três livros de epigrammas latinos que se lhe conhecem. Mais que nunca é n'elles sincera a inspiração, o verso elegante e sobrio, da mesma forma que nos três livros do poema *De partu Virginis*, 1526, que é a obra mais importante da maturidade do poeta.



JACOPO SANNAZARO

Nos comedigraphos do seculo xv devem ainda mencionar-se Ambra e Biolco pela acção preponderante que exerceu no theatro.

Annibal Caro, auctor da comedia *Gli Straccioni*, «Os miseraveis», 1582, comedia originalissima, nasceu em 1507, em Citta Nuova, Marche d'Ancona, e morreu em Roma em 1566. Foi secretario do duque de Parma e encarregado de importantes missões junto de Carlos V. Considera-se Caro como um dos mais bellos talentos da Italia do seculo xvi. Ha d'elle uma traducção em verso da *Eneida*, 1581, que passa por ser uma obra prima; *Poesias*, publicadas em 1569, cheias de elegancia e de harmonia; *Cartas familiares*, 1572-1575, que são um modelo de boa prosa italiana.

Antonio Cecchi é o typo do auctor dramatico da Renascença, ora mystico, como na *Esaltazione della croce*, 1589, ora obscuro, por imitação da antiguidade pagan: *Commedie in prosa*, 1550; *Commedie in versi*, 1585; *Commedie inedite per cura di Giovanni Tortoli*, 1855; *di G. Milanese*, Florença, 1856; *di M. dello Russo*, 1864. Este poeta comico nasceu em 1518 e morreu em 1587.

Antonio Alemani ou Alemano foi um poeta florentino que floresceu nos fins do seculo xv e principios do seculo xvi. Varias das suas peças burlescas foram impressas com as de Burchiello. Devem-se-lhe tambem:

Commedia la quale tratta d'ella conversione di Santa Maria Magdalena, 1521.

A *Vedova*, peça representada em 1569 e muito apreciada, porque se encontram n'ella exemplos dos diversos dialectos da Italia, foi escripta por João Baptista Cini, nascido em Florença em 1530. Foi simultaneamente poeta, auctor dramático e decorador. Fez representar numerosas peças de theatro.

Giovanni Baptista Guarini nasceu em Ferrara, em 1537 e morreu em Veneza em 1612. Primeiro professor de Bellas-lettras em Ferrara, esteve durante muito tempo ao serviço do duque Affonso II de Este e passou a sua vida nas pequenas côrtes de Ferrara, de Mantua, de Florença e de Urbino. Existem d'elle: *Rimas*; *Dialogo*; *Il secretario*, 1594; *Idropica*, comedia em 5 actos e em prosa, 1582; etc. Mas a sua obra capital é o *Pastor Fido*, tragi-comedia pastoral em cinco actos, 1590. É uma imitação do genero pastoral creado por Tasso, na sua *Aminta*. As obras de Guarini, comedias, sonetos, satiras, cartas, etc., foram publicadas em Ferrara, em 1737.

Dá-se, em geral, o nome de *pastoral* a toda a especie de obras em que se representa a vida campestre, em particular a dos pastores e das pastoras, e, no theatro, aquellas cujas personagens são pastores e pastoras. Reserva-se, porém, esse nome mais accentuadamente para certas composições de maior fôlego, desenvolvidas sob a lôrma dramática, épica ou romanesca. Este genero, imitado dos antigos, foi introduzido na Italia no tempo da Renascença por Sannazaro, como atraz se disse. A sua *Arcadia*, 1504, intercalada de prosa e verso, conservou durante muito tempo uma grande voga. A primeira pastoral dramática foi o *Sacrificio*, 1554, de Beccari, logo seguida da famosa *Aminta*, 1573, de Tasso, e do *Pastor Fido*, 1585, de Guarini.

Em Hespanha appareceram a *Diana apaixonada*, 1547, de Jorge de Montemayor e a *Galatêa*, 1584, de Cervantes. Em França, a pastoral romanesca e heroica, nascida simultaneamente da *Diana* e dos *Amadis*, produziu a sua obra prima na *Astrêa*, 1610, de d'Urfé. Em 1625, Racan publicou, o seu

lindo poema das *Bergeries*, e Mairet, escreveu para o theatro a sua *Silvia*, 1621, e a sua *Silvanire*, 1625. A escola classica, todavia, interrompeu por algum tempo a carreira do genero.

A pastoral renasce no seculo XVIII, mas não incarna já o ideal de uma sociedade galante e polida; exprime aspirações novas, idéas philosophicas e humanitarias. Apparece então um sentimento mais verdadeiro da natureza; mas as obras do suiso Gessner, *A morte de Abel*, ou melhor, em França, as de Florian, *Galatêa*, *Estella*, 1788, as de Berquin e d'outros, são ainda inspidas e affectadas. No seculo XIX, a vida campestre encontrou admiraveis interpretes e inspirou obras primas como os poemas de Mistral, *Mireille*; de Laprade, *Pernette*; de Jean Aicard, *Miette et Noré*, diversos romances de Jorge Sand, de Fernando Fabre, de Pouvillon, etc.

A *Aminta* de Tasso, representada em 1572, ficou modelo do genero e marca uma data notavel na historia da litteratura italiana. Não é que não se tenha tentado antes de Tasso transportar pastores para a scena, mas é que passando pela sua mão este novo genero litterario, adquiriu um grau de perfeição até então desconhecido. O estylo da *Aminta* é puro e gracioso. Tasso retratou n'essa peça, allegoricamente, a côrte de Ferrara.

A pastoral *Il Pastor Fido*, «O pastor fiel» tem cinco actos e é em verso. Data de 1590. O seu entreocho é o seguinte: A arcadia, exposta ás iras de Diana ha mais de um seculo, é constrangida a sacrificar-lhe todos os annos uma virgem. Este tributo

só cessará quando dois corações de origem celeste se unirem pelo amor, e quando a alta piedade de um pastor fiel tiver reparado o antigo erro de uma pastora que o não foi. O oraculo cumpre-se pela dedicação de Nistyl, que obtem o titulo de *Pastor fiel*, e pelo casamento de Dorina e de Sylvio. Notavel pela riqueza e frescura da poesia, o *Pastor Fido* alcançou um immenso exito. A fabula principal está entremeada de episodios onde abundam as passagens travéssas, as descrições risonhas, e por vezes rebuscadas. A



GIOVANNI GUARINI

obra deve principalmente o seu exito á pintura do amor campestre, tai como se comprehendia n'essa época; apesar de tudo quanto o genero apresenta de falso para nós, algumas scenas são verdadeiramente commovedoras.

A pastoral *Il sacrificio* para a qual Alfonso della Viola compoz a musica e que foi representada em 1554, é fria e langorosa. Fez época na historia do theatro italiano, porque é a primeira comedia d'esse genero que se conhece e porque tornou Beccari, seu auctor, o verdadeiro inventor da especialidade. Agostinho Beccari nasceu em Ferrara em 1540 e morreu em 1590.

Giordano Bruno, o grande pensador, é auctor de uma comedia em prosa *Il Candelaio*, «o fabricante de velas», cheia de graça e de bom humor, mas cujo assumpto é enigmatico. Bruno nasceu em Nola, em 1550, e foi queimado vivo em Roma em 1600. Vestira na juventude o habito de dominicano, mas tornado incrédulo, abandonou o convento e começou a sua vida errante visitando successivamente Napoles, Genova, Nice, Milão, Veneza, sempre expulso de cidade em cidade por causa da audacia das suas opiniões. Em 1580, estando em Genova, abraçou o calvinismo. Depressa se desaveio com Calvino e Beze e se encaminhou para Lyon, depois para Tolosa, que acolheu a sua palavra com clamores e por fim para Paris. Bruno encontrou em Paris protectores poderosos no grande prior Henrique d'Angoulême e no embaixador de Veneza J. Moro, que o apresentou a Henrique III. Graças a este alto patrocínio, obteve do reitor da Universidade de Paris, João Filerac, permissão de ensinar philosophia.

Em Paris, Bruno, alcançou os maiores triumphos. Era vivo, bonito, eloquente. Tanto quanto se póde ajuizar das suas lições pelos seus livros, Giordano Bruno combatia todo o ensino official de então. Substituiu a logica de Aristoteles por outra, cujos germens fôra buscar a Raimundo Lulle; á astronomia de Ptolomeu oppoz a de Copernico; á physica de Aristoteles, ao seu mundo finito, ao seu céo incorruptivel contrapoz a idéa de um mundo infinito, movimentado por uma evolução universal e eterna; estabeleceu como contraste da religião christã a religião da natureza, e só via nas religiões superstições e simbolos. Visitou a Inglaterra e a

Allemanha. Em 1592 teve a imprudencia de voltar á Italia, onde a Inquisição o mandou prender. Accusado de hereia, foi intimado a retractar-se sob pena de morte. Recusou. Foi excommungado e degradado. Concederam-lhe um prazo de oito dias para confessar as suas faltas; recusou reconhecê-las, e morreu com grande pompa na fogueira, como apóstata, heretico e transgressor dos seus votos.

II

Commedia dell'arte

Poliziano — «*Cefalo*» — *Chiabrera* — *Cortese* — *Peri* — *Rinuccini* — *Bettini* — *Os três Bonarelli della Rovere* — *Borghini* — *Draghetti* — *Scipião* — *Testi* — *Araldo* — *Nardi* — *Richi* — *Seco ou Secchi* — «*Commedia dell'arte*» — *Ruzzante* — *Personagens da comedia italiana* — *Arlecchino*, *Brighella*, *Beltramo*, *Scapino*, *Pantalone*, *Zacometo*, *Pulcinella*, *Scaramuchia*, *Spavento*, *Tartaglia*, *Marco-Pepe*, *Cassandro*, *Stenterello*, *Gianduja*, *Covicello*, *Giangurgolo*, *Peppe-Napa*, *Pagliaccio*, *Pasquino*, *Pedrolino*, *Razullo*, *Sitonno*, *Smargiasso*, *Spezzafer*.

Falámos no capitulo anterior da pastoral ou drama pastoril, idyllo bucolico n'uma fórma dramatica. N'esse genero houve os que eram só destinados á declamação e os adornados com musica, pois como já se disse (1), o drama pastoril é parente proximo da opera. N'esta especialidade, a primeira obra de que ha conhecimento é o *Orfeo* de Angelo Cini ou Ambrogini, conhecido pelo Poliziano, humanista italiano, nascido em Montepulciano, em latim «*Mons Politianus*.» e d'ahi o sobrenome, perto de Sicuna, em 1454, e fallecido em Florença em 1494. Estudou em Florença, onde ouviu as lições de Marsilio Ticino e de João Argyropulos, em 1469. Traduziu em versos latinos o segundo livro da *Illiada* e os seguintes até o quinto, e captou o favor de Lourenço de Medicis, que fez d'elle, em 1470, um dos seus secretarios. Em 1471 escreveu o seu *Orfeo*, a sua primeira composição dramatica, a primeira

(1) *Evolução do theatro.*

escripta em italiano sobre um assumpto profano, e que foi representada na côrte de Mantua. As suas *Stanze* para as justas em que ficou vencedor Julião de Medicis, irmão de Lourenço, em 1475, ficaram, com justiça, celebres. Poliziano foi acima de tudo um philologo e é considerado como um dos melhores historiadores do seu seculo pela sua breve e empolgante narração da conjura dos Pazzi, em 1478.

A *Cefalo* ou *Aurora* foi representada em 1487, em Ferrara. Escreveu-a Nicclau Corregio, nascido em 1449 e fallecido em Ferrara em 1508. Alistou-se em 1482 ao serviço de Hercules Este, duque de Ferrara, para combater os venezianos, e foi encarregado de conduzir, de Roma a Ferrara, Lucrecia Borgia, noiva de Affonso de Este.

Gabriel Chiabrera, nascido em Savona em 1552 e fallecido em 1637, estudou com amor Pindaro e Anacreonte e conseguiu introduzir na poesia italiana a sublimidade lyrica do primeiro, a graça e a elegancia do segundo. Compoz poemas épicos, pequenas epopéas, comedias, dramas lyricos, etc.

Francisco Bracciolini, padre, nasceu em Pistoia em 1566 e morreu em 1646. Deixou: *La croce racquistata*, 1605, poema heroico; *Lo sherno degli Dei*, 1618, poema heroi-comico e algumas tragedias.

A pastoral *La Rosa* pertence a Julio Cesar Cortese, nascido em Napoles em 1570 e fallecido em 1630. Esse poeta adquiriu no genero burlesco uma brilhante reputação. Ha d'elle interessantes poemas satyricos: *A Vajasseide*; *Mico passaro innamorato*; *Cerriglio incantato* e o romance em prosa *Aventuras di Ciulio et di Perna*.

João Domenico Peri, conhecido pelo «poeta dos bosques», nasceu no condado de Sienna em 1570, e morreu em 1638. Seus paes eram pobres camponezes; passou nos bosques a maior parte da sua juventude. Graças a algumas poesias de ocasião, compostas a proposito de viagens e de festas de principes,

o seu nome começou a divulgar-se. Chamado a Florença por Como II, o poeta campezino levou ali um drama rustico que foi posto em musica e representado com exito. Como II arbitrou uma pensão ao poeta, que aproveitou os seus ocios para compôr o *Adamo cacciato dal paradiso*, tragi-comedia, 1627 e duas collecções de dramas campestres: *Drammi pastorali* e *Commedie boscherecce*, 1628. Existem ainda de Peri dois poemas: *Il mundo disolato* e *Fie-sole distrutta*, 1619.

Ottavio Rinuccini nasceu em Florença em 1565 e morreu em 1621. E' o creador do recitativo. Uma das suas obras primas é *Ariana em Naxos*. Maria de Medicis levou-o comsigo para França, onde Henrique IV o accumulou de favores. Além dos seus dramas lyricos, ha d'elle peças anacreonticas cheias de delicadeza e de sentimento. Publicou *Dafne*, *rapprezentazioni in versi*, 1600, reimpressa com a *Euridice* e a *Ariana* do mesmo auctor, com o titulo de *Drammi musicali*, em 1802. As suas *Poesias diversas* foram publicadas por iniciativa de seu filho, em 1622.

Mario Bettini era jesuita. Nasceu em Bolonha em 1582 e morreu em 1657. A mais conhecida das suas obras litterarias é uma peça intitulada *Rubenus*, de 1614, que agradou pela sua singularidade e foi traduzida em varias linguas.

O drama pastoril *Filli di Sciro*, 1607, que gosou, no seu tempo, de uma grande reputação, tornou afamado Guidubaldo Bonarelli d'ella Rovere. Nasceu esse poeta em Urbino em 1563 e morreu em 1608. O duque de Ferrara, Affonso d'Este, e mais tarde o duque de Modena confiaram-lhe diversas missões diplomaticas. Foi um dos fundadores da academia *Dei Intrepidi*, em Ferrara.

Esta familia Bonarelli d'ella Rovere forneceu um contingente importante de comediographos á Italia. Prospero, irmão do precedente, nascido em 1588 e fallecido em Ancona em 1659 compoz para o theatro um



ANGELO CINI OU AMBROZINI
O «POLIZIANO»



PANTALONE

grande numero de trabalhos; as tragedias: *Il Solimano*, 1619; e *Il Medoro incoronato*, 1645; três comedias em prosa: *Gli abbagli felici*; *I fuggitivi amanti* e *Lo Spedale*, 1646; uma pastoral tragi-comedia intitulada *Imeneo*, 1641; etc. Ha ainda mais d'elle: *Della fortuna d'Erosmando e Floridalba*, 1642.

O filho do anterior, Pedro Bonarelli della Revere, entregou-se com seu pae á poesia dramatica, e acompanhou a França, em 1640, o legado Mazarini. Existe d'este uma colleccão de peças de theatro, com o titulo de: *Poezie dramatiche*, 1655. Publicou tambem *Poezie liriche*, 1655, e *Discorsi academici*, 1658.

Rafael Borghini escreveu varias comedias, e, em 1584, uma obra sobre artes intitulada: *Il riposo*.

Francisco Draghetti, poeta do seculo xvi, escreveu dois pequenos poemas jocosos com o titulo *Horto delicioso delli Sponsi novelli* e *Il labirinto de mal maritati*. Compoz igualmente uma pequena comedia em dialecto bolonhez intitulada: *Lamento di Tugno da Mnerbi*.

Eurico Scipião, auctor do *Deidamia, dramma musicale*, representado em Veneza em 1644; *Poezie*, 1653; *Rivolte di Parnasso*, 1625; nasceu em Messina em 1592 e morreu em 1670. Tomou ordens e algumas das suas obras obtiveram exito.

Fulvio, conde de Testi, auctor das peças *Arlinda* e *Ilha d'Alcino*, nasceu em Ferrara em 1593 e morreu em Modena em 1646. Exerceu o cargo de bibliothecario do duque de Ferrara, depois o de secretario de Estado no ducado de Modena. Nomeado conde e embaixador em Madrid, não foi bem succedido nas suas funcções e obteve o governo da Ganfagrana, em 1640. Foi então que se comprometteu com Mazarin n'uma intriga que nunca se soube bem o que era e que determinou a sua prisão. Morreu no carcere. Além das duas peças escreveu *Cartas*, poesias lyricas, *Rime*, 1613; *Italia*, 1617.

Além dos escriptores dramaticos a que atraz nos referimos e succintamente biographamos, ha a accrescentar os nomes de Araldo, Nardi, Ricchi e Seco ou Secchi, dos quaes não pudemos obter nenhuma nota biographica nem bibliographica.

A Italia foi berço de um genero interessante a *Commedia dell'arte*, mais tarde in-

troduzida em França com o nome de *Comédie improvisée, comédie sur canevas, comédie à l'improptu*. A originalidade da *commedia dell'arte* consiste em que só o plano da peça é traçado nas suas linhas geraes e o resto, os pormenores, o dialogo, as réplicas, os ditos espirituosos ficam ao arbitrio, ao engenho pessoal do actor. Uma unica coisa facilita a imaginação d'este: é que os papeis da *commedia dell'arte* são nitidamente desenhados e consagrados pela tradição, e não se pode afastar d'ellas. Foi *Ruzante*, Angelo Beolco, quem primeiro deu corpo a esta comedia de improvisação. Angelo Beolco nasceu em Padua e viveu de 1502 a 1542. Era primoroso no desempenho do papel de *Ruzante*, uma especie de capitão. Em 1528 fez representar a sua primeira comedia em prosa, em que cada personagem falava um dialecto differente. Beolco, como tantas vezes succede, era simultaneamente actor e auctor, e publicou seis comedias em diversos dialectos, incluindo o grego do tempo, 1530. Era um meio de interessar mais particularmente cada localidade na mesma peça e tornar a obra mais popular. Nas peças improvisadas, cada provincia continuava a ser representada por uma personagem que falava o seu dialecto: Bergamo deu *Arlequin* e *Brighella*; Milão, *Beltramo* e *Scapino*; Veneza, *Pantalone* e *Zacometo*; Napoles, *Pulcinella*, *Scaramuccia*, *Spaviento*, *Tartaglia*, o *Capitão* e o *Bascegliese*; Roma, *Marco-Pepe*, *Gelfomimo* e *Cassandro*; Florença, *Stantorello*; Bolonha, o *Dottore* e *Narcisino*; Turim, *Gianduja*; a Calabria, *Covicello* e *Giangurgolo*; a Sicilia, o *Barone*, *Peppe-Nappa*, etc. Estes typos pouco variaram, relativamente, com o tempo e encontram-se ainda nas comedias de «marionettes», fórma popular de *Commedia dell'arte*. Ha mais n'estas comedias os *Inamoratos* e com papeis mais ou menos serios a *Smeraldina*, *Colombina*, *Spilleta* e outros typos de creadas ou servettas.

Entre os estudos curiosos e eruditos que o theatro nos proporciona, um dos menos conhecidos é o das personagens mais ou menos classicas. Se o entrecho das tragedias, comedias e outras peças muito occupou o cerebro dos grandes tragicos da antiguidade, dos dramaturgos e comediographos que deixaram um nome fulgurante na historia da litteratura dramatica, não menos traba-

lho, desvello e conhecimento da alma humana lhes custou o crearem e desenharem personagens que teem atravessado os seculos como um símbolo que nunca mais se apagará da memoria dos homens. Facto curioso, existem individualidades que figuram hoje no theatro como se exhibiam ha milhares de annos, apresentando a mesma estrutura psicologica, o que não admira muito, e com análoga condição scenica, o que surprehende um pouco.

Está n'estas circumstancias o *Arlecchino*, que alguns querem que corresponda ao antigo francez *Hellequin*, nome de um diabo famoso nas lendas medievas, e outros que ascenda á mais alta antiguidade. Encontra-se ahi o bobo grego, o sátiro vestido com a pelle de uma fera estreitamente apertada ao corpo, tendo na mão uma varinha, no rosto uma mascara de côr trigueira e na cabeça um pequeno chapéo preto ou branco e que representa o rustico atheniense, malicioso e grosseiro, ridiculo e zombeteiro. Esse bobo grego passou para Roma onde se transformou no Macco e no Bucco das *atellanas*. Mais tarde chamou-se *Sannio* (de *sanna*, galhofa, motejo, careta) e appareceu em scena com o rosto bezuntado de cebo, com a cabeça rapada, e com um traje de retalhos de diversas côres. A Italia moderna recorreu ás proprias tradições para crear o seu arlequim, que completou mettendo-lhe uma espada de pau na mão, com a mascara e com o chapéo do bufão grego. Cremos que a designação antiga de *Sannio* se perpetuou na de *Zanni*, nome que os italianos dão ao seu arlequim.

Arlequim parece ter sido a principio a personificação dos habitantes de Bergamo, como representara outr'ora o camponez de Athenas e o escravo em Roma, como Pantalone e Scapino se identificaram com os venezianos e com os napolitanos. Depois de ter feito as delicias da Italia, o jocoso trio atravessou para França, onde encontrou excellente acolhimento. Arlequim levou para ali o seu traje tradicional: mascara preta,

chapéo cinzento, veste pintalgada, de retalhos verdes, encarnados, amarellos, azues, e a vara. Mas modificou a linguagem e os costumes. Em Bergamo, Arlequim era um jogral baixo, impudente, com frequencia feroz e cynico, sempre guloso e poltrão, e é assim encadernado que surge no *Hanswurst* da comedia alleman; em França, onde, sob os auspicios de Mazarino, se apresentou de começo ante uma sociedade brilhante e polida, Arlequim conservou os seus defeitos, mas occultou-os debaixo de uma capa menos grosseira e mais espirituosa e divertida.

Brighella é outra curiosa personagem da *commedia dell'arte*. Vestido todo de branco, tinha na origem alguma semelhança com o francez Pierrot. Introduzido em França no seculo xvi com o nome de «Bri-

guelle», metamorphoseou-se em creado velhaco e mentiroso.

Beltramo foi um typo caracterizado definitivamente pelo actor italiano Nicolo Barbieri no começo do seculo xvii, *Beltramo* apresenta alguma analogia com Pantalone, mas é menos ingenuo, menos ridiculo, e sabia muito a proposito tirar partido da finura que fingia esconder por traz do seu ar bonacheirão.

Scapino, que figurou uma das principaes personagens do antigo theatro italiano, foi naturalizado francez por Molière nas suas *Fourberies de Scapin*. *Scapino* é o typo do creado ordinario, da familia dos *Zanni*, que descendem por seu turno dos Davo e dos Geta. O primeiro Scapino que appareceu em França, na côrte de Luiz XIII, foi Francesco Gabrieli; fazia parte da companhia dos *Fedeli*, dirigida por Beltramo (Nicolo Barbieri), Brighelle, Flautino, Grandelino são variedades do Scapino, cujo traje primitivo foi modificado por Mezzetin. Foi o proprio Molière quem estabeleceu o papel do

Scapino francez, no qual brilharam successivamente, depois d'elle, Rosimond, Raisin cadet, La Thorillière filho, Armand, Prévile, Dugazon, Monrose pae, Samson, Regnier e Coquelin mais velho. O papel



TARTAGLIA



SIANGURGOLO

representa-se ainda com o traje de Mezzetin: justilho, calção, manto de fazenda ás riscas brancas e vermelhas e barrete da mesma fazenda.

O *Pantalone*, como atraz dissemos, é um typo originario de Veneza. E verosimil que o seu nome provenha do patrono d'aquella cidade San Pantaleone. E' um velho com pigarro, escarrando a cada momento, libidinoso e avarento. Veste a beca doutoral e uma casaca guarnecida de botões. E' victima de todos os Arlequins de Italia e de todos os Scapinos de França, confunde-se, como o Bartholo da *Commedia sostenuta*, passa pelo Jacquemin Sadot dos theatros de feira francezes para ir bater aos Gorgibus e aos Sganarellos de Molière. Shakspeare pintou este typo no *Como vos approuver*. Tambem se costuma dar o nome de *pantalone* aos venezianos, por graça, como o de *alfacinha* aos lisboetas.

Zacometo é a corruptela de *Giacometto*. *Zacometo* chamava-se no seculo XVIII Momalo, diminutivo de Girolamo. E' o *caratterista* veneziano. Vestido ordinariamente de algodão branco, pinta a cara de branco como Pierrot, salvo uma grande mancha de encarnado cór de sangue, posta brutalmente n'uma das mãos, e uma meia vermelha, a moda veneziana do seculo xv.

O *Pulcinella* napolitano, não é o polichinello corcunda, de traje vistoso, aclimado em França. E' uma personagem de comedia, de nariz adunco, mas de figura direita, de camisola e calças brancas, com uma meia mascara negra. Ruidoso, vivo, passa o seu tempo em fanfarronadas e a mofar de Cassandra.

Scaramuccia é um typo vestido de preto da cabeça aos pés, o que auctorisou Molière a dizer, falando de uma noite sem estrelas: «O céo, esta noite, vestiu-se de Scaramouche!» Tiberio Fiorelli, que o vestiu primeiro e inventou talvez o nome de *Scaramuccia*, era filho de Silvio Fiorello, chamado «o capitão Matamouros» o que explica o parentesco de *Scaramuccia* com *Matamouros*. Tiberio foi para Paris em 1640 e teve a honra de fazer rir Luiz XIV ainda no berço, e aquella, ainda maior, de servir de modelo ao joven Molière. *Scaramuccia* teve a exis-

tencia mais movimentada. Mezzetin contou a *Vie de Scaramouche*, que appareceu por morte do velho comediante, em 1694. O nome ficou como classificação, participando um pouco do «Capitão» e do «Arlequim», com a pallidez do Pierrot, as sobranças muito negras, o bigode á china e a viola ao lado.

Spaviento é o typo do «Fanfarrão», do «Capitão». Esta personagem data do seculo xv e foi introduzida em França, em 1577, pela companhia dos Gelosi.

Tartaglia (Tartamudo) é um typo originario de Napoles. Creado palrador e gago, perpetuamente zangado, gordo, com banhas, gabarola e poltrão, tem a vista curta e usa grandes lunetas azues. Foi um typo pouco espalhado em França.

Marco-Pepe é uma especie de polichinello romano, adversario irreconciliavel do outro polichinello, «Meo-Patacca». Mais velhaco ainda, se é possivel, que o verdadeiro polichinello, *Marco-Pepe* grita mais que toda a gente, e é sovado por toda a gente. *Zacconi*, director do theatro Emiliano em Roma, corcovado, representou *Marco-Pepe* e deu-lhe uma prodigiosa popularidade.

Cassandro é o typo do velho imbecil e crédulo, joguete ordinario e victima facil de Lelio, Colombina, Arlequim e Pierrot. Este

typo gosou de uma grande voga durante os vinte ultimos annos do seculo XVIII. Appareceu pela primeira vez em França em 1780 n'uma farça de Piis e Barré: *Cassandro oculista*; depois no *Cassandro mecanico*, *Cassandro astrologo* e n'uma porção d'outras peças. O vocabulo passou para a lingua franceza e chama-se ali ainda *Cassandro* a um velho ridiculo e sempre ludibriado.

Stenterello ou *Stentarello* é um typo destinado a soffrer. E' como o Jocrisse dos francezes. O seu traje é sempre pintalgado: veste de barregana azul-claro, collete amarello, um calção com uma perna preta e outra verde, meias de algodão, uma lisa e outra ás riscas.

Gianduja é um typo ordinario de Turim, mas igualmente popular em Genova e Milão e que se chamou primeiro «Girolamo» (Jeronymo). Os emprezarios mudaram-lhe o



PEPE-NAPPA

nome, em 1802, por consideração para com o rei Jeronymo; o comediante tomou o appellido menos comprometedor de *Gianduja* (João do quartilho). E' um camponez finorio, fingindo-se tolo, um falso pateta, ou melhor um pateta com malicia. E' o typo do rei Bo-bèche.

A Calabria não apresenta caracteres menos curiosos. Um d'elles é *Covicello*, abreviatura de *Jacoviello*. Provém dos Abruzzos e figura na *Malmantile* de Lippi. O seu typo na Italia é o de um *bravo* imbecil, de bigode feito a carvão, com uma espada que tem a rematar-lhe os copos uma laranja. Salvator Rosa pintou-o, e Hoffman no seu *Conto*, fornece pormenores interessantes sobre tal personagem, que se póde approximar do «*Thrason*» de Terencio. Esta classificação depressa desapareceu, por isso que Gherardi não a cita nunca, e que, na scena franceza, só apparece uma unica vez no *Bourgeois gentilhomme* de Molière. E' um creado patife, da escola dos *Mascarillos* e dos *Scapinos*, que se apresenta com audacia e ostenta através de toda a peça as caretas do seu rosto de napolitano manhoso.

Gianguergolo, «João Guloso» tambem da Calabria, typo dos «capitães», é de uma voracidade terrivel. E' libertino, poltrão, gabazola e gatuno. As suas características são: comprido nariz posticho, bigodes para metter medo aos parades, chapéo amplo e ponteagudo, um espadagão interminavel cheio de teias de aranha, justilho escarlata com mangas de um amarello esmaecido ás riscas vermelhas.

Peppe-Nappa pertence á comedia siciliana, e, saívo a côr do traje, é quasi identico a «*Giglio*». Veste uma libré azul clara, uma faixa branca na cabeça, chapéo branco ou cinzento e sapatos de cabedal tambem branco. A sua agilidade surprehende; dansa, salta. E' quasi sempre creado, seja de amos novos, seja de velhos. O seu maior defeito reside na gulosice.

A *Commedia dell'arte* ainda apresenta ou-

tros typos dignos de nota, como por exemplo *Pagliaccio*, antecessor do «*Pailasse*» francez. Serve ordinariamente de creado a «*Pantalone*». O seu papel e o seu traje approximam-se do de *Pierrot*; mas differença-se d'este pela tolice. Embora dê os conselhos mais ousados, a sua covardia não conhece limites e, affectando agilidade, não deixa nunca de se estender ao comprido.

Pasquino arvora-se em émulo de «*Brighella*» e de «*Scaramuccia*». Descarado, glutão, mentiroso, tagarella, *Pasquino* mostra-se por occasiões melancolico, mas a maior parte das vezes apresenta-se entusiasta dos bailes, amigo de brincar e habil nas piruetas.

Pedrolino foi na Italia o predecessor de «*Pierrot*». Appareceu muitas vezes em França na companhia dos *Gelosi*, de 1576 a 1604.

Razullo apparece-nos como o typo grotesco do dansador florentino do seculo xvi e cuja physionomia foi eternizada por Callot. *Razullo* tinha na companhia de dansarinos que, na época da Renascença renovaram a tradição das danças antigas, a função indicada pelo seu nome de «zangarrear» a viola. *Razullo* é um pequeno ser disforme, vestido, como um jogral da côrte, com uma tunica apertada por uma enfiada enorme de botões.

Situnno faz parte do repertorio napolitano e ridiculariza os defeitos do homem do povo. Surge sempre a proposito para provocar rixas no meio dos ajuntamentos, mas derrama com muito mais vontade vinho que sangue. Veste o traje do povo miudo napolitano, casaco redondo de belbutina amarella, carapuça á banda, calças claras e cinta vermelha.

Smarginasso ou *Vappo* pinta uma personagem napolitana, fanfarrona, brigan, gabazolla e pusillanime. Veste um traje «á regencia» e cinge uma espada compridissima.

Spezaffer constitue mais um typo da comedia italiana. Foi levado para França, em 1640, pelo actor italiano Giuseppi Bianchi. O seu traje francez data do reinado de Luiz XIII; chapéo redondo com pennacho, grande collarinho e larguissimo justilho.

No proximo capitulo concluiremos a descripção succinta d'estes typos de comedia.



RAZULLO

O tento vermelho

(CONCLUSÃO)

DURANTE este colloquio, estavam á porta da cabana do velho José, e Rachel puxou lá para dentro Vétérin, fechando a porta na cara do magote de aldeões, cuja attenção se voltou para a montada do militar, e, com a afflicção a embargar-lhe a voz, disse:

— E não obstante, não o posso acompanhar. Já estou casada. Sou mulher de outro homem.

O subalterno deu um passo atrás; depois, com um riso aspero, um riso de desprezo:

— Ha! ha! exclamou, dando aos hombros, isso agora é outro caso. Mas quem não hade gostar da noticia é o pobre do Felipe La Hire, — e encaminhou para a porta.

— Não se retire, accudiu a rapariga, corando até á raiz dos cabellos perante o tom ironico do militar. Tenho um recado para lhe dar, em resposta ao seu. Queira dizer ao Nicolau que, comquanto elle não deva tornar a apparecer em Orgemont, nem tornar a ver-me, sou apenas casada nominalmente. Atesto a Deus em como sou e ficarei sempre donzella, por amor ao Nicolau.

Diga-lhe, tambem, que poucas semanas depois de elle se haver ausentado, o Simão Mansart...

— Ah! atalhou Vétérin, tenho ouvido falar dessa prenda.

— O Simão Mansart adoeceu. A's portas da morte (que assim o suppunhamos todos), propôs-me casamento, pois me quer tanto como quer á burra do dinheiro. E em trôco, offereceu-me quanto dinheiro tinha escondido em casa.

Recusei.—Insistiram comigo, alegando que o senhor Mansart não tinha a quem deixar a riqueza que havia accumulado, e que se limitava a rogar-me que lhe concedesse o poder dar-me o nome de esposa, ainda que fosse apenas pelo espaço de uma hora, pois que, se eu nessa qualidade lhe assistisse ao passamento, sequer ao menos morreria consolado. Insisti na recusa. Depois, puseram-se a apertar comigo — que existia um documento que só esperava pela minha assignatura, e em virtude do qual, ainda em vida do senhor Simão Mansart, a sua riqueza me era transferida, — e que era certo, e mais que certo, elle não poder escapar. Tornei a declinar a offerta. Allegaram que devia respeitar o ultimo pedido de um moribundo que me testificava tanta affeição; e que isso representava, não só um dever, mas ainda uma acção nobre e digna, da minha parte. Não annui, ainda, desta vez.

— Pois sim! Mas sempre veiu a ceder! suspirou Vétérin, confrangido o coração por uma lagrima a estilar pelas faces mimosas da pobre rapariga.

— Pelo amor que voto a meus paes. Fizeram a sua vontade, afinal. São pobrissimos, e a guerra acabou de nos desgraçar. Fiz calar a voz do coração, a da consciencia, e disse que sim. Naquella mesma noite assignei o tal papel e fiquei sendo noiva do senhor Simão Mansart; naquella mesma noite, eu, sentada á cabeceira do seu leito e com a minha mão entre as suas, e elle a fitar-me uns olhos em que eu, aterrada, lhe lia a expressão do mais ardente amôr.

— E o patife, escapou? Com trezentos...!

Iria jurar que não estava tão mal como alegava. Logo vi que era marosca!

— Foi Deus que assim o quis! Nunca mais o tornei a vêr, nem elle, a mim... Queira dizer isto ao Nicolau, senhor sargento; e entregar-lhe tambem esta papelada, rogando-lhe, da minha parte, que a destrua, para que nunca lhe occorra pensar que «a Rachel casou com semelhante homem com a mira na riqueza». Eu, ao principio, lembrei-me de a devolver ao senhor Mansart, pois, tenha a certeza, não era eu que tocava em semelhante dinheiro, que viria interpor-se entre mim e o Nicolau. E queira dizer-lhe, ainda, que não tenha pena de mim, que o não mereço, e que me varra da memoria, por uma vez.

— E dir-lhe-ei, tambem, que a menina ainda lhe quer muito. Pois não é assim, *mademoiselle*? accudiu o Vétérin, com a voz alterada.

— Diga, diga! exclamou Rachel, tentando em vão conter as lagrimas.

E agarrou-se ao braço do militar, ás mãos ambas, e elle a sentir-lhe, na face, o halito candente.

— Diga-lhe que... que o amor que eu lhe tinha, é tanto como o desprezo que voto a mim propria; que o meu coração, que uma vez lhe entreguei, lhe ficará pertencendo para sempre; que penso nelle, dia e noite, e que, embora ausente, é como se a todo o instante o tivesse ante meus olhos. E pode, tambem, dizer-lhe, se quizer, que tenho o coração esfacelado — não, não, não lho diga! Vinha logo a correr por ahí abaixo, e isso não pode, não deve ser!

«Ai! meu Deus!»

E os dedos a enclavinharem-se-lhe no musculoso braço do sargento; e a voz a afogar-se-lhe num soluço!

A Vétérin arrazaram-se-lhe os olhos de agua, fartou-se de pestanejar o pobre do homem.

— Leve-lhe o meu recado. — Conte-lhe tudo. Mas... que digo eu? — O que o senhor lhe não pode levar, é a minha voz, são os meus olhos, em que elle me lia cada pensamento.

«E não obstante, o senhor não esquecerá, decerto, o que eu lhe disse e o estado em que me vem encontrar.

«E diga ao Nicolau, que o amo como elle me ensinou a amá-lo, que, sem elle, este

mundo, para mim, todo elle é trevas, e que hei de amá-lo, em quanto Deus n.e conceder um sopro de vida!»

O militar achegou-a a si, pois sentiu que ia cair no chão, desamparada. Rachel, aguentou-se, mercê de supremo esforço, e impelliu-o brandamente para a porta. Voltou-se para trás Vetérin afim de vêr mais uma vez aquella figura supplicante, com o cabello desgrenhado a encobrir-lhe em parte a face sulcada de lagrimas; e saiu por ali fóra, a rosnar, com uma voz, que a si proprio, atendendo bem, lhe haveria causado estranheza.

— Com a breca! Está-me parecendo que o tal Simão Mansart é um trambolho d'alto lá com elle!

Naquelle mesmo dia, á tarde, estava o Simão Mansart sósinho, sentado ao escasso lume da lareira, eis que ouve os canzarrões num ladrar furibundo. Como não cessasse a matizada, investiu para a porta, e prefigurou-se-lhe lobrigar, na escuridão da noite, um vulto ainda mais negro, assomando ao portão.

— Não me fará o favor de chamar esses seus cordeirinhos? clamou um vozeirão.

— Quem é você? — Que pretende? esgançou o Mansart, sempre desconfiado a mais não poder ser, tratando-se de gente estranha, e muito em especial, de quantos o procuravam por noite escura.

— O senhor não me conhece, mas venho procurá-lo por causa de um negocio.

— Não duvido, mas appareça por cá, a qualquer hora do dia, amigo; e fez menção de lhe bater com a porta na cara.

— Sim, senhor, foi a resposta immediata. Mas estou resolvido a falar-lhe desde já, e se os seus cachorrinhos tentarem deter-me, têm que se aguentar com as consequencias.

O Simão, incredulo, desfechou uma gargalhada; mas quando ouviu o portão de ferro ringir nos gonzos ferrugentos, e a rosnadela dos mastins, exclamou com vehemencia:

— Cautéla! Olhe que o fazem em postas!

— Um, quando menos, sempre ficará pelas custas! foi a réplica resoluta.

— Espere ahí! vou chamá-los, accudiu Mansart, que nunca houvera cedido, se suspeitasse, sequer, as intenções do collocutor.

Assobiou aos cães, mas logo se arrependeu ao dar com os olhos na visita, e quando viu que era um militar francês, como uma torre, flamante e com cara de poucos amigos, que com um abraço era capaz de o pôr mais chato que um figo esborrachado.

— Dá licença? disse o adventicio, e foi entrando com improencia tal, que o outro se viu obrigado a ir recuando. Fechou a porta, — e espécou-se-lhe adiante, — alto, erecto, imperativo.

— Que deseja, camarada? perguntou o Simão, tremulo de raiva... e de medo.

— Não se vê um palmo adiante do nariz! E que lumé tão pifio, com uma noite de bater o dente!

— Escusamos de luz para conversar, e, pelo que me diz respeito, estou quente, graças a Deus.

— E pobre, na proporção; não é verdade? E' este o motivo que aqui me traz.

Mansart assumiu uns modos mais urbanos. Tinha delegado a sua riqueza numa rapariga, que o não podia tragar. Restabelecida a paz, os tribunaes não deixariam de lhe sancionar a ella o direito. Assim, pois, qualquer proposta, um negociozinho qualquer, eram bemvidos.

— Dou pelo nome de Felipe Vétérin, declarou o couraceiro, cruzando os braços rematados por um par de guantes façanhudos, e infitando uns olhos de ruim agoiro na harpia do Mansart. — O capitão La Hire hon-

ra-me com a sua amizade. Sou o seu confidente, aqui onde me vê.

— E a mim com a sua inimizade, rosou Simão; e os olhos encovados a despedirem chispas.

— E vim a Orgemont para bem delle.

— Ah! Está ferido?

— Está.

Mansart esfregou as mãos.

— Mas não com gravidade, felizmente.

A não ser que o senhor queira escutar-me, palpitame que o capitão não deixará de lhe vir fazer a sua visita, um dia destes.

O Simão encolheu-se todo na cadeira.

— Mas que tenho eu com isso? perguntou. E que vem o senhor aqui fazer?

Vétérin proseguiu, sem sossobrar:

— Vim trazer um recado á menina Rachel Nay.

«Ora, a dita menina, uma joia, por signal...»

— Actualmente, já lhe não compete

esse appellido, e portanto, far-me-á o favor de guardar os seus cumprimentos para quando eu lhos pedir, atalhou o outro, furibundo.

— O senhor é seu marido; valha a verdade. E tambem lhe trago um recado. E não obstante, é mal cabida a designação, aqui para nós, pois o que eu lhe venho propôr é ideia minha, unicamente, e que eu desejo expôr-lhe, para interesse do meu particular amigo, o senhor capitão Nicolau La Hire.



QUE DESEJA, CAMARADA? PERGUNTOU O SIMÃO,
TREMENDO DE MEDO... E DE RAIVA

E' um caso algum tanto fóra do commum.
— Elle ahi vae:

«A menina Rachel casou com o senhor, na persuasão de que o senhor se achava ás portas da morte. Mas as portas não se quiseram abrir. Foi bom para o senhor, e mau para ella; pessimo para o Nicolau, a quem ella adora. Ora, pois, o La Hire bebe os ares pela pequena; ella é tão indispensavel á sua ventura como o é para o senhor o seu dinheiro. Atente bem nisto que lhe estou dizendo.»

Deu-se uma pausa. E prorompeu o Mansart:

— Que quer dizer com isso?

— Que lhe venho propôr a restituição do tal documento que representa a riqueza que o senhor delegou em sua esposa. — Devagar! Já lá vamos! — Com uma condição, ainda assim. Tem que restituir a liberdade a essa menina.

Illuminou a carantonha do Simão um clarão de jubilo infernal, apagando-se, acto-continuo.

— Não póde ser, exclamou. E' minha mulher; estamos casados legalmente, lembre-se desta circumstancia. Como é, pois, que eu posso restituir-lhe a liberdade? Como é que ella póde ser mulher de outrem?

— E não obstante, o La Hire jurou que só na qualidade de marido os seus labios tocarão jámais nos labios della.

— Mas como é que isso póde ser? — Ponha o caso em si!

Vétérin, sem descoroçoar, proseguiu:

— E' certo que, se eu lhe restituir este documento, que o senhor, tenho a certeza, está morrendo por vêr nas suas mãos, não conseguiria romper o laço que o prende ao senhor a menina Rachel; e comtudo, estou resolvido a devolver-lho. Ora, dando-se isto, o senhor ficava-lhe chamando a ella sua mulher e de posse do seu peculio, não é verdade? Assim era, ao que parece, mas o peór é o surgir de permeio um «se»; visto como, supposto eu da melhor vontade lhe restitua a papeleta, não deixa de ser possivel que isso lhe custe a vida.

— A vida!

— Nem mais nem menos.

Mansart encolheu-se todo.

— Ameaça-me? rouquejou, todo a tremer.

— De modo nenhum. Olhe para aqui.

Adiantou para a mēsa o nosso Vétérin, e

despejou-lhe em cima uma mancheia de tentos de jogo.

— Estão aqui trinta, declarou. Poderá verificar que vinte e nove são brancos e o restante, vermelho. Não os quer contar?

— Não senhor, não preciso, fio-me na sua palavra.

— Sempre será bom que os conte. Muito bem. E agora vou expôr-lhe a minha ideia, que é tão desusada e tão dramatica, que me sinto ufano por me haver occorrido, palavra! Vou deitar estes tentozinhos de marfim no meu capacete e tapá-los com um lenço — assim. E pedir-lhe-ei — se é que é homem corajoso, que levante a ponta do lenço e tire um tento — um só. Se fôr branco — como é quasi certo que sáia — restituo-lhe a papeleta que aqui tenho, e desejo-lhe uma noite feliz, no gozo do seu pé de meia, e na posse da menina Rachel. Mas dado o caso que sáia o unico vermelho — o que é aliás muitissimo improvavel — então — então — se fôr o vermelho — sinto dizer-lhe...

Calou-se o couraceiro e vibrou um olhar firme e resolutivo ao interlocutor. Pôs-se livido Mansart.

— E que mais, indagou com a voz a tremer; por que se cala? E se eu tirar o vermelho — que acontece?

Vétérin encolheu os hombros e replicou:

— N'esse caso, tenho que lhe pedir que se bata commigo.

— Intenta pois assassinar-me! rouquejou o Simão, recuando.

— Perdão, tenho aqui um par de pistolas. Bater-nos-íamos com lealdade.

— Mas isso é horrivel, monstruoso! Nem falar n'isso é bom!

— Tão horrivel, quasi, como desposar uma menina cujo coração se entregou a outro homem; tão monstruoso como o interpor-se eternamente entre dois corações que palpitam um pelo outro, foi a resposta desabrida.

— Digo, e repito, nem quero ouvir falar em semelhante coisa, insistiu Mansart, frenetico.

— Refinadissima asneira, eis o que é. Quem me déra estar no seu lugar. As probabilidades em viver são doze; a de morte, uma, só. E ainda neste caso a briga será leal — comquanto, e juro-o por esta espada que trago á cinta, — eu tencione fazer quanto estiver ao meu alcance para o matar.

Considere. Entre o senhor e a riqueza permeia apenas um instante. Ora, vamos, já podia estar feito, e esquecido, a estas horas.

— Se é que se préza em ser cavalheiro, e não nutre a meu respeito qualquer intenção sinistra, queira sair desta casa, immediatamente.

— Muito bem, retiro-me, declarou Vétérin.

E deu um passo para a porta, abriu-a e estava prestes a transpô-la, eis que o faz retroceder a voz anciosa de Simão.

— E dahi?

— As probabilidades em meu favor são insufficientes.

— Refinadissimo covarde?

— Accrescente mais seis e prontifico-me a annuir.

O couraceiro pôs-se a rir e lançou mais seis tentos para dentro do capacete.

— Elles cá vão, declarou. — Tire um; á vontade!

— Sacuda-os muito bem, segredou Mansart, que dir-se-ia estar prestes a perder os sentidos com a excitação de jogo terrível a tal ponto.

Dito isto insinuou a mão por baixo do lenço, e enfiou-a no capacete. Sacou-a depois, muito devagar. O sargento fugiu-lhe com o capacete, para evitar trapaça, e o Simão fitou os olhos no tento seguro nas pontas dos dedos.

Era o vermelho!

E pôs-se a murmurar; umas palavras articuladas, como de quem se achasse sob a acção do terror de uma morte por estrangulação, num pesadêlo. E ficou-se com os olhos pregados naquelle simbolo de morte. Invadiu-lhe a fronte um froixo sanguineo, inchando-lhe as veias, esvaiu-se, incontinente, deixando-o livido como um defunto.

— Ah, ah! exclamou Vétérin, — a sorte não o favoreceu!

Mansart recuou uns passos, tal qual uma fera que se sente ferida, e, fingindo estar moribunda, reconcentra o melhor das suas forças á espera de que se chegue de perto o adversario.

— Deve concordar que já é ser tumba! insistiu Vétérin, frio que nem um torrão de neve. Trinta e cinco contra um! E' espantoso, palavra!...

Pôs um par de pistolas em cima da mêsã.

— Vamos a isto, senhor, exclamou, de subito, em voz dura, incisiva. Vae portar-se como homem, não é verdade?

Mansart parecia impossibilitado de responder; talvez não pudesse. Sem desfitar o sargento, seguia-lhe os movimentos com a mais intensa anciedade.

Vétérin revistou as pistolas, observando, de revez, o rosto exangue do interlocutor. Impeliu para este uma pistola.

— O melhor que tem que fazer, é defender-se, observou. — E o dito, dito.

Recuou uns passos e ergueu a arma.

— Suspenda! rouquejou Mansart, com a voz embargada. — Não nos batemos em egualdade de circunstancias.

— Que quer dizer?

— O senhor é habil no uso da sua arma, ao passo que eu...

— O remedio está á mão.

Vétérin soprou a véla.

— Cuidado! exclamou. — Vou disparar, não tarda nada.

O cêpo de madeira, que ardia no fogão, no lado opposto do aposento, emitiu um fogaço rubro, nebuloso.

Os dois contendores tinham ambos recuado para a sombra; um e outro na expectativa.

Silencio absoluto, quebrado, a revezes, pelo socinar manso do madeiro, a arfar, rubro e cinzento, á proporção que o ventilava a corrente de ar. Vétérin nem respirava, sequer; a varar com a vista as trevas, tentando discernir o vulto do Simão Mansart.

Não se ouvia o mais tenue rumor. De repente, quis-lhe parecer que lobrigava o que quer que fosse, negro, a meia duzia de pés do espaço que occupava. Devia de ser o Mansart, com certeza.

O couraceiro ergueu a pistola e apontou ao centro daquelle vulto indistincto; e contudo, o dedo não premeu o gatilho. Pelo contrario, foi abaixando gradualmente a pistola.

— Que demonio terão estes meus nervos? disse comsigo.

E para ali se ficou, hirto, rigido, indeciso.

— E por que não? tornou a dizer comsigo.

— E' leal o combate. Ora adeus! peores coisas tenho eu feito.

Correu mais um minuto.

Vétérin arrancou um suspiro.

— E caso é que não posso, murmurou; nem mesmo por tua causa, Nicolau La Hire.

E bradou, de rijo:

— Acenda a véla; socegue, que lhe não faço mal.

Nada de resposta.

— Não se arreceie de mim, repetiu o militar.

A mesma calada.

— Se eu bulir, aquelle patife atira-me, disse mentalmente Vétérin.

E não obstante, avançou direito á mésa, a procurar ás apalpadelas o castiçal. Encontrou-o, foi-se ao fogão, e chegou a torcida ao cêpo abrasado. E

nem por um instante desviou os olhos do que quer que era, negro, que elle suppunha ser o Simão Mansart.

A véla, fumegou, lucilou e acendeu-se. Enganara-se o nosso militar, percebeu que o tal vulto negro era apenas uma cadeira.

Vétérin rodou sobre os tacões, á espera de uma bala, e apontou a pistola. Soltou

um grito abafado perante o espectáculo que se lhe frenteou.

O Simão Mansart, todo elle num feixe, a um canto do quarto, segurando nos dedos

mortos a pistola ainda por engatilhar, e com os olhos envidraçados fitos no clarão da labareda. A excitação do jogo, e o terror do duelo irrealizado, fizeram-lhe parar o coração.

Benzeu-se Vétérin.

— Deus me seja juiz! Eu, se o fiz, foi pela amizade que voto ao Nicolau, exclamou.

Foi-se ao fogão e atirou para as brasas uns papeis.

E de repente, tomou-se de um terror instantaneo que o fez

fugir a sete pés daquella casa. A aragem esperta, incisiva e um esforço valente restituíram-lhe a serenidade de animo.

Deteve-se, um instante, a contemplar o palacete com as janélas ás escuras e com um aspecto de morte; e disse, em voz alta, como que concluindo um pensamento por emitir:

—... e hão-de casar, assim que acabar a guerra!



O SIMÃO MANSART, TODO ELLE NUM FEIXE...

Versão do inglês, por M. MACEDO.



Le soleil aux champs et à la ville

A Eduardo de Noronha

*La dernière étoile est morte, et le beau soleil,
Ouvrant son éventail d'or, doucement réveille
La terre-qui repose après le rude effort
Des éternels rivaux-la vie contre la mort.*

*Le jour vient peu à peu . . . Et sa lumière inonde
Le visage souffrant, anéanti du monde.
Une poussière dorée paraît vibrer dans l'air,
Tombe sur le gazon comme une pluie légère
Et couronne de feu les monts, les tours, les arbres . . .
Et arrache des eaux des éclats de verts marbres.
On entend dans les nues les cantiques des coqs . . .
Des bergers matineux épient du haut des roqs . . .
Et, au fort bruit des coups de fusil et des cors
De chasse, des oiseaux détachent leurs essors . . .*

*Le grand soleil éclat, radieux, et vivifiant !
Un jour commence. Peu à peu jetent leurs chants
Les puissants campagnards qui soignent les pacages . . .
Des moulins d'aile blanche initient leurs roulages . . .
Passent des jougs de boeufs . . . Et autour des fontaines,
En remplissant les pots, des filles gaies et saines
Parlent de leurs amours, maudisant les amants
Qui pour mieux les tromper leurs ont promis la main.*

*Au loin tinte la cloche . . . À travers le bocage,
Chemine, parasol ouvert, le curé sage.
Là-bas, dans la vallée, le train passe le pont
Avec son grand pannache et son bruit profond.*

*Le grand soleil avance . . . et l'ombre meurt. Des femmes,
Sur la rive du fleuve, étincelant de flammes,
Savonnent des petits habits d'enfants. Les fleurs,
À qui la nuit effraye et émeut jusqu'aux pleurs,
Dégagent maintenant leurs parfums au soleil
Et exposent leurs seins aux baisers des abeilles . . .*

*Le mouvement agite et féconde la terre
Et tout ce que du sang et de la sève enserre !
«Divin soleil ! Soyez le bien venu !» paraît
Crier le campagnard, le maître de la forêt.
«Vous me donnez de la santé, la joie de vivre,
«L'énergie, et l'amour, et tout ce qui m'énivre !
«Soyez béni, Soleil ! Apparaaissez toujours
«À l'horizon doré pour que j'aie de beaux jours !
«Venez à moi ! Entrez chez moi, mon Dieu-Soleil ! . . .
«Que vous êtes de Dieu la plus grande merveille !! . . .
Et le soleil éclat . . .*

*. . . Dans la chambre à coucher
D'un beau palais, le maître, à son lit, fait sonner
Un bouton électrique ; et un valet survient
Pressé et un peu pâle . . .*

— «À vos ordres, «dit».

— «Viens !»

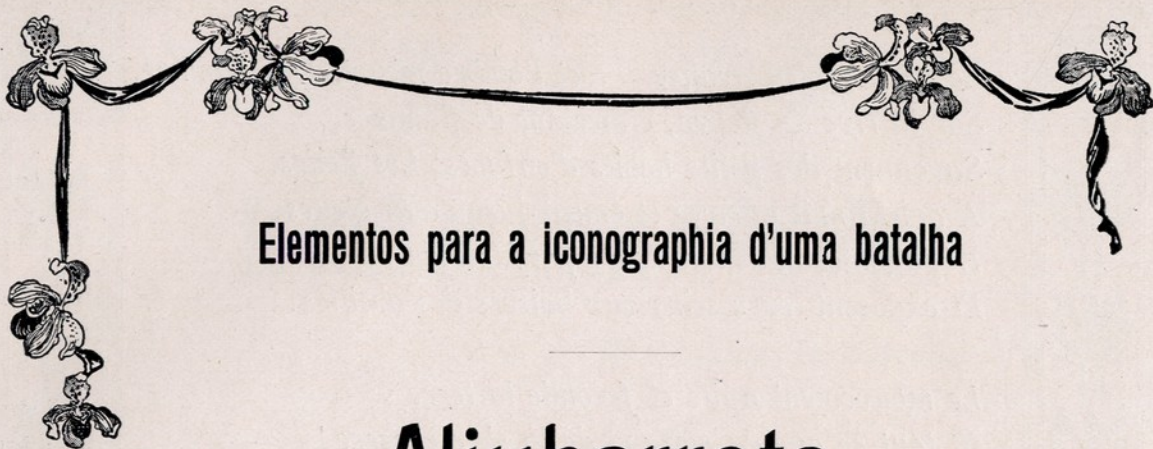
*Crie, furieux, le marquis, avec des airs terribles . . .
Le pauvre valet songe à des choses horribles
Et il veut, malgré lui, comprendre les signaux
Tragiques du Marquis.*

--- «La fenêtre, crapaud ! . . .

*Ferme mieux la fenêtre, idiot, que le soleil
Maudit vient de couper mon délicieux sommeil ! . . .*

17-7-1910

Thomaz d'Èça Leal.



Elementos para a iconographia d'uma batalha

Aljubarrota

E sou dos que, de preferencia á febre devastadora dos descobrimentos e conquistas, dão mais valor, como demonstração da nossa vitalidade nacional, á revolução popular, que, no seculo xiv. lançou os fundamentos d'uma dynastia gloriosa. Synthetizando o principio dominante do amor da patria, cuja ideia se veiu definindo através a historia agitada e violenta da primeira dynastia, esse movimento brusco, que assentou firmemente as bases da nossa autonomia nacional, não tem egual na historia portugueza, nem mesmo no periodo faustoso e imponente da primeira metade do seculo xvi. Era a proclamação dos direitos do terceiro estado, como elemento imprescindivel da organização social, e a aliança mais profunda entre o rei e o povo. Guiava-os o mesmo ideal, erguia-os a mesma paixão, a que não eram certamente extranhos a porção de sangue plebeu que corria nas veias do Mestre d'Aviz e a alma simples do Condestabre, figura gloriosa e boa, tão grande que attinge as nebulosidades da lenda, tão humilde, que a amava e comprehendia, entre todos, a alma popular.

A historia apaixonada e cortezá das chronicas, desconhecendo os modernos processos de critica, ignorando a logica inmutavel da sequencia dos factos e as leis rudimentares da evolução e organização social dos corpos nacionaes, pretende envolver n'uma aureola de mysterioso encanto e explicar pela razão suprema da fé religiosa essa epopeia extraordinaria de heroismo que marca a maioridade d'um povo, a sua libertação do nucleo cen-

tralista da peninsula, quando lhe faltavam as naturaes condições ethnologicas, as mais simples qualidades essenciaes para a constituição da sua independencia. Sómente, pouco a pouco, como quem levanta um edificio monstro, a ambição d'alguns, os odios de muitos, fôram solidificando esse desejo insaciavel d'uma autonomia politica, a que mais tarde as razões da historia e o amor do povo deram a fórma definitiva e a chancellia indestructivel, este ultimo com o seu sangue, nos campos da batalha. Veiu finalmente a lucta aberta, em pleno sol, o *corps à corps* de duas nações que se separavam definitivamente para a historia, lucta em que o povo poz toda a energia do seu esforço e a sinceridade das suas intenções.

Essa revolução gloriosa que, iniciada n'um assassinio vae dar á empreza arrojada de Ceuta, o inicio da vida agitada do colosso, tem o seu *maximum* de intensidade e de gloria na memoravel batalha de Aljubarrota, que é o golpe de morte na desmedida ambição castelhana. Até alli, os que defendiam a independencia da patria tinham a inconsciencia da propria força, atemorizavam-se com a deserção acomodaticia dos mais fortes e sentiam a sua pequenez em face da extraordinaria força do inimigo. Desde essa tarde sangrenta de 1385 dissiparam-se todos os temores, desfizeram-se todos os receios. Ninguem poderia vencel-os, porque do seu lado estava a razão e mais do que isso a fé e a pureza religiosa, por isso que não só defendiam a sua terra, mas combatiam os scismaticos, que eram pelo falso pontifice.

Esta tambem, como quasi todas as guerras tinha a animal-a, no fundo, uma questão religiosa, que servia de estimulo aos espiritos mais escrupulosos.

* * *

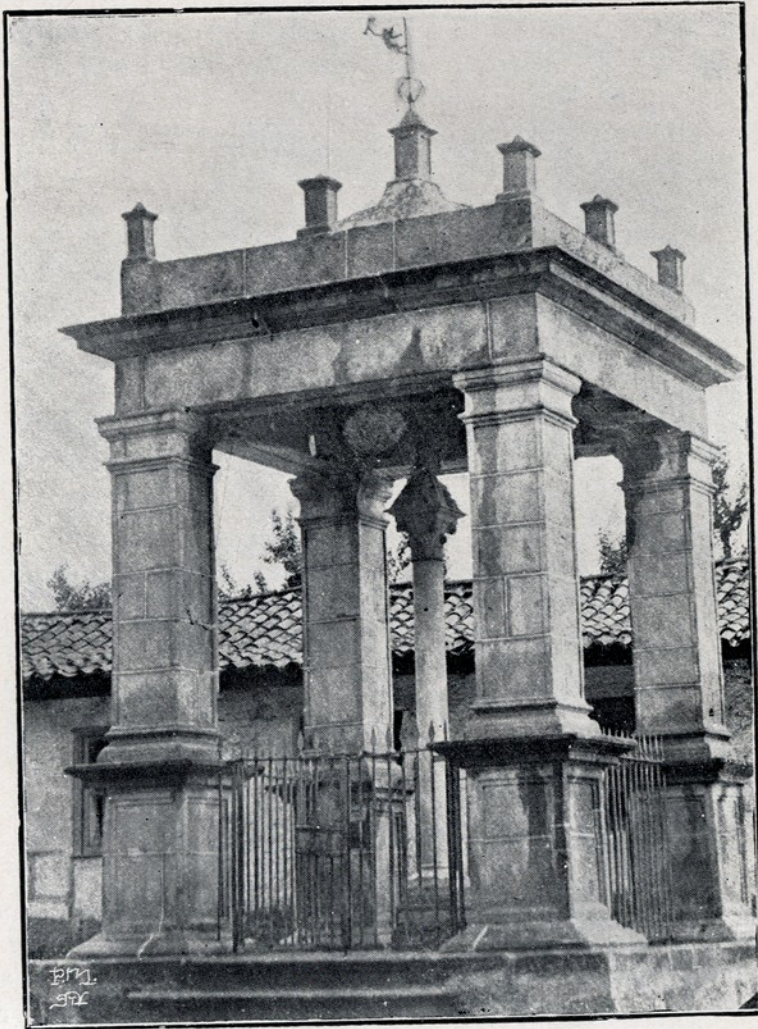
A batalha de Aljubarrota não é só, como vulgarmente a classificam, um acto de heroico esforço, é tambem, e sobretudo, um modelo de boa tactica militar da epocha e uma demonstração do tino pratico e experiencia do condestabre, um mixto de heroe de cavallaria e fino homem de guerra. A victoria de 10:000 contra 32:000 não foi sómente a consequencia, aliaz muito natural, da superioridade do ideal dos vencedores; foi o resultado d'um intelligente plano de guerra, do que melhor se fazia no tempo.

E no entanto tudo era contra os portuguezes: a superioridade numerica do inimigo, a fraqueza moral resultante de se encontrar nas fileiras inimigas a primeira nobreza de Portugal, a organização quasi tumultuaria das hostes, constituida por creaturas bisonhas, inexperientes e mal armadas, *chamorros* sem a pratica de guerra. Mas havia unidade, harmonia, grandeza d'alma n'aquelle grupo que se deixava levar confiado pelo braço possante, energico, des-

temido, da mais pura alma de portuguez, D. Nuno!

O Mestre habitava, em Guimarães, as casas a par Santa Maria da Oliveira, que pertenciam ao Dom Prior, que a onda revolucionaria que o fizera rei, ha pouco tempo ainda havia lançado das torres da Sé de Lisboa, na incommoda companhia do arcebispo castelhano. Ayres Gomes da Silva,

uma figura austera e honrada, estoicamente fiel aos seus juramentos, abandonado do seu rei, que lhe negava recursos, abria ao Mestre as portas do colosso invencivel que era o velho castello e refugiava-se na protecção do cunhado, o arcebispo de Toledo. Não se pôde deixar passar, sem um estremecimento de respeito, o seu perfil glorioso, recortado em linhas severas pela penna invocadora de Fernão Lopes. Destaca-se na sua figura gloriosa um caracter sem mancha, rigida-



CRUSEIRO DE D. JOÃO I, EM GUIMARÃES
D'ONDE FEZ A ROMAGEM A PÉ ATÉ SANTA MARIA DA OLIVEIRA

mente aferrado á sua palavra, que nem as maiores dôres seriam capazes de o levarem a falsear. Tendo jurado fidelidade a D. Beatriz, Ayres Gomes da Silva só abandonou, cansado de trabalhos, de desgostos e de velhice, a sua fortaleza historica, quando recebeu ordem de a entregar, porque não valia a pena soccorrel-a n'aquelle momento. Passa já como uma sombra porque a morte o espreitava a poucos dias da entrega do castello. Já não

era aquelle moço gentil da côrte, que no dizer do chronista tinha *fermoso e bem pa-recente corpo*; os seus levavam-no em braços, ao tempo que o Mestre d'Aviz entrava no castello por entre uma vozeria de ac-clamações.

D. João, fazendo de Guimarães o seu ponto de apoio, d'alli estendia as garras, d'ambição, conquistando terras e castellos que o temor e a incerteza traziam presos ao de Castella. Hoje Ponte de Lima, ámanhã Braga, depois outra e outra, e dentro em pouco as hostes diminutas do Mestre eram senhoras d'Entre Douro e Minho, talando a miudo os campos da Galliza. Nos dias de calma, o Mestre dava-se talvez ao deleite d'aquelles campos floridos, onde a natureza prodiga derramou exuberantemente a harmonia da côr, o gôso material d'uma festa permanente, a doçura e a calma paisagem incomparavel. Na simplicidade do seu feitio, na consequencia

natural da sua situação de rei por graça d'um povo, deviam correr-lhe serenos os tempos de repouso entre os bons servidores do velho e historico burgo, que mais tarde tão distinctamente havia de galardoar na empreza de Ceuta.

Junto da imagem de Santa Maria, em quem a sua fé simplista confiava plenamente, assim se demorou alguns meses, no meio d'aquelle scenario pittoresco e guerreiro da historica villa, em cuja sociedade d'um cunho acentuadamente medievico se agitavam certas figuras mysteriosas. Em Guimarães vivia, então, uma serie de typos originaes, que, através da escuridão da historia, chegaram até nós n'uma encantadora atmospheria de lenda. Alli existia, por aquelle tempo, um frade franciscano, senhor de

grande fama de virtude e dom prophetico. A rainha-mãe de Castella, princeza D. Joanna, a quem a divergencia da egreja catholica, que originára o scisma, trazia a alma afflicta, enviou delegados da sua confiança a consultar o frade vimaranense, sobre a qual dos dois papas, o de Avinhão ou de Roma, Urbano VI ou Clemente VII, devia obediencia seu filho, D. João I de Castella. E a lenda narra que, antes dos commissionados lhe expôrem o fim da sua visita, já o bom do Bandarra franciscano lhe affirmava propheticamente a morte da rainha que alli os mandára e que o rei de Castella obedeceria a Clemente VII, pelo que Deus o castigaria.

E os factos confirmaram a extranha prophecia!



CASAS DO D. PRIOR, ONDE VIVIA D. JOÃO I QUANDO PARTIU PARA A BATALHA DE ALJUBARROTA

O Mestre recebera em Guimarães a noticia da entrada do rei de Castella pelo Alemtejo, pelo que partiria immediatamente ao encontro do Condestavel, com a sua hoste que

se compunha de 4:000 homens.

Antes de partir, talvez, tendo no olhar toda a energia da sua ambição astuciosa, entrou no velho templo romanico, em cuja frente reverdecia a oliveira symbolica. Alli prometteria á Virgem que, a regressar victorioso, faria o romagem a pé até ao seu templo, que reconstruiria. E cumpriu.

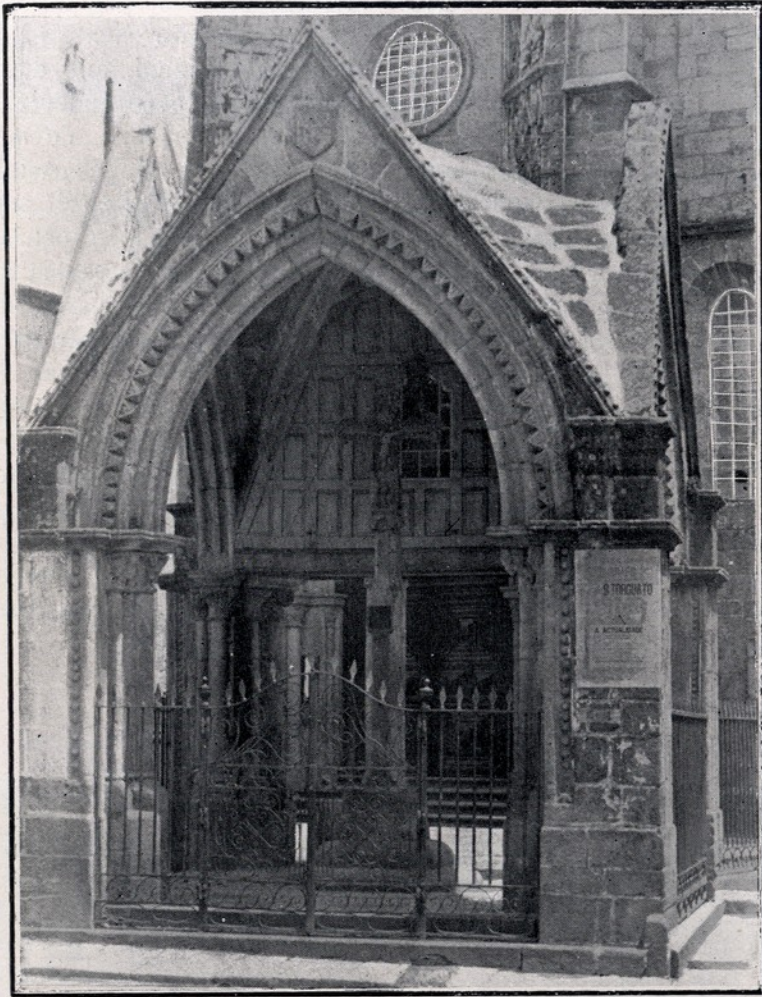
Passarei por cima da conhecida descripção da batalha, que não póde ter na minha penna humilde o relevo que lhe deram Lopes Ayala, Froissart e Fernão Lopes, Ximenes de Sandoval e Oliveira Martins. D. João I de Castella vae já a caminho de Sevilha, chorando amargamente a sua desventura, a que só a sua morte desastrosa havia de pôr um termo. Tres dias os vencedores ficaram sobre o campo da batalha, segundo a velha

tradição medieva. Os despojos do acampamento castelhano desapareciam na voracidade dos vencedores. Não devia ser grande a riqueza allí abandonada, ao contrario do que affirmam os chronistas. Fr. Gabriel de Talavéra, na sua *Historia de N. S. de Guadalupe*, conta que em novembro do anno anterior, D. João pedira um emprestimo á cidade de Murcia, e que, pelo mesmo tempo, levantára 4:000 marcos de prata do Sanctuario de Guadalupe, entre a qual se contava um riquissimo e precioso retabulo do mesmo metal para cunhar em moeda. E o povo pensava, na sua crença infantil, que tal facto occasionára, como castigo, a derrota. Quem assim d'esta maneira necessitava recorrer ao emprestimo, não trazia, segundo todas as probabilidades, grande riqueza na sua bagagem. Do que se conhece actualmente e do que temos noticias, ha, além dos apetrechos de guerra, lanças, bandeiras e cavallos, uma riquissima tenda, sob a qual D. João recebeu mais tarde o sogro na fronteira da Galicia; o sceptro do monarcha hespanhol; um crucifixo contendo o santo lenho de Vera Cruz, que costumava estar em Burgos; o falcão que acompanhava o rei, etc. De tudo, porém, mais ou menos

authentico, temos hoje, sómente, a celebre caldeira de Alcobça, a biblia encontrada na tenda do rei castelhano, e que se guarda na Bibliotheca Nacional. No museu da Collegiada de Guimarães, existe o triplico de prata que a tradição diz ter sido tomado na batalha, mas parece ser obra de ourivesaria portugueza do seculo xv.

Os documentos iconographicos, referentes

a esta memoravel batalha, são raros e muitos d'elles de duvidosa authenticidade. Fernão Lopes affirma que, ao termo da sua romagem a Santa Maria da Oliveira, D. João I offerecera á Virgem o seu pellote e a sua lança. A lança já hoje não apparece a comprovar a tradição; mas o pellote lá se patenteia todos os annos, coçado e gasto, restos pouco elucidativos de antiga grandeza. Pelo que se vê, o pellote ou



O ALTAR DE SANTA MARIA DA VICTORIA, ONDE TODOS OS ANNOS SE COMMEMORA, EM GUIMARÃES, A BATALHA DE ALJUBARROTA

jaquet, como lhe chamava Froissart, ou ainda *floternel*, como o denominam outros documentos, é um pesado casaco almofadado, de tecido grosseiro, que parece ser destinado a adocçar as asperesas da armadura, sob a qual se vestia. Além do pellote e da lança, Fr. Manuel dos Santos affirma que D. João dera á Collegiada *doze corpos d'anjos, grandes, de prata e uns corporaes bordados com ouro fino*, em que se viam as imagens dos reis

de Castella com corôa e suas armas. De taes objectos, porém, não existe nem lembrança, tendo sido muito provavelmente levados, como tantos outros objectos, na vora-gem, para lhe não chamar outra cousa, das invasões napoleonicas.

D. João I cumprira a sua promessa: veiu em romagem a Santa Maria, a pé!

Foi esse templo glorioso que, desde a minha infancia, eu aprendi a admirar pela sua alta significação historica, que me suggeriu estas rapidas recordações. Quantas vezes, ao alvorecer do dia 14 d'agosto, mal luzia a madrugada, descia alegre até ao seu cruzeiro bysantino a gosar, na simplicidade dos meus poucos annos, a cerimonia que ha seis seculos commemorava o acontecimento notavel! E era sempre a mesma missa solemne, na presença da camara e dos conegos o mesmo sermão ao ar-livre, em que qualquer clerigo, menos lido em profundezas historicas, entoava erros palmares em altisono berreiro patriotico; a mesma pasma-ceira popular, os mesmos commentarios pittorescos, em frente do pellote; a mesma cerimonia funebre, ainda, pelos que morreram na batalha!...

Lisboa, 24—VI—910.

Vae já longe, desbaratada pelas realidades da vida e pelos ensinamentos da verdade, qualquer espirito de crença, que porventura me tivesse ficado d'essas horas longinquas d'uma infancia feliz. Mas o que ficou no meu coração e no meu cerebro, profundamente vincado, foi um amor saudoso pelas cousas do passado n'essa terra encantadora onde nasci. Em cada monumento, em cada rua, d'uma nomenclatura tão caracteristica, se lêem paginas de historia, não já de historia méramente local, mas da mesma historia nacional, que d'alli brotou prenhede heroismo e de audacia.

Do alto da torre de menagem, esguia e ousada, do seu velho castello oito vezes secular, muitas vezes reli paginas fulgurantes da gloria da minha patria, invocando esse burgo pequeno que subia a collina de Santa Maria da Oliveira ás muralhas do Castello, d'onde havia de largar, n'um arranco terrivel, o vôo d'aguia, que estendeu a garra dominante do Minho ao Algarve! Terra de sonho e de lenda, de cujos muros vetustos surgem figuras de heroes e de santos a recordar a gloria d'um tempo, que não volta mais!

ANTONIO GUIMARÃES.



A industria do livro em Portugal

DE todas as industrias em que Portugal se tem evidenciado mais nestes ultimos tempos, occupam as artes graphicas logar proeminente, não só pelo estudo e seguimento das evoluções da arte, como tambem pelo desenvolvimento que tem adquirido muito principalmente de ha quarenta annos a esta parte.

A industria do livro cada vez vae tomando maiores proporções, avançando de uma maneira digna de elogio, e parecendo até comprovar-se, ter diminuido o numero de analphabetos, o que, diga-se em abono da verdade, já não é sem tempo.

Indubitavelmente, lê-se muito mais hoje do que se lia em meados do seculo findo, e a profusão com que o livro está espalhado por toda a parte, prova quanto o gosto pela leitura se tem propagado por este bom povo portuguez.

Ha lojas que, embora não seja essa a sua especialidade, fazem mais negocio em livros do que no seu commercio, como são as tabacarias, kiosques, bengaleiros dos theatros e até á porta de algumas tabernas, como por

exemplo, aquella da rua do Arsenal, onde um velho alfarrabista assenta os seus arraiaes, vendendo livros, juntamente com boquilhas, pentes e bujigangas diversas.

Depois, as encadernações chamam muito a attenção do transeunte.

Num livro, pode o seu conteúdo não prestar, ser completamente falho de interesse, não conter litteratura; mas apresente-se com uma capa bonita, chic, e verá como desaparece do mercado e se exgota a edição n'um instante.

O livro parece-se um pouco com aquellas mulheres que, embora não sejam bonitas, sabem vestir com elegancia, apresentando-se por essas ruas nuns requintes de distincção e desafiando os homens á conquista do supremo gozo, á illusão dos sentidos.

O livro é tambem uma illusão dos sentidos.

E, assim como a parte propriamente typographica d'um livro, depende bastante da impressão, isto é, do artista que o imprime, assim tambem estas duas dependem da outra parte annexa que se chama encadernação,



PAULINO FERREIRA

e é n'ella que está realmente o *desideratum* da acceitação ou regeição da obra.

Ainda ha pouco tempo tivemos occasião de folhear um pequeno livro impresso na typographia da Academia Real das Sciencias, em 1823, cuja impressão deixa bastante a desejar, tal é a irregularidade da tinta e pouco alceamento que tem.

Pois a encadernação em marroquim vermelho, e os *ferros* que apresenta formando desenhos caprichosos, são tudo quanto ha de mais artistico!

De maneira que, quem olha para o pequeno volume, sente ao folheal-o um grande desconsolo, e diz comsigo:

— Mal empregada encadernação!...

Ora para que uma obra sáia perfeita, repetimos, é preciso que o conjuncto typographico seja homogenio afim de que a encadernação feche depois o trabalho com chave de ouro.

Mas se a arte de encadernador já estava bastante adeantada ha 87 annos, o que fará hoje, com os machinismos e outros melhoramentos

verdadeiramente engenhosos, de que dispõe?

Quer o leitor acompanhar-nos a visitar uma das primeiras, senão a primeira officina de encadernação existente no paiz?

Estamos na Rua Nova da Trindade.

Paremos aqui em frente do n.º 82.

E' uma porta só, nem muito pequena nem muito grande.

O leitor já viu alguma vez uma colmeia?

A entrada é pequena, pequenissima mesmo, ás vezes mal se vê, mas lá dentro trabalha uma alluvião de operarias.

Pois esta porta é a entrada para a colmeia de Paulino Ferreira.

Empurre a porta, e entre.

Que vê?

Uma casa á entrada, com o seu balcão modesto, cheio de livros, uns promptos a sahir, outros em brochura ou folhas soltas, esperando a sua vez para encadernar.

Na parede da esquerda vê-se um grande quadro cheio de capas de livros de luxo, que já figuraram em diferentes exposições a que concorreu, e cujos diplomas se admiram mais abaixo e nas paredes lateraes.

Do lado direito de quem entra, uma grande *vitrine* com livros em profusão, de encadernações caprichosas a ouro, a prata, em percaline, em marroquim, de diferentes gostos e feitios; livros que nos prendem a attenção, que nos encantam, que nos obrigam

a ler os titulos nas lombadas e portadas artisticamente impressas.

Depois, segue-se um corredor enorme, com vinte a trinta metros de comprimento, todo atravancado de fardos de papel, esperando a entrada na officina de dobragem.

Em toda a extensão d'este corredor, armarios até ao tecto, cheios de pelles para as encadernações, formam grandes rolos que parecem os canudos d'um enorme orgão, cujo teclado Paulino Ferreira conhece perfeitamente.



FACHADA DA OFFICINA DE PAULINO FERREIRA



PARTE DO PESSOAL DAS OFFINAS DE PAULINO FERREIRA

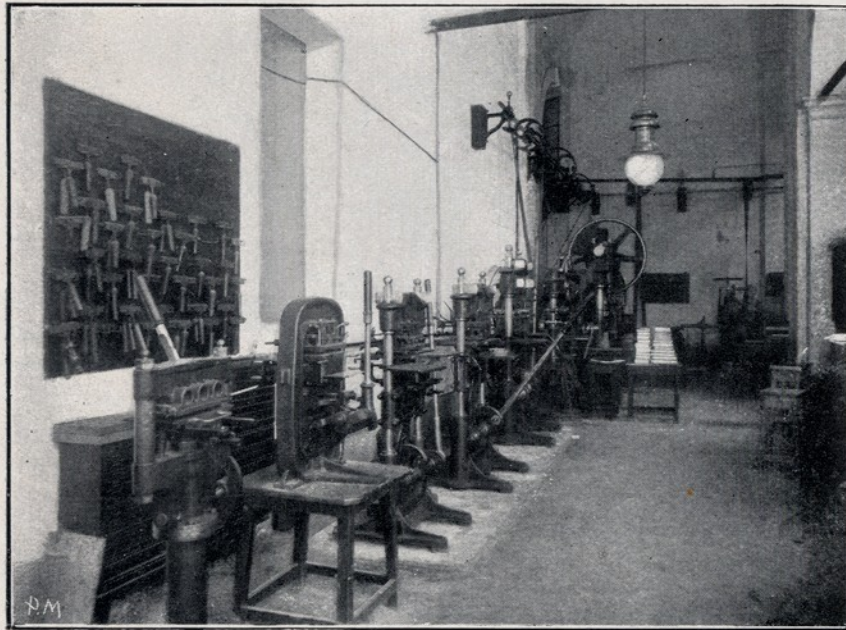
Mas não se detenha, leitor, porque vamos agora entrar na verdadeira colmeia.

peias nem empecilhos, do grande quintal que lhe fica ao lado esquerdo.

De noite, lampadas electricas, presas por cordões pendentes de tecto, lembram gotas de crystal escorrendo suavemente das alturas, e enchendo a casa d'uma claridade tal como se fosse pleno dia.

Chegando ao fundo d'esta dependencia, volta-se então para a esquerda, e encontramos na secção dos douradores.

E' tambem uma casa em nada inferior áquella de onde sahimos, e



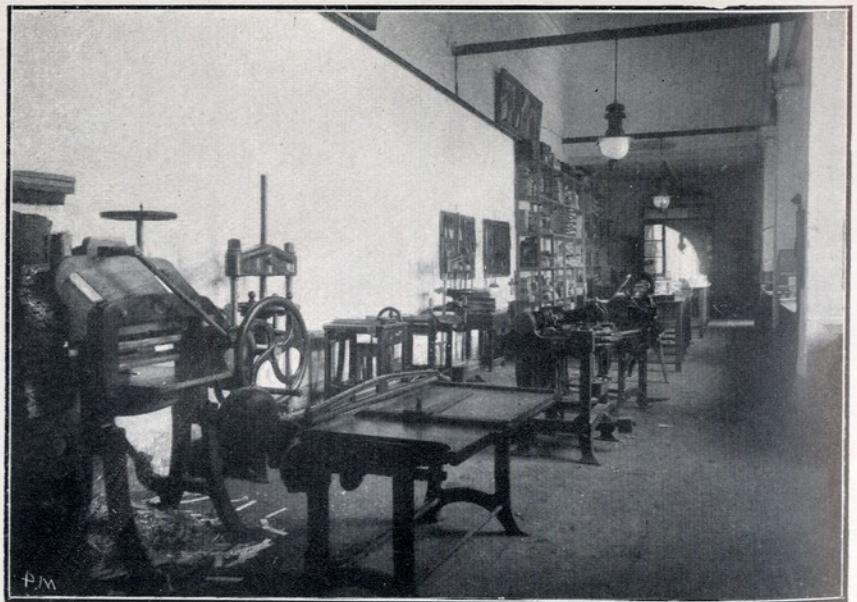
CASA DO DOURADO — UM ASPECTO

Hein!... Que me diz a esta enorme casa? Olhe que não tem menos extensão que o corredor d'onde acabamos de sair.

Mesas a todo o comprimento, apañando o centro do *atelier*, onde trabalham os operarios nos diversos misteres da manipulação do livro, prensas d'um e outro lado, guilhotinas, etc. tudo n'uma ordem inexcedível e que dão áquella casa um movimento de trabalho e de vida desusada, que nos empolga, fazendo-nos parecer que estamos visitando uma officina estrangeira.

De dia, a luz entra a jorros pelas enormes portas e janellas em arco, luz que vem desafoadamente, á vontade, sem

onde estão sete ou oito balancés de diversos tamanho, em que se imprime as capas artisticas, de côres variadas, que dão aos



OFFICINA DO CORPO D'OBRA

livros um bello aspecto e fóra do vulgar. Esqueceu-nos dizer que antes de aqui

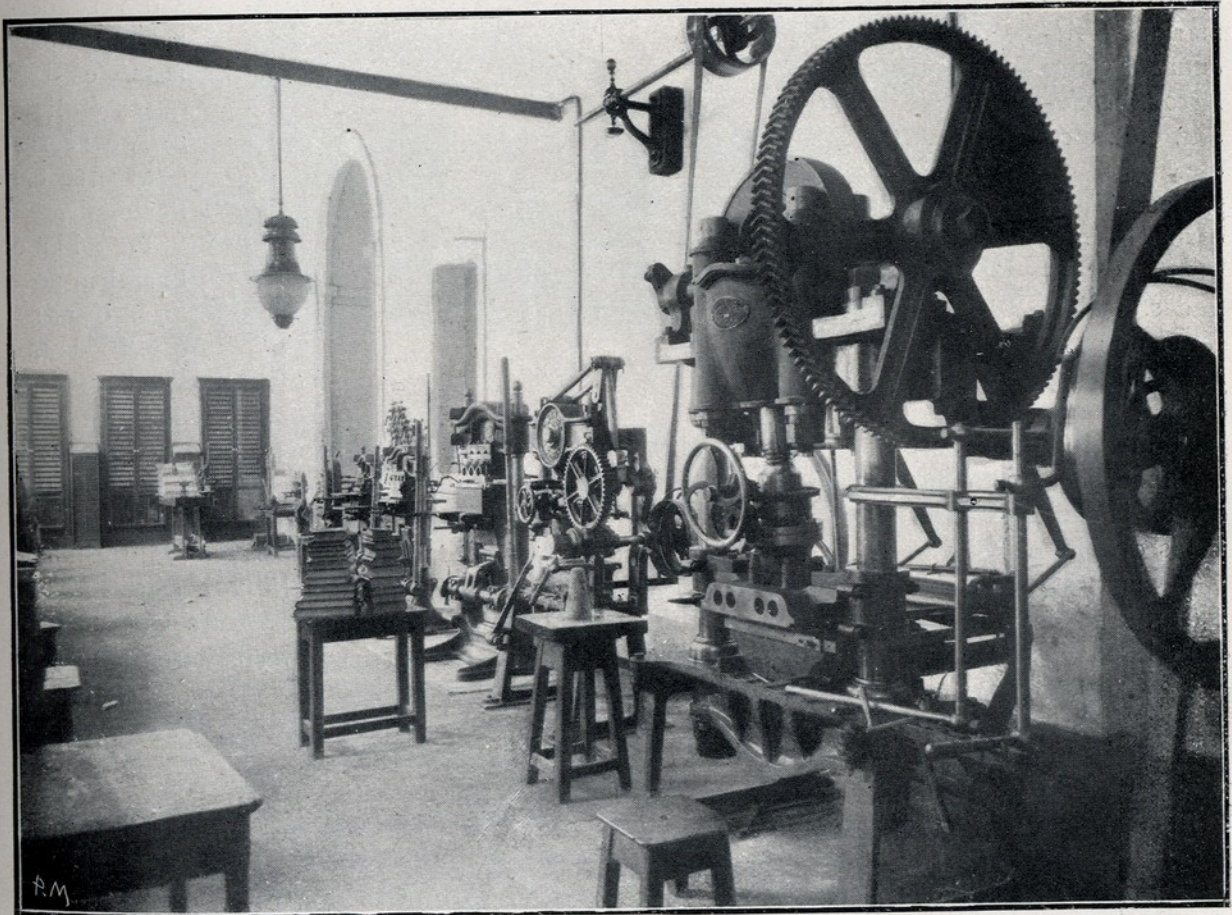
entrarmos, se vê o motor a gaz da força de cinco cavallos, e que põe em movimento tanto as guilhotinas como os balancés, o maior dos quaes difficil seria trabalhar a braço, tal é o tamanho d'elle.

A' direita da casa dos douradores, fica a secção do alçado, cuja porta enorme, rasgada até quasi ao tecto, dá claridade bastante para que os operarios possam trabalhar ainda nos dias mais escuros.

Para se não julgar que exaggeramos

em vez de voltarmos á direita o fizermos para a esquerda, encontramos então na casa da dobragem e costura dos livros, onde operarias das mais habéis dobram e cosem as folhas.

Paulino Ferreira que teve occasião de ir lá fóra ao estrangeiro estudar os melhoramentos a introduzir na sua arte, não se poupa a despezas nem a fadigas para conseguir que a sua officina seja a primeira do paiz, e vê hoje realiado esse desejo.



CASA DO DOURADO — OUTRO ASPECTO

nesta descrição, bastará dizer que todas estas dependencias, pertenciam ao extinto convento dos frades da Trindade, e por aqui se avaliará a vastidão do edificio, que era um dos maiores de Lisboa.

Onde está hoje a cervejaria, era nesse tempo o refeitório, e a parte onde Paulino Ferreira tem a casa do alçado, foi a Cappella, cujas dimensões não são inferiores ás da cervejaria.

Mas prosigamos na nossa visita :

Se ao chegarmos á casa dos douradores,

Em França, na Suissa e na Belgica teve elle ensejo de poder analysar o systema de trabalho que ali se executa na industria do livro, podendo assim adquirir novas machinas que muito o auxiliam na factura das obras de que se encarrega.

Agora mesmo acaba elle de partir novamente para Londres, Paris e Bruxellas com sem seus dois filhos, afim de verem e estudarem novos melhoramentos com que virão augmentar mais ainda o seu estabelecimento.

Mas, Paulino Ferreira açambarcou já as

principaes obras que andam ahi espalhadas por todo o paiz, como por exemplo: o *Anuario Commercial de Portugal*, cujo trabalho é de uma responsabilidade enorme; o *Almanak Laemmert*, obra destinada ao Brazil e tambem de grandes encargos materiaes; os *Serões*; os *Livros de leitura* para as escolas primarias; o *Album das Casas Recommendadas*, etc., etc., etc.

Seus filhos, que lhe seguem as piugadas, trabalham no mesmo genero, é claro, e são portanto os continuadores d'esta grande obra de aperfeiçoamento da arte de encadernar, sendo já hoje considerados como dois artistas distinctos.

Além d'isto, a sua papelaria na rua Augusta, 220 e 222, é uma especie de succursal, onde se recebem encomendas que

elle satisfaz com uma promptidão inexcedivel.

Esta casa, que foi ultimamente reformada, é ampliada com o primeiro andar de que Paulino Ferreira faz exposição permanente de objectos religiosos e artigos do culto, tendo uma variedade enorme de esculpturas que são verdadeiras obras primas, e das quaes é elle o unico representante em Portugal.

Paulino Ferreira possui o raro condão de atrahir a si aquelles que

com elle privam, não só pela sua conversação agradável, como tambem pelo seu caracter franco, obsequiador e honesto; o bastante para que os seus freguezes o estimem e respeitem, vendo nelle o homem activo e trabalhador, predicados estes que tornam Paulino Ferreira um verdadeiro industrial.



CASA DO ALÇADO E BROCHURA

RICARDO DE SOUZA.





O respeito devido á mulher

O casamento nos diversos povos e perante a historia

(Continuação)

VIII

Em toda a Asia, a mulher é considerada como um ser inferior. Segundo os Livros Santos da India, Manu deu em partilha ás mulheres o amor do seu leito e dos adornos, a concupiscencia, a colera, as más inclinações, os maus desejos, a perversidade. Tambem assim pensou Proudhon, e como isto é injusto se se pensa que o depravador da mulher, hoje, como sempre, tem sido o homem, que a deixa na ignorancia e na escravidão, prohibindo-lhe os estimulos moraes, fingindo-se seu respeitador para a ludibriar...

Pela concepção de Manu, na India, as mulheres devem ser constantemente vigiadas, por serem incapazes de brio e honestidade. Que admira se aos seres humilhados não resta o inquebrantavel estimulo da dignidade humana!

Perante a lei judaica, as mulheres, os escravos e as creanças são indignos de estudar a lei santa, e Mahomet ensinou que um homem vale duas mulheres e que uma mulher vale dois escravos. Fôrça da logica! Quem negará hoje aos que fôram escravos as qualidades potenciaes de homens! E se

para Mahomet o escravo valia ainda menos que a mulher, é que esta era menos escravizada.

Liberte-se pela educação a mulher, como se libertaram os escravos, e a especie humana terá n'ella a base da sociedade familiar, o órgão funcional da moralidade, da resignação e do trabalho tranquillo.

Pensam os mahometanos que a mulher com effeito tem uma alma espiritual como elles a attribuem á humanidade, mas uma alma inferior, indigna de entrar no paraíso.

E' ainda esta a concepção dos chinezes. Os missionarios europeus não puderam convencer-os de que a alma da mulher fôsse immortal.

E com effeito se a immortalidade consiste na consagração dos grandes feitos, que logar ha n'esse ambito indefinido dos grandes espiritos para a obscuridade da mulher...

Quem sabe o vosso nome, oh mães de Tasso ou Dante!...

Além d'isso, um facto ha importante que marca a persistente depressão da mulher no oriente. E' a polygamia.

O homem, poderoso, não fôrma sociedade

conjugal com a mulher, que domina. A mulher, fraca, não se pôde oppôr ao vicio do homem, obedece. O homem, se pôde manter mais que uma mulher, faz-se polygamo; o Estado não lh'o prohibe, porque só quer o augmento da população, e a mulher, até perante a religião, não é igual ao homem.

IX

Não é pois a polygamia uma questão de clima, como pensou Montesquieu, porque em todos os climas tem ella existido; é uma manifestação do estado social e de determinismo biologico.

Os legisladores que ainda na Asia estabeleceram as leis mais puras e mais santas, Zoroastro e Moysés, transigiram com a polygamia, esse regimen de aviltamento da especie.

Tem-se pensado que a polygamia se explica pelo excesso de população feminina, como na Batavia, onde nasce um varão para dez mulheres. Mas a polygamia encontra-se entre os indios das duas Americas, nos tartaros das duas Russias, nos gêlos do Kamtschatka, na região dos tropicos, em todos os povos emfim, independentemente do clima, onde exista o regimen patriarchal ou despotico.

Demais, a polygamia no Oriente, se é um regimen legal, nem sempre é um facto, ou por deficiencia de mulheres ou pela pobreza dos homens. Entre os mussulmanos, apenas um por cento dos homens tem duas mulheres. Só nas grandes capitaes, onde a riqueza se agglomera, é que existem os ricos harens, para onde são arrastadas mulheres de todos os pontos da Asia, e até isto explica em certas regiões a deficiencia de mulheres e por isso a polyandria.

Nos povos das steppes da Tartaria ou das montanhas do Himalaya e do Caucaso, onde a belleza das mulheres provoca a procura dos harens, os homens da mesma familia tem uma só mulher, escrava polyandrica, por não haver na tribu bastantes individuos do seu sexo.

E' uma anomalia regressiva ao estado primitivo do matriarchado.

A polygamia, pois, não é uma questão de

clima, é como a escravidão da mulher e a falta da liberdade politica o resultado d'um estado social primitivo. E se no Oriente ha polygamia, é porque tambem lá subsiste o despotismo.

X

No Egypto, no emtanto, desde os primitivos tempos que a mulher foi tida em grande estimação. Lá as mulheres não fôram escravas mas as companheiras de seus maridos; apresentavam-se livremente em publico e gosavam d'uma grande independencia de acção.

D'ahi a existencia da rainha Hatasu, filha de Thothmes I. Nitocris, da sexta dynastia de Maneton, governou o Egypto como unica rainha, e Sabak-nefru-ra, esposa de Amenemhat IV, reinou durante alguns annos. A consideração, porém, que mereceu a mulher aos egypcios não desdiz o principio da fôrça bruta, que regulou as primitivas relações sociaes do patriarchado e do cesarismo. A mulher no Egypto foi respeitada precisamente pelas suas qualidades de fôrça. A idéa moral e abstracta do respeito pelas individualidades, pelas mulheres e pelas creanças indefesas, só havia de apparecer com o desenvolvimento do cerebro humano que, adstricto a idéas geraes, cresceu pela fixação lenta dos habitos e pela evolução das concepções singulares, até esse pantheismo sentimental do Bem.

A posição occupada pela rainha do Egypto Hatasu, explica-se pelo facto de seu pae haver deixado como herdeiro do throno o mais velho de seus dois filhos, Thothmes-Nefer-Sham, ou Thothmes II, de caracter affavel mas debil. E sua irmã Hatasu era mulher de grande energia, varonil, intelligente, emprehendedora, vingativa e pouco escrupulosa. Casou com seu irmão, como era permitido, dominou-o e governou o Egypto (Rawlinson).

XI

O municipalismo das cidades gregas explica o estado da mulher n'essa phase social, estado bem differente do periodo heroico e patriarchal, em que o espirito grego,



MATRONA ROMANA

amante do bello, se comprazia na contempção plastica da mulher.

Mas as luctas politicas da Grecia alhearam os cidadãos do recinto do Lar, e a mulher lá ficou, ignorada, menos escrava do que o ilota, por amor da maternidade grega.

Nas cidades gregas, os negocios públicos e particulares debatiam-se perante a assembléa popular. O cidadão não vivia em casa, estava na assembléa, na praça publica.

Ao contrario, a mulher, que não tinha direitos politicos, porque não tinha sido elemento de fôrça na conquista do territorio e da liberdade, essa não podia sahir de casa, com o espirito entibiado pelo abandono do homem.

Não pôde ser organica a familia onde os sexos se não conjuntam, e se o cidadão grego teve uma comprehensão organica do municipio, não pôde realisar grandes idéas politicas porque lhe faltava a integração da mulher na familia organica e por isso no Estado.

Tal é a principal razão da rapida decadencia da Grecia.

Em Sparta, matava-se a mulher maldita que não promettia ao Estado um soldado vigoroso. Quando uma mulher era fecunda, podia ser emprestada pelo marido para dar ao Estado filhos d'outro pae!

Os gregos ainda estavam perto da civilização hindú, cujos livros santos asseveram que as mulheres são peores que a morte, que o inferno, que o veneno e que as serpentes. A falta de liberdade e de instrucção na mulher reduz-a a simples femea, ao abandono lascivo. D'ahi a desconfiança do homem. Ha muitos seculos que o homem procura tornar honesta a mulher — prendendo-a e escravizando-a; conseguirá o que deseja — libertando-a e educando-a.

XII

Vivia o grego na praça publica, a mulher ficava tristemente desprezada no gineceu, onde só podia ser vista pelos parentes mais proximos! Só em casos raros e previstos pela lei a mulher podia ser vista em publico. Esta desconfiança pela mulher manifesta-se depois e notavelmente entre os mu-

sulmanos. E afinal nunca se pensou em educar a mulher, desvolvendo-lhe os instinctos de dignidadê. Prefere-se isolal-a a tornal-a forte e briosa pela educação. A mulher moderna ainda hoje se recente d'esta educação tradicional, e por isso vive de exterioridades, de impressões, porque nunca a habituaram a estudar reflectidamente os problemas da vida. E' uma das mais deploraveis iniquidades na historia do egoismo humano, afinal explicavel pelas conquistas biologicas da Especie. E' assim que a lucta vital sempre se tem manifestado. Que infinda lucta não é essa, a do escravo que passa para servo da gleba, para proletario, e que reivindica o seu definitivo logar conquistado na integração organica do Estado democratico?



IMPERATRIZ DE BIZANCIO

Sem a assistencia do homem, alheado na praça publica, na Grecia desapareceu a vida domestica, e o casamento assim, sem attractivos, passou a ser para os gregos um encargo pesado, apenas supportavel em nome do interesse do Estado para a procreação dos filhos. Só por obrigação legal é que o grego se casava. N'esta situação dos espiritos, comprehende-se o regimen manogamo do casamento grego: De mulher o *quantum satis*...

Para verificação de que este estado familiar se explica pela absorção politica do cidadão, basta recordar a consideração dos gregos no periodo heroico pela mulher.

Nos tempos homericos, não ha homem honesto e sensato que não ame e não honre a mulher. «Não ha nenhum bem tão precioso, diz Achilles, como a união conjugal em que reine a concordia e o amor reciproco».

Mas estes factos não envolvem nenhuma efficaz conquista do individualismo feminista, a mulher é amada por esse espirito artistico do grego, que a esqueceu mais tarde pelos encantos das luctas politicas.

Tal é a razão por que a mulher grega não manteve a situação carinhosa do periodo heroico.

XIII

Demais, é incontestavel que o grego considerou sempre a mulher um ser inferior, mas linda para o amor e para a estatuaria.

Nunca pensou o grego na conveniente educação da mulher.

Na *Iliada*, os velhos troianos cujos filhos tinham morrido n'uma longa e cruel guerra declaram ao ver passar Helena, a linda grega encantada de Paris, que comprehendem como por uma tal mulher se tenha supportado uma tremenda guerra de dez annos.

E' ainda este o sentimento que levou Jacob a servir como escravo quatorze annos o pae da sua amada, para havel-a. Mas este sentimento de amor pela mulher, commum aos povos sentimentaes, tem sido porventura a causa do atraso na evolução feminista, porque o homem no seu amor lascivo, egoista e feroz pela mulher, isola-a, clausura-a, brutalisa-a até, para a possuir n'uma passividade animal que afinal bem pouco deve lisonjear a sua intellectualidade reflectida.

Muitos são os exemplos da admiração dos gregos primitivos pela belleza da mulher.

No nono canto da *Iliada*, Paris e Menelau, rivaes em amor e adversarios nos combates, empenham-se n'uma lucta, cujo premio será Helena. Esta vem á trincheira para ver Paris, o cobarde que abusa da hospitalidade, e para ver tambem o seu antigo esposo Menelau. Helena encontra Priamo, e a vista da formosa mulher não irrita o velho pae, apesar de ser ella a causa da invasão dos gregos em terras de Troia, apesar de ser por ella que durante nove longos annos os troianos soffreram os flagellos da guerra e viram perecer a flôr da sua mocidade e a esperança da patria; por ella um dos seus filhos vae arriscar a vida n'uma lucta desigual. Pois tantas desgraças não encolerisam o velho contra Helena. «Vem, diz Priamo a Helena, assenta-te junto a mim, minha querida filha, vê teu antigo esposo e teus parentes; não é a ti que eu accuso de tantos infortunios, mas aos deuses que excitaram contra mim esta guerra, origem de tantas lagrimas.» A admiração do velho pela belleza da mulher, o desprezo pela sua individualidade psychologica e determinante!

Além d'isso, Menelau, o marido offendido, tambem não toma em muita conta as res-

ponsabilidades da estonteada e ignorante Helena, quando, depois da queda de Troia, recebe benignamente a esposa infiel.

XIV

A educação das mulheres foi muito desprezada na Grecia. Nasciam, viviam e morriam no gineceu, estioladas na funcção exclusiva e material da procreação. Nem a educação dos filhos lhes era attribuida. E afinal tantos seculos volvidos para ainda ser hoje a mulher, para muitos homens, um objecto miseravel de recreação libidinosa, estatelada nos cochins de brutalissimos nababos.

Ao contrario da mulher, o atheniense recebia uma educação liberal. Conhecia a litteratura e a arte dos genios hellenicos; lia assistia ás representações dos theatros e ás discussões philosophicas. A' mulher só se lhe impunha este movimento regressivo do espirito:— não devia falar, nem ouvir, e devia ser vista o menos possivel. Nenhuma virtude podia ter a mulher grega, n'este estado negativo em que a collocavam, pois que o seu unico ambito de acção era a quietude em casa, a obediencia a seus paes ou a seu marido. Sabia no emtanto cantar e dançar, para poder tomar logar nos côros no dia em que uma festa religiosa lhe permittisse sahir do gineceu, esse logar de eterna clausura da mulher grega.

A civilização grega abriu um profundo abysmo entre a mulher e o homem. Este quanto mais se educava mais se distanciava da mulher, immobilizada na ignorancia. . . Dir-se-ha que temos progredido muito pelo que respeita á educação da mulher? . . . Responda a leviandade feminina que cacareja nébias junto do homem moderno nobilitado pelo trabalho.

XV

Mas na Grecia tambem houve as cortezãs, que, livres das obrigações domesticas, se podiam relacionar livremente com os homens e tomar parte nos seus divertimentos e trabalhos. Applicavam-se aos altos estudos e proporcionavam á sociedade grega esse fino prazer intellectual de que os gregos eram tão ávidos e que não po-



RAINHA FRANCA

diam ter junto as suas irmãs e a suas mulheres (1).

As cortezãs representaram um papel brilhante na sociedade grega, mas, como excepção que eram, não teem importancia para o nosso estudo.

Os gregos mantiveram sempre a mulher sob tutela, não lhe reconheciam capacidade juridica. Esta dependia da força athletica, e a mulher, physicamente debil, não tinha titulos para tanto.

O proprio Aristoteles explicava que «o escravo não tem vontade; a creança teem-na incompleta e a mulher impotente».

A escolha de marido não era feita pela mulher; o tutor dispunha da sua mão.

Necessario é porém reconhecer que, entre os gregos, a familia foi menos viciosa que na India e que na Judéa. O gineceu na Grecia não era o harem. A incapacidade da mulher tinha-a sob tutela para a defender, como no direito moderno acontece aos menores. Na Grecia, o patrimonio da mulher era inviolavel, e a monogamia e o dote são pois factos differenciaes da civilisação hellenica, esse poderoso elo do cultismo humano que tanto foi influir na civilisação romana, e depois no mundo moderno.

Nós julgamos que vivemos sob a acção do nosso livre arbitrio; mas a verdade é que somos influenciados pelo meio.

(1) As *helairas*, na Grecia, eram mulheres muito illustradas, relacionadas com os legisladores, poetas, historiadore e oradores da época. Tambem na India as cortezãs eram as unicas mulheres educadas, como diz Dubois. E' que no regimen da escravidão da mulher legitima, esta não podia educar-se.

A polygamia existiu no Egypto e, em virtude da commodidade, primitiva, o casamento entre irmãos e primos. Na India tambem existiu a polygamia, mas lá a mulher era respeitada. «Não batas n'uma mulher... nem mesmo com uma flôr». Mas ella não entrava no leito sem saudar respeitosamente os pés de seu marido. Entre os gaulezes, parece que tambem existiu a polygamia.

Em Lacedemonia, a consideração do homem estava na proporção do numero de filhos. Em Sparta, pelas leis de Lycurgo, os homens dormiam uns com os outros, ao ar livre, e só a occultas se encontravam com suas mulheres, para não serem apupados; os filhos estavam a cargo da cidade, educados em commum; os mais debeis eram abandonados ou mortos.

XVI

O espirito grego, representado pela classe privilegiada dos eruditos, culminantemente especulativo, sem o estímulo da grande industria, abateu naturalmente a mulher que não pôde acompanhar o espirito de synthese do homem hellenico, e foi considerada um animal inferior, como os ilotas. O mundo romano, recebendo dos gregos a monogamia, restringiu á mulher a faculdade de haver patrimonio e dote, porque, em Roma, tambem não se chegou á concepção da fraternidade humana, e não era o cidadão que fazia a propriedade, antes era esta que fazia o cidadão. A propriedade, em Roma, era parte integrante da personalidade juridica do cidadão. Mas a propriedade só era attribuida aos que nas conquistas do territorio, pelas armas, se tornavam grandes. D'aqui a negação de personalidade juridica á mulher, porque não lhe era attribuida a propriedade da terra.

Foram precisos muitos annos ainda para que a idéa moral do individuo fosse um principio democratisante. Os principios do Christianismo, até esses, atravessaram retrahidos o longo periodo medieval e da renascença, até o apparecimento do espirito revolucionario do nosso tempo, que se prepara seguramente para grandes conquistas de fraternidade e de paz. Hoje a ninguem é negado o direito ao trabalho livre.



A AMA FRANCA

XVII

Vem o mundo romano da civilisação grega. Vieram diversos povos para a Italia, — da Hespanha os iberos, da Gallia os liguros e celtas, dos grandes Alpes os etruscos, dos Alpes Julianos os venetos, da costa oriental do Adriatico e do Peloponeso os ilirios e pelasgios, da Grecia, e mui numerosos, esses hellenos que na Italia meridional formaram a grande Grecia; da Asia Maior vieram os pelasgos lidios, e das costas da Syria e da Africa as colonias do Tiro e Carthago. Micali filia a cultura etrusca em Italia na cultura oridental e egypciaca.

Mas certo é que em meio de tantos povos se levantou Roma com suas leis e religião, e a cidade de Romulo foi pouco e pouco conquistando a hegemonia da Italia, cortada de valles, e do mundo antigo, tão vasto e fragmentado.

A colonização grega effectiva e preponderante na Italia começa no seculo VIII antes de Christo. Os calcidios fundam Cumas.

Na Italia, como em toda a Europa, nos primordios da civilização, vingaram as formas theocraticas vindas da Asia. E' este um periodo de guerreiros e ao mesmo tempo de sacerdotes. Isto explica o abatimento do individualismo feminino.

Os antigos povos, pastores ou agricultores, sempre foram guerreiros, sempre n'elles a força material imperava, e n'elles, judeus ou arabes, celtas da Escocia ou da Irlanda, indigenas do Lacio ou da Sabina, a familia é o primeiro elemento da sociedade, mas sob a auctoridade patriarchal do chefe como Abraham, guerreiro e sacerdote.

XVIII

Em Roma, todos os direitos vinham da familia; os chefes eram os *Patres* (paes) e os *patricii*; a propriedade era o *patrimonio* (officio do pae); a patria a propriedade commum (*res patria*). A brogenitura no entanto não foi conhecida em Roma. A familia é constituida pelos *clientes*, por todos quantos na guerra e na paz ajudavam o *Pater*, como os *comites* germanicos, os *soldurii* dos aquitanos, os membros dos *clans* na Escocia. O patronato romano (*patrocinium*), como o patriciado, é uma lei de organização das sociedades primitivas.

A existencia da plebe é commum ás civilizações guerreiras. O cidadão era o aristocrata, o vencedor, o possuidor da terra. Até na Etruria, apesar do desenvolvimento da riqueza mobiliaria, só a propriedade da terra nobilitava. A posse da terra era, como na Edade-Média, o symbolo do poder e o proprio poder. Os clientes, os que a trabalhavam, eram da familia. A principio deu-se a democracia dentro da aristocracia dos pos-

suidores da terra. Esta era dividida igualmente. Os hebreus, antes de terem parte na *terra promettida*, foram todos eguaes, filhos do povo de Deus. Mas depois a propriedade passou a representar o trabalho accumulado e não uma distribuição, e d'ahi veiu a desigualdade.

A religião attribuiu á propriedade um character sagrado, protegida pelo deus *Terminus*; o furto é um crime e um peccado.

Assim os aristocratas da propriedade (*gentes patricium*) viviam no *pomerium*, o recinto sagrado do lar; os plebeus e os estrangeiros ficavam *extrapomerium*, fóra da cidade politica.

Mas nem sempre era a plebe pacifica; junto dos estados aristocraticos existiram sempre orlas indomitas, como os *autlaws*, os heroes dos tempos barbaros, elementos individualistas que tendem a desagregar o poder absoluto do Estado. Romulo, expulso da casa patria de Alba, era um *condottiere*.



DAMA ALLEMAN

XIX

Emquanto a propriedade assim se ia esbelecendo em favor dos mais fortes, a religião adquiriria um accentuado character moral. Vesta, a virgem immaculada, a *Agni del Veda* da Asia, era a padroeira do lugar domestico e do lugar público; os Penates protegiam a familia, velavam pela paz do lar; a deusa Fidelidade fecundava a terra e as uniões conjugaes, apesar de

sempre virgem. E' já a concepção christã da mulher virgem.

N'este ponto de vista, ha um grande progresso do mundo romano sobre o grego. Os deuses italianos, guardas da propriedade, da fé conjugal e da justiça, protectores da agricultura, presidem ás acções dos homenss. Esta concepção é contrária ao philosophismo grego, mas na prática é um melhor elemento de progresso moral. O Olympo romano não é brilhante como o grego, nem mysterioso como o do Egypto ou da India.

Em Roma, tudo está sob a égide da religião. Cada cidade, cada familia, cada homem, honra o seu deus, o genio protector (Lares, Penates). E' ainda hoje uma tradição romana a devoção dos santos, advoga-

à mulher se deveram esses carâcteres austeros que se formaram no Lar, sob a vigilância da mãe, exemplo de trabalho, de fidelidade e de honra. Vesta representa o espirito bom e protector da mulher.

Como a lei romana queria a conservação

dos patrimonios, e a mulher era o elemento movel pelo casamento, esta não tinha patrimonio, pelo que estava sempre sob tutela, porque, em Roma, quem não tivesse propriedade não tinha personalidade juridica, não era pessoa, na familia e no Estado.

(Continúa.)

CARNEIRO DE MOURA.



Cave Amore

(Trad. de Claudino Popelin)

*Logo que a sympathia, em seus paços dourados,
embla os corações nas asas feiticeiras,
a amizade e o amor, curvando as altaneiras
palmas, deixam cahir seus fructos matisados.*

*Mas quantos ficam logo a principio embriagados
às pervineas preferindo as fataes dormideiras,
e as vertentes do Amor coalhadas de geleiras
à bemdita amizade em seus valles sagrados!*

*E na manhan da vida, embarcam satisfeitos
dos sonhos sobre o mar... mas quando o sol desmaia
seus corpos nús, na areia, extiram-se desfeitos...*

*O amor somente dá cadaveres á praia.
Ai quantos eu não vi, da vida sobre o mar,
naufragos da ventura, á tóna, a fluctuar...*

J. Regalla.

dos de varios males, e dos Anjos da Guarda, nos povos do Occidente catholico.

Os Lares eram os genios da Familia; os Manes os dos seres que se haviam perdido.

Duas palavras designavam para o romano todas as virtudes — *vistus* e *pietas*; o valor e a firmeza; a paciencia no trabalho, o respeito aos deuses, aos antepassados, á patria e á familia, ás leis e á disciplina. «Nas sciencias e nas letras vencem-nos os gregos—dizia Cicero—mas ha em nossos usos e em nossa conducta mais ordem e dignidade.»

Com effeito, a vida doméstica era em Roma simples e austera, sem luxo e sem ociosidade; o chefe trabalhava com os creados, a sua mulher com as creadas. Como Bertha, a fiandeira, a rainha Tanaquil e Lucrecia davam o exemplo do trabalho ás matronas romanas.

XX

Os romanos, mais trabalhadorse que os gregos, não passavam o tempo na praça pública, abandonando a familia.

Viviam nas casas, honravam-se de ser lavradores; só vinham a Roma em dias de mercado ou de comicio. Não perdiam o tempo. Se a estação não permittia a sahida para o campo, trabalhavam em casa, limpando os estábulos, compondo as alfaias agricolas; as mulheres concertavam a roupa do marido e dos filhos. Os dias de festa ainda eram aproveitados para ir vender azeite e fructos á cidade. Não permittiu Catão que os deveres religiosos fôsem estôrvo para o trabalho. «O pae de familia, dizia este, deve fazer dinheiro de tudo e não perder nada.» E este conselho só era para o pae de familia porque só elle existe n'ella: mulher, filhos, clientes, servos, tudo são coisas, instrumentos de trabalho, individuos sem vontade nem nome, sujeitos á omnipotencia do *Pater-familias*. Só este cumpre os *sacra privata*, dispõe das forças e das vidas dos seus escravos; como espôso pode condemnar á morte a mulher se viola a fé jurada, e não lhe deve a religião do luto nem a saudade da ausencia. Pode matar os filhos disformes, e vender os válidos até três vezes.

Consules ou senadores pedem ser arrancados pelo poder paternal da tribuna ou da curia, para morrer, como o senador cúmplice de Catilina, que foi morto pelo seu proprio pae.

Aqui, se ainda ha a notar a eclosão da força individual nos escravos e na mulher, porque a civilisação não se faz d'um jacto, ha no entanto um progresso — o amor pelo trabalho e a cohesão familiar, pôsto que despotica.

Mas o espirito romano não pôde elevar-se além da criação auctoritaria do *Pater-familias*, com uma personalidade juridica absorvente, apenas attenuada a principio pelos preceitos da religião, depois pela influencia parallela da cidade e mais tarde pelo poder cesarico dos imperadores.

XXI



DAMA NORMANDA

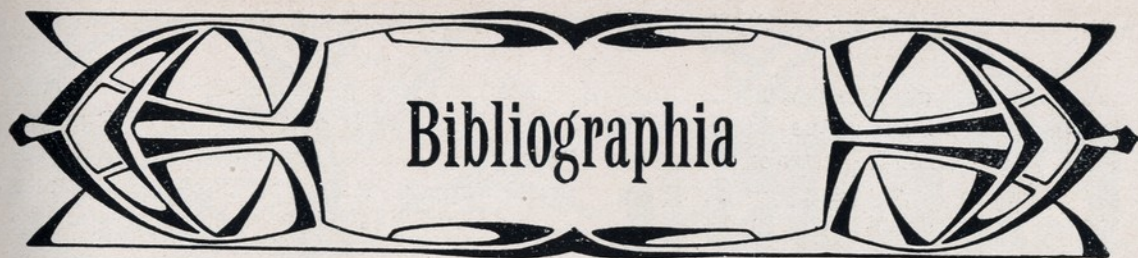
A cohesão familiar e o amor ao trabalho explicam a grandeza e perduração do povo romano, mas tambem d'alli veiu a usura, um vicio tão proprio dos povos agricultores. Este contracto fazia-se a 12, 15 ou a 20 ⁰/₀, e a lei entregava ao credor liberdade, os bens e até a vida do devedor insolvente.

As curias não accetavam, no entanto, aos chefes de familia os testamentos pelos quaes os patrimonios teriam de sahir das familias. No regimen do individualismo agrario comprehendia-se isto; era a sua defesa. Por isso os romanos não

receberam dos gregos o principio do dote e patrimonio para as mulheres. Este exclusivo passou para o Feudalismo, e acabou entre nós pela extincção dos morgados. Foram necessarios 27 seculos para esta conquista do individualismo. Como é lento o caminhar da civilisação se o comparâmos com a celeridade da vida do homem!

Não se deve porém concluir d'este abatimento secular da mulher que ella deixou de representar um elemento poderoso na civilisação através dos seculos.

No regimen patriarchal, foi a mulher a inspiradora do senso moral e religioso; depois, entre os gregos, clausurada no gineceu, foi para os filhos que educava o exemplo vivo da resignação e do amor. Em Roma,



Bibliographia

Ignez de Castro e Pedro o Crú. — O sr. M. Vieira Natividade, escriptor erudito e dotado de um fino espirito de investigação e de erudição, acaba de publicar um livro subidamente interessante. Tem essa obra, de grande alcance historico e archeologico, por titulo *Ignez de Castro e Pedro o Cru perante a iconographia dos seus tumulos*. Com uma grande paciencia e sagacidade o auctor dá-se ao trabalho de reconstruir a melhor e mais interessante parte da vida dos dois amantes pelo exame da sua iconographia. O texto vem cheio de photographias altamente elucidativas e extremamente artisticas tiradas pelo sr. Antonio Natividade, que honram tanto a sua arte como o trabalho que illustram.

Estrella cadente. — São versos dos vinte annos, de Vaz Passos, um rapaz entusiasta, de estro inspirado, com aspirações elevadas e cantando, como a cotovia, a alvorada da sua existencia.

Outonaes. — Um repositorio de poesias sentidas, de Raul do Valle, que os leitores dos *Serões* conhecem já pelas diversas producções suas insertas n'esta publicação. E' um vate de merecimento que affirma mais uma vez o seu valor n'este livro.

Terra a terra. — O sr. Raul de Azevedo, escriptor de estylo facil e elegante, lembrou-se de publicar uma série de episó-

dios, de factos, de observações que teve occasião de analisar no decorrer da sua vida. E' o seu jornal. E' um archivo interessante, com muitas notas espirituosas e aflorando assumptos que se lêem com prazer.

Canções do Norte. — E' um livro de versos que nos chega de Manaus, firmado pelo sr. Theodoro Rodrigues. O poeta em frente da natureza, pujante e magestosa, dedilha a lyra e deixa correr o estro á mercê da sua inspiração. As suas poesias revelam que sentiu o que escreveu e que sabe escrever o que sentiu.

Carteira de um africanista. — O major de engenharia Henrique Barahona, escriptor brilhante e colonial prestimoso, publicou com o titulo acima designado uma separata da *Revista de Engenharia Militar*, muito curiosa e importante, sobre as fortalezas da Guiné e da Africa Oriental. E' um trabalho de valor, onde á parte historica se allia uma exposição clara, methodica e attrahente.

Uma lenda do seculo XII. — O sr. barão das Lages (Luiz), aproveitou e desenvolveu com arte uma lenda baseada n'uma tragedia succedida no solar da Juncosa, ao norte d'Entre-os-Rios, a quatorze kilometros da estação de Cette. E' um livrinho attrahente que se lê de um fôlego.

Numerosas celebridades
clínicas e medicas de todos
os paizes, recomen-
dam muitissimo a

Somatose

de cujos effeitos estimulantes,
lónicos e reconstituintes do sys-
tema nervoso formaram um juizo
altamente favoravel.
Vende-se em pó ou liquida
nas pharmacias e drogarias.



Senhoras em evidencia

Musica

Cada dia, no nosso restricto meio, mais se vae alargando o circulo dos eleitos da Arte, dos que attingem a perfeição consciente no culto do Bello. Na pintura, como na musica, a mulher portugueza vem de ha pouco firmando, d'uma maneira inilludivel, um logar de destaque.

A illustre senhora que hoje ennobrece as paginas d'esta publicação, Mademoiselle Felicidade da Costa Pereira, é, na divina arte da harmonia dos sons, um dos mais promettedores talentos da actual geração portugueza de *virtuosos*. Discipula do grande mestre portuguez, que é Rey Collaço, que n'ella encontrou a sua discipula predilecta, Mademoiselle Felicidade da Costa Pereira causou o assombro de quantos tiveram a ventura de escutal-a, n'um concerto ha pouco realizado no Conservatorio, e em que collaboraram o seu illustre professor e Madame Kendal. Quem assim sabe interpretar, tão commovidamente, os mais transcendentés e perfectos trechos dos mestres da Arte, tem marcado um logar de evidente realce entre os artistas da nossa terra.

Estas palavras não são, sómente, um rapido e justo elogio a quem o merece; são tambem um incentivo aos que iniciam a sua carreira para que não esmoreçam e sigam as pisadas d'aquella illustre dama que acaba de consa-

grar-se para o nosso acanhado mas intelligente meio artistico. Um povo tanto mais sóbe na craveira da civilização, quanto mais no seu seio se estende, se alastra o culto das manifestações artisticas. Portugal não é um paiz que desdenhe as bellezas da Arte musical. Muito pelo contrario a terra de Marcos Portugal foi sempre campo fertil dos melhores cultores da divina arte de Mozart. Isto nos defende e compensa de muita miseria nacional.

Mademoiselle Felicidade da Costa Pereira entrou definitivamente na limitada fleira dos consagrados.

Poesia

A illustre senhora, que subscrive o formoso volume que temos presente, faz com as *Glycinias*, a sua estreia no mundo das letras, estreia auspiciosa e promettedora, que revela um finissimo espirito, susceptivel de exteriorizar nas fórmulas mais caprichosas e na inspiração mais forte e elevada.

Depara-se-nos imagens formosissimas, fórmulas originaes e conceituosas e, sobre tudo, um destaque de verdade que commove e deleita quem os lê. E' a synthetisação mais completa das qualidades d'uma alma, o sentimento posto na fórmula caprichosa do verso com toda a belleza d'uma manifestação sincera, sem os relevos do artificio, sem a manifestação exclusiva da arte.

A poesia puramente subjectiva é por vezes fastidienta. O *eu* demasiadamente batido na leitura d'um volume é extremamente fatigante. E, de resto, hoje a poesia objectiva domina



MADemoiselle FELICIDADE COSTA PEREIRA

todas as almas que sabem sentir, que sabem impressionar-se deante das alegrias ou das dôres que passam na peregrinação da vida. E' por isso talvez, que uma das poesias que mais nos impressionam no volume da distincta poetisa, é a que se intitula *Alma soffredôra*, que revela uma magua sentida das dôres hu-



D. LUTHGARDA GUIMARÃES DE CAIRES

manas, uma alma que não pôde vêr passar, na estrada dolorosa da vida, quem chôre a magua immensa do soffrimento do viver.

*Mulheres que passaes, offegantes, anciosas,
De olhar vago e turbado,
Ganhando o duro pão em lides trabalhosas
De tronco derreado ;*

.....
*A todas que a miseria ao desalento leva
Almas abandonadas,
Eu quereria ainda illuminar a treva,
Em que estaes mergulhadas.*

.....
*E assim olhando a cruz, serenas, sem temor,
Vos lembrareis até
Que a doce mãe de Deus, alcançada de dôr,
Nunca perdeu a fé.*

De resto o elegante volume que uma formosíssima capa ornamenta, contém poesias de muito valôr. Destacaremos: *A lenda de Guómar*, *Noite de Natal*, e o formoso soneto *Infante Santo*.

D. Luthgarda Guimarães de Caires é, mostra-o o presente volume, uma poetisa de merito real, tendo conseguido conquistar o seu logar entre a fileira mais distincta das mais distinctas poetisas portuguezas. Esperamos que as suas faculdades superiores encontrem mais occasiões de se evidenciar porque de quem lança a publico um volume do valor das *Glycinias*, muito ha a esperar.

O elegante volume de versos é editado pela livraria Ferreira, da rua do Ouro.

Chronica da Moda

Lisboa despovoada de elegantes — As praias de Portugal batendo o record da elegancia — As toilettes para noite — Os vestidos de lingerie bordados — Os tailleurs inglezes preferidos no campo — As mussellines de seda e seus derivados — A renda tulle — A descripção duma toilette chegada de Paris — As blusas fieis á rotina — As cachemiras orientaes — O velludo preto é a grande moda da estação — Os sapatos de veludo — Os chales de cachemira da India, dos nossos avós — Os manteaux de setim e chiffon, etc., etc.

A nossa bella Lisboa despovoou-se a pouco e pouco, perdendo completamente o seu ar festivo e a sua estonteante animação, tão caracteristica e portugueza.

Em compensação, pois tudo tem as suas compensações. respira-se melhor, e apesar do excessivo calôr, as noites são amenas e a temperatura agradável e fresca.

Não obstante as considerações que constantemente fazemos no nosso espirito, aneamos tambem por fugir para uma d'essas agradaveis praias tão beneficas, tão tonicantes para a combalida saude de um anno de excessivo trabalho, e de... saudades do mar!

Repousar das fadigas physicas e moraes que a vida constantemente nos dá, e docemente embalada pelos canticos das aves e pelas orchestrações alegres da prodigiosa e bella natureza, renovar forças e aspirar alentos para as luctas terriveis de todos os dias.

V. Ex.^{as}, por certo não podem fazer uma pequena ideia da missão da desgraçada chronista!

A estação vae algo adiantada e se não fossem as formosas praias de Portugal que nesta temporada *batem o record* da elegancia, ver-nos-hiamos a braços com a *miseria*... e nada de novo poderíamos dizer que vos merecesse cinco minutos d'attenção.

Nada d'isso acontecerá, porém, visto eu ter tanta e tanta coisa interessante para relatar e quando mais não fosse, o promettimento de chronicas alegres e mundanas acompanhadas dos devidos *cancans* que por essas praias iremos desfructando.

Perdoae-me a *tagarellice* e vamos ao que importa... ás novidades.

As creações recentes não são mais que variações sobre os themas conhecidos. A occupação principal, o que actualmente prende as attensões no mundo elegante feminino, são as *toilettes* para noite, essas maravilhas d'arte que a imaginação humana pôde inventar.

A impressão do conjuncto, a harmonia geral, são coisas que constituem o gosto *raffiné* de manifestações mundanas e n'um sentido mais amplo ainda, o estylo d'uma epocha!

A nossa tem feito certamente uma revolução e nunca nenhuma outra foi tão discutida. As criticas e as troças podiam julgar-a ephemera mas é um erro, criticas e troças teem persistido como a moda e se na realidade cer-



UMA «TOILETTE» DA ULTIMA MODA DE LONDRES

A alegria de ver as crianças sans, robustas, fortes e rosadas, consegue-se unicamente administrando-lhes **SOMATOSE.**

tas exagerações que frizam a inconsciencia ou o grotesco são postas de parte pelos *leaders* na elegancia, a linha geral d'estas modas tão altamente discutidas foram adoptadas por todas as senhoras, tendo no emtanto algumas o criterio de encontrar meio de se affirmarem, differenciando o verdadeiro *chic* das ridiculas imitações. Estas pequenas coisas são um verdadeiro mundo e escondem thesouros de gosto, de proporções justas e ainda uma vez é n'este sentido das harmonias que eu acabo de fallar.

Vejamos como a moda se manifesta por exemplo n'este momento:

Os delicados vestidos de *lingerie* bordados, que fazem o encanto das grandes reuniões sportivas, estes, não são o que, verdadeiros e entendidos mestres das modas querem exageradamente apertadas em baixo, roubando toda a gentil flexibilidade, o encanto, por assim dizer da mulher; não querem as fórmulas direitas, estreitas, certamente fazendo a *silhouette* fina e alongada, mas cahindo frouxamente sobre um forro de seda mole, que é reduzido a mais extrema estreiteza.

Para o campo, onde a concorrência é pequena, são preferidos os *tailleurs* inglezes. São sempre praticos, commodos e muito elegantes.

A *musseline* de seda e seus derivados, como gaze *chiffon*, gaze *royale linon* de seda e outros conservam-se fieis e sempre a favor das elegancias *raffines*, mas, a renda tulle não quer ceder e com razão, o seu precioso logar.

É exclusivamente a ella que uma das grandes casas *chics* de Paris, confia a interpretação dos seus modelos tão encantadores. A renda tulle, genero applicação, tulle bordado a sou-tache incrustada de pequeninos florões debruados nas extremidades de maneira a fazer relevo sobre o fundo, tudo isto se presta ás mil maravilhas, a esses longos vestidos direitos com as suas tunicas abertas dos lados.

Este genero de bordado á ingleza applica-se sobre todos os tecidos finos como *taffetés* flexiveis, *tussor*, *voiles* de seda e algodão e *toiles*. Póde ser bordado a côres, o que é muito bonito, mas, aconselharemos as nossas amáveis leitoras a que o branco será fatalmente preferido pelas senhoras praticas e talvez até mais elegantes.

Tinhamos previsto no inverno que seria esta a orientação em genero bordados, constituindo uma encantadora phantasia para os vestidos de lavar. Começam a ser devidamente apreciadas com um successo enorme as simples e engraçadas incrustações em *cretone* sobre os tecidos leves e transparentes.

É uma nota alegre que dá frescura e novidade ás *toilettes* de noite.

Devido á gentil amabilidade d'uma das senhoras mais elegantes da nossa sociedade, foi-nos permittido admirar um d'esses vestidos chegados ha poucos dias de Paris. O vestido que reúne a uma simplicidade encantadora um *chic* admiravel, d'uma completa novidade para nós, é em renda tulle; a saia direita e curta tem em baixo uma incrustação de *cre-*

tone, formando grinalda de rosa, d'um tom um pouco vivo quasi cereja.

A blusa, feitiço *kimono*, tem a meio do corpo a mesma guarnição da saia, assim como em volta do decôte, sendo esta um pouco mais pequena. Completa esta graciosa *toilette* um cinto de seda da côr das rosas, fechando com uma fivella feita do mesmo *cretone* bordado. Dos lados, entre a renda e o forro, partem da cintura umas fitas em seda da côr do cinto que veem prender com umas rosetas das mesmas incrustações no fundo da saia. Este conjuncto de côres e a artistica disposição das guarnições fazem uma *toilette* admiravelmente bella, frêscas e cheias de novidade. Asseguramos um verdadeiro successo á sua *Dona*, o que não seria para nos espantar, visto que é sempre em toda a parte considerada *arbitro* em elegancia.

Aconselhamos as gentis leitoras d'esta chronica, que experimentem este simples bordado que bem confeccionado, lhes dará uma graciosa e linda guarnição. Terá o nosso triumpho e a inveja das que não tenham tido essa feliz lembrança.

As blusas continuam na sua *rotina* porque difficilmente poderão ser substituidas pela commodidade que offerecem. Fazem-se em rendas, tulles, cambraias e batistes. Estas, são para acompanharem as saias brancas em genero algodão e sarjas. Para o vestido *tailleur* completa-se com as *chemisettes* em tecidos japonezes, em *chiffons* de duas côres para fazer o tom do vestido. Tambem se fazem em sedas lavaveis, em sedas bordadas (suissas) que qualquer pessoa pode fazer pela simplicidade de confecção.

Muitas senhoras, consideradas pelo seu bom gosto não abandonaram as *cachemiras* orientaes que são na realidade muito bonitas e se prestam a fazer vestidos simples e elegantes.

O velludo preto é a grande moda da estação, vendo-se nos chapéus, nos vestidos, nas sombrinhas e até nos sapatos!

A sombrinha de velludo *daublée* de crepe da China, ou *liberty* da côr dos vestidos, a maior novidade n'esse genero.

Os sapatos de velludo preto são especialmente usados com vestidos brancos.

A moda actual distingue-se pela sua grande variedade e independencia phantastica e livre. Para uma senhora ser elegante, precisa apenas de muita arte, ousadia e habilidade na associação das côres e harmonia dos tecidos.

Com todos estes *predicados* consegue salientar-se, até mesmo n'um grande meio.

Um agasalho leve e ao mesmo tempo que nos preserve das humidades do outono é essencialmente preciso e indispensavel. Para isso temos agora a mais recente novidade.

Os chales de cachemira da India, os que serviram d'agasalho elegante ás nossas avós, são agora artisticamente aproveitados para

d'elles se fazerem elegantes e confortaveis *manteaux*.

A sua originalidade está na maneira de os confeccionar, o que deve ser, segundo um bom modelo, feitto *kimono*. Podem ter umas barras de setim preto, ou então aproveitam-se-lhes as suas proprias franjas. E' o verdadeiro *manteaux* para casinos e hotéis, rivalizando com os de setim e *chiffon*, igualmente *chics*.

Aqui tem as nossas queridissimas leitoras o que lhe podemos dizer em novidades e cremos bem que não ficarão mal impressionadas com esta chronista, não direi d'agua doce, mas de *doces palavras*... Por essas praias elegantes onde a phantasia nos levar, não deixem V. Ex.^{as} de rir, de dançar e de se divertirem porque o tempo que passa não volta mais, e depois... que saudades!!...

Real Associação Naval

Passeio ao Alfeite



UMA LARGADA



UM ASPECTO DA ASSISTENCIA

Foi interessantissimo, repleto de peripecias, o passeio que a Real Associação Naval organizou á quinta do Alfeite e a «gimkana» que se lhe seguiu. Reproduzimos alguns dos aspectos d'essa diversão.

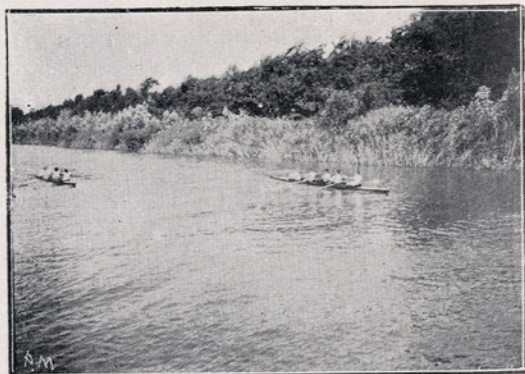
A regata da Azambuja

Decorreu magnifica, entusiastica, a regata que a 24 do passado mez de julho se effectuou na Azambuja, disposta e levada a effeito pelo Real Club Naval de Lisboa e a que concorreu grande numero de senhoras.

Inserimos abaixo diversos incidentes d'essa manifestação desportiva.



O HIATE A VAPOR DO SR. HOLBECHE
CONDUZINDO SUA ALTEZA O PRINCIPE REAL



OUTRIGGERS DE QUATRO REMOS



BARCO TRIPULADO PELAS SR.^{as} GUDRUN WILARG
E MILDA WILARG
TIMONEIRO, JOÃO ROCHA LEÃO

José da Purificação Coelho

Acaba de concluir o curso de architecto o sr. José da Purificação Coelho, que com bello aproveitamento e brillantismo cursou as respectivas cadeiras na Academia de Bellas Artes.

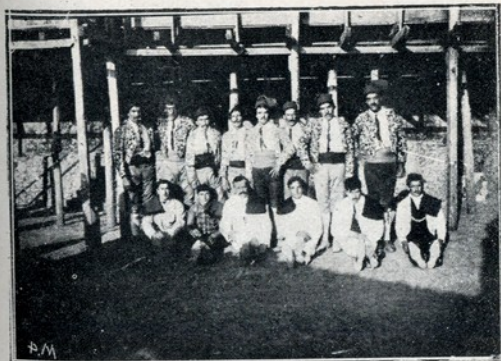
Purificação Coelho foi não só um estudioso alumno que pela sua applicação mereceu sempre a consideração dos seus professores, mas tambem um bello camarada que de cada condiscipulo soube fazer um amigo.



Purificação Coelho que em breve se vae entregar aos labores da carreira a que se dedicou, seguirá por certo a escola de seu pae o sr. Thomé da Silva Coelho, que tendo-se volado ao mesmo mister, soube pela sua competencia, honradez e seriedade conquistar a estima de todos que com elle tratam.

Tourada de amadores em Cintra

O spectaculo taumachico é ainda um dos preferidos para a beneficencia. A nossa gravura representa um grupo de denodados amadores que tomou parte n'uma d'essas festas.



UM VALENTE GRUPO DE LIDADORES

Theatros

«Os Lazaristas» e o actor Joaquim d'Almeida. — Ao falarmos do drama de Antonio Ennes, *Os Lazaristas*, ultimamente levado á scena no theatro *Etoile*, situado na calçada da Estrella, parece chegar-nos ainda aos nossos tympanos, os retumbantes applausos que a peça obteve, em todos os theatros de Portugal, desde o Gymnasio, onde se realisou a sua primeira representação. Poucas são as peças que em Portugal teem alcançado um tão ruidoso successo e conseguido levantar tanta ce-leuma, como esta obra do sr. Ennes, principalmente em Braga, onde, se não estamos em erro, Joaquim d'Almeida no papel de protogonista, foi alvo de bastantes manifestações hostis, que mais valorisaram o seu admiravel trabalho.

Em abono da verdade, porém, deve dizer-se, que tão grande exito veio unicamente da occasião e não do valor da peça que, a nosso vêr, representa o peor trabalho theatral do distincto escriptor, que foi Antonio Ennes.

Muito e muito superior é o drama *O Saltimbanco*, original do mesmo auctor, e comtudo bem inferior foi o exito que obteve; nem parece ter sahido da mesma penna. Deixemos, porém, em socego as camadas poeirentas que cobrem a peça *Os Lazaristas*, e aproveitêmos a occasião que se nos offerece, para prestar uma justa homenagem a Joaquim d'Almeida, artista de alta valia, e que, sem d'úvida, para quantos se interessam por coisas de theatro, se torna doloroso vel-o representar com artistas de mediocre categoria — excepção feita ao actor Luciano — e n'um theatro ainda bem mais insignificante do que aquelle onde, n'estes ultimos tempos, tem exhibido um repertorio em completa desharmonia com o seu elevado merito.

Joaquim d'Almeida é o que se chama um actor na verdadeira accepção da palavra. Attesta-o bem alto, a sua enorme galeria artistica; citamos ao acaso, as peças: *Os Lazaristas*, *O Saltimbanco*, *O drama do poço*, *Nitouche*, *Morte civil*, *As duas bengalas*, *Luíz XI*, *A sr.^a Ministra*, *Os Pimentas*, *O papá Lebonnard*, etc., etc., onde exuberantemente brilha o seu enorme talento.

Conhecedor da scena como poucos, para elle não ha papeis fracos, uma simples rabula, como se diz em linguagem de bastidores, valorisa-se quando lhe é confiada, e d'isso deu sobejas provas ainda ha bem pouco tempo no Gymnasio.

Ha quem diga que Joaquim d'Almeida nunca estudou um papel, dando logar o facto ao abuso excessivo do ponto. Não é verdade; o que é certo, é que a sua intelligencia abrange com facilidade o typo a interpretar, que a simples leitura d'um papel lhe basta para conhecer a feição real da personagem, e que, se a memoria, hoje mais fraca, o atraicôa, elle, conforme o tempo que mediou desde a *deixa* até ao pronunciar da phrase que tem a dizer, lhe imprime a precisa inflexão, de fórma que ella nada perde do seu valor. Ora isto sómente se

consegue, quando se é, como Joaquim d'Almeida, um grande artista. E' caso para dizer aos invejosos que procuram deprimir-lhe o valor que «quem com ferro mata, com ferro morre!

Pois este artista, vê-se na necessidade de representar em theatros de infima ordem e

que seguem n'uma ordem crescente de interesse, a que se junta um bom scenario e um desempenho muitissimo harmonico. A questão Dreyfus é moldada sobre intrigas jesuíticas e militares, que levaram Dreyfus á condemnação, surgindo d'entre ellas, a figura sympathica de Zola, conseguindo a peça, como é facil de prever, agitar a platéa que rompeu em applausos, aos que interpretavam as personagens julgadas boas e em pateada, aos que tinham a seu cargo as personagens suppostas *tjrnans*.

Além do actor Alves da Silva, distinguiram-se no desempenho as actrizes Adelina Nobre, Cecilia Neves, Virginia Nery, e os actores José Monteiro, Joaquim Silva, Sacramento e Araujo Pereira.

Rua dos Condes. — Mais uma revista de Baptista Coelho e André Brun, com o titulo *O diabo que o carregue*, sobe todas as noites á scena, no theatro da Rua dos Condes, o que prova ter cahido no agrado do publico. Diremos, porém, que das peças dos mesmos auctores é a menos feliz, mostrando ter sido escripta um tanto sobre o joelho. Mas agrada ao

nosso publico, que todas as noites, enche o theatro e crêmos que o auctor não pensou conseguir outra coisa.

Os theatros, porém, que presentemente atingem a méta da novidade, são os da *Feira d'Agosto*: Theatro Chalet, empreza Julia Mendes e direcção Alvaro Cabral, com a revista *Zig-Zag*; Theatro Chalet Avenida, com a revista *Em aguas de bacalhau*, e o theatro Chalet Trindade, com a revista *Duras de roer*.

Uma alluvião!... Chalets... e revistas!! Mas, todas as noites estão... *á cunha!*

H. O.



SALÃO PHANTASTICO

A peça phantastica «O Jardim do Regedor»

com *collegas*, cujos nomes são completamente desconhecidos no nosso meio theatral!...

Trindade. — Uma companhia sob a direcção do actor Alves da Silva, levou á scena o drama *Conselho de guerra*, cujo assumpto é a questão Dreyfus, que durante um largo periodo de tempo, tanto prendeu a attenção de todas as nações.

Como principal figura da peça, ha a que representa Emilio Zola e foi interpretada pelo actor Alves da Silva, com muita correcção.

A peça tem lances dramaticos d'uma grande intensidade, uma boa disposição nas scenas,

FARINHA
LACTEA

NESTLÉ

Alimento completo para crianças e
pessoas edosas.



Musica dos SERÕES



Côro de Judas Machabeu

DE

G. F. HÄNDEL



Côro de Judas Machabeu

Mestoso.

G. F. Händel.

The musical score consists of six systems, each with a treble and bass staff. The key signature is one sharp (F#) and the time signature is common time (C). The tempo is marked *Mestoso.* and the dynamic is *mf*. The score includes various musical notations such as notes, rests, slurs, and fingerings. Fingerings are indicated by numbers 1-5 above or below notes. The piece features a variety of rhythmic patterns and melodic lines, with some passages marked with accents or slurs. The bass line often provides a steady accompaniment with chords and moving lines, while the treble line features more melodic and rhythmic complexity.